

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O presente volume foi organizado pela Comissão Euclides da Cunha, criada na sessão plenária do dia 02/10/2008, por indicação do Presidente Cícero Sandroni.

A Comissão é constituída pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho (presidente), Affonso Arinos de Mello Franco e José Murilo de Carvalho.

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 EUCLIDES DA CUNHA
TRABALHOS ESPARSOS

Rio de Janeiro 2009

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Mindlin

José Murilo de Carvalho

Produção editorial

Monique Mendes

Coordenação

Maria Celeste Garcia

Revisão

Flávia Amparo

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

C972 Cunha, Euclides da, 1866-1909.

Trabalhos Esparsos de Euclides da Cunha / Organizadores, Alberto Venancio Filho, Afonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho. – Rio de Janeiro : ABL, 2009.

224 p. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; v. 91)

ISBN 978-85-7440-130-0

I. Literatura brasileira. I. Venancio Filho, Alberto, 1934- . II. Arinos, filho, Afonso, 1930- . III. Carvalho, José Murilo de, 1939- . IV. Título. V. Série.

CDD B869

Apresentação

CÍCERO SANDRONI

Para Olímpio de Souza Andrade, infatigável estudioso da obra euclídiana, *Os Sertões* constituiu o grande diálogo que seu autor armou, da natureza com a História do Brasil. Em outros trabalhos, de menor escopo, Euclides prosseguiu na construção desse diálogo, ampliado para outros setores da vida nacional e que por sua análise percuciente e, em certos casos, profética, permanece atual em nossos dias.

Em boa hora a Comissão, designada na ABL para as comemorações do centenário da morte do escritor, resolveu recolher alguns desses textos em um só volume, nos quais o estilo e o talento de Euclides da Cunha na oratória, nos prefácios, em conferências ou na crônica de jornal, demonstram sua visão ampla e multifacetada dos problemas brasileiros.

Sua bibliografia se engrandece com este *Trabalhos Esparsos*, onde o leitor encontrará subsídios para a compreensão da obra e da vida do homem cujo único compromisso com o destino era dedicar-se ao estudo para explicar o Brasil aos seus contemporâneos e à posteridade.



Euclides da Cunha

☆20 de janeiro de 1866

†15 de agosto de 1909

Introdução

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, designou uma Comissão para organizar as comemorações do centenário da morte de Euclides da Cunha, ocupante da Cadeira 7.

A Comissão elaborou um programa com um ciclo de doze conferências e duas mesas-redondas, com o propósito de abranger de forma ampla o estudo e a análise da obra do ilustre escritor. Para dar maior repercussão a essas comemorações, organizou este volume – *Trabalhos Esparsos* –, com trabalhos e artigos pouco conhecidos do escritor de *Os Sertões*.

Assim, os discursos de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Academia Brasileira de Letras e respectivos discursos de resposta, a única conferência por ele pronunciada “Castro Alves e seu tempo”, e os prefácios para os livros *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho e a carta-prefácio para o livro *O Norte (Impressões da Viagem)*, de Osório Duque Estrada.

Acrescentou-se ao volume as provas escrita e oral do concurso de Lógica do Colégio Pedro II, assim como dois artigos: “A Nossa Vendaia”, publicado em *O Estado de São Paulo*; “A Última Visita”, sobre a morte de Machado de Assis, publicado no *Jornal do Commercio* e, ainda, texto inacabado de recensão sobre *Um Atlas do Brasil*, de Barão Homem de Melo.

Sumário

∞ *Discursos*

Academia Brasileira de Letras 3

 Posse na Academia Brasileira de Letras..... 4

 I: Discurso do Sr. Euclides da Cunha..... 4

 II: Resposta do Sr. Sílvio Romero 29

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 87

 Posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ... 88

 I: Discurso do Sr. Euclides da Cunha..... 88

 II: Resposta do Sr. Conselheiro Manuel Correia..... 92

∞ *Conferência*

Única conferência 95

 Castro Alves e seu Tempo..... 96

∞ *Prefácios*

Inferno Verde, de Alberto Rangel..... 123

 Preâmbulo..... 124

Poemas e Canções, de Vicente de Carvalho 135
 Antes dos Versos 137
O Norte (Impressões de Viagem), de Osório Duque-Estrada ... 153
 Carta Prefácio (24 de julho de 1908) 155

 *Concurso*

Provas de Concurso. 159
 A verdade e o erro 161
 A ideia do ser 168

 *Outros escritos*

Dois artigos 185
 1. A Nossa Vendaia 186
 2. A Nossa Vendaia 192
Depoimento: morte de Machado de Assis 199
 A Última Visita 200
Trabalho inacabado. 203
 Um atlas do Brasil 204

 DISCURSOS

Academia Brasileira de Letras

Euclides da Cunha teve o nome apresentado por José Veríssimo na vaga de Valentim Magalhães, com o apoio discreto de Machado de Assis e ostensivo do Barão do Rio Branco, mas, para o seu temperamento, a ansiedade da campanha foi grande. Eleito em 21 de setembro de 1903 para a Academia, com a expressiva votação de 25 votos, teve como concorrentes Xavier Marques, Domingos Olímpio e Silvino Gurgel do Amaral.

Viajando em seguida para a Missão do Alto Purus, só retornou ao Rio em final de 1905, com a tarefa ainda de preparar o Relatório da Missão e só tomaria posse em 18 de dezembro de 1906, recebido por Sílvio Romero.

Euclides analisa a figura do patrono Castro Alves e se dedica a estudar a figura do antecessor Valentim Magalhães, como representante da Ideia Nova e que “se esforçou de corpo e alma no turbilhão sonoro e fulgurante da existência”.

Sílvio Romero estuda a obra de Euclides “uma das obras-primas da mentalidade nacional”, mas acrescenta uma crítica severa da situação política e da atuação dos governos.

POSSE NA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

I

DISCURSO DO SR. EUCLIDES DA CUNHA*

SESSÃO SOLENE EXTRAORDINÁRIA
DO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1906

Há dois anos entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, “que já é rio e ainda é oceano”, tão ineridos estes fâcies geográficos se mostram à entrada da Amazônia.

Mas contra o que esperava não me surpreendi...

Afinal, o que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista. De permeio baixios indecisos, varridos das maretas, mal desenhando-se grosseiramente à tona, à maneira de caricaturas de ilhas; ou ilhas rasas, meio sorvidas pelas marés, encharcadas de brejos – uma espécie de naufrágio da terra, que se afunda e braceja convulsivamente nos esgalhos retorcidos dos mangues... Por cima os céus, resplandcentes e vazios, recortando-se no círculo perfeito dos horizontes como em pleno Atlântico. Nada mais.

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou

*  *Discursos Acadêmicos* da Academia Brasileira de Letras. Tomo I; pp. 249-268. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

as impressões “gloriosas” de Walter Bates, retraí-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos, os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis onde alguns períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se, inexpressivos e vazios.

Desci para um escaler. Saltei em Belém. E a breve trecho achei-me naquele Museu do Pará, onde se sumariam as maravilhas amazônicas.

Lá encontrei dois homens: Emílio Goeldi, que é um neto espiritual de Humboldt, e o Dr. Jacques Huber, menos conhecido, botânico notabilíssimo, bem que nada nos recorde dessas figuras oleográficas de sábio saxônico, de faces engelhadas e ralas farripas melancólicas.

É um espírito sutilíssimo servido por um organismo de atleta, entroncado e maciço: *vir quadratus*, como deve ser o naturalista, porque as ciências naturais exigem hoje uma sorte de titãs pensadores, em que os músculos cresçam com o cérebro, por maneira que a inervação vibrátil e poderosa se justaponha a uma compleição inteiriça e resistente, feita para as rudes batidas no deserto. Aquele sábio resolve um passeio de seiscentas léguas, de Belém às margens do Ucayale, em menos tempo que qualquer de nós uma viagem até a Gávea.

Atravessei a seu lado duas horas inolvidáveis – e ao tornar para bordo levei uma monografia onde ele estuda a região que me parecera tão desnuda e monótona.

Deletreei-a a noite toda; e na antemanhã do outro dia – um daqueles *glorious days* de que nos fala Bates, subi para o convés de onde, com os olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas,

lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

Compreendi o ingênuo anelo de Cristóvão da Cunha: o grande rio deveria nascer no Paraíso.

Atentei outra vez nos baixios indecisos, nas ilhas ou pré-ilhas meio diluídas nas marejadas – e vi a gestação de um mundo. O que se me afigurara um bracejo angustioso era um arranco de triunfo. Era a flora salvando a terra numa luta onde vislumbra uma inteligência singular: aqui, enfileirando as aningas de folhas rijas, rebrilhantes e agudas à feição de lanças, em estacadas unidas para o combate das águas; além, estendendo diante das correntezas refertas de sedimentos os retiários e os filtros das canaranas e dos aturizais; por toda a banda, alongando e retorcendo os tentáculos flexíveis dos mangues em urdiduras inextricáveis, em cujas malhas infinitas o lodo quase diluído vai transmudando-se em solo resistente; inventando depois a anomalia dos arbustos-cipós e ajustando sobre tudo aquilo os longos traços de união dos galhos estirados das apuiranas e dos juquiris – até acavar-se no primeiro *firme*, que se vai construindo um alto miritizeiro, abrindo no azul os seus enormes leques sussurrantes e prenunciando a floresta que vem logo após, impressionadora e majestosa, destruindo de repente toda a monotonia daquela imensidade nivelada com as frondes das samáimas, altas e redondas, a ondearem nos sem-fins das paisagens como se fossem colinas...

Compreendi os mesmos céus resplandecentes e limpos: e que a terra toda surge à flor das águas e emerge mais e mais, crescendo na ascensão da seiva das florestas atraídas vigorosamente pelas energias incomensuráveis da luz.

Proseguí a viagem sob um novo encanto, mas com uma preocupação desanimadora.

Com efeito, a nova impressão, verdadeiramente artística, que eu levava, não ma tinham inspirado os períodos de um estilista. O poeta que a sugerira não tinha metro, nem rimas: a eloquência e o brilho dava-lhos o só mostrar algumas aparências novas que o rodeavam, escrevendo candidamente a verdade. O que eu, filho da terra e perdidamente namorado dela, não conseguira, demasiando-me no escolher vocábulos, fizera-o ele usando um idioma estranho gravado do áspero dos dizeres técnicos. Avaliei então quanto é difícil uma coisa trivialíssima nestes tempos, em que os livros estão atulhando a terra, escrever...

E aquela preocupação, meus eminentes Confrades, é a mesma que me constrange no momento de ocupar a Cadeira que solicitei e a vossa bondade me emprestou. Não sendo esta investidura uma consagração, mas um tácito compromisso de altear-me por outros trabalhos até a vossa nobilitadora simpatia, imaginai os meus desalentos diante de uma tal empresa.

O caso que vos citei é expressivo. Delata que me desviei sobremodo dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo, tão imperioso por vezes que faz o escritor um minúsculo epítome do universo, capaz de o interpretar *a priori*, como se tudo quanto ele ignora fosse apenas uma parte ainda não vista de si mesmo.

Escritor por acidente — eu habituei-me a andar terra a terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de ordem física adstritos às leis mais simples e gerais; e como é nesta ordem de fenômenos que se aferem, mais de pronto, as transformações contínuas da nossa inteligência, vai-se tornando mais e mais difícil esse abranger os caracteres preexcelentes das coisas, buscando-lhes as relações mais altas e formadoras das impressões artísticas, ou das sínteses estéticas.

Realmente, ao contrário do que se acredita, no terreno maciço das indagações objetivas, ao rés das existências, há uma crescente instabilidade. O poeta, o sonhador em geral, quem quer que se afeiçoe a explicar a vida por um método exclusivamente dedutivo, é soberano no pequeno reino onde o entroniza a sua fantasia. Nós, não. Os rumos para o ideal baralha-no-los o próprio crescer do domínio sobre a realidade, como se à hierarquia lógica dos conhecimentos positivos acompanhassem, justalinearmente, as nossas emoções sempre mais complexas e menos exprimíveis. Sobretudo menos exprimíveis. No submeter a fantasia ao plano geral da natureza, iludem-se os que nos supõem cada vez mais triunfantes e aptos a resumir tudo o que vemos no rigorismo impecável de algumas fórmulas incisivas e secas. Somos cada vez mais frágeis e perturbados. No perpétuo desequilíbrio entre o que imaginamos e o que existe, verificamos, atônitos, que a idealização mais afogueada apagam-no-la os novos quadros da existência. Mesmo no recesso das mais indutivas noções, não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no *radium*, e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil; ou entram, improvisadamente, pelos laboratórios, renascidas, as quimeras transcendentais dos alquimistas... Assim, “diante da realidade crescente – consoante o dizer do menos sonhador dos homens, Rumford – o nosso espírito está em contato com um maravilhoso que faz empalidecer o de Milton. Imaginai uns tristes poetas pelo avesso; arrebata-nos também o sonho, mas, ao invés de projetarmos a centelha criadora do gênio sobre o mundo que nos rodeia, é o resplendor deste mundo que nos invade e deslumbra”.

Avaliai, portanto, os meus embaraços ao ocupar a cadeira de Castro Alves. Estou, mais uma vez, ante uma grandeza que à primeira vista não

admiro, porque não a compreendo. O que diviso é dúbio e incaracterístico: certo, um grande lírico, entre os maiores engenhados pela nossa ardente afetividade, mas como tantos outros que aí andam, dobrando os joelhos diante de todas as virtudes e aformoseando todos os pecados. Recito-lhe os versos; e a breve trecho, sobretudo se insisto na maneira que tanto o extrema dos demais cantores, o meu espírito fatiga-se, sem essa intensa afinidade de estímulos que forma o parentesco virtual entre o pensador e os que o leem. Por fim, quedo-me atônito ante uma espécie de Carlyle da rima – extravagante, genial, rebelde – que nos abala poderosamente em cada verso, mas cuja ação é infinitamente breve, como a de uma pancada percutindo e morrendo ao fim dos hemistíquios. Fascinado pelo fulgor de sua idealização exagerada, assisto ao abstruso de uma mascarada indescritível, onde se misturam, emparceirando-se nas mesmas farândolas tumultuárias, reis decaídos, pontífices em apuros, heróis “que tropeçam na eternidade”, mártires a entrarem, trôpegos e aos cambaleios, pela história dentro, “estatuários de colossos”, e caboclos nus, espantados... Aqui, “as cortinas do infinito” descerradas à perspectiva de novos continentes; além, a cordilheira de píncaros fantásticos que, “como braços alevantados, apontam para a amplidão”; mais longe, dentre um fragor de rimas clangorosas,

Os oceanos em tropa,

e a imaginativa esgota-se acompanhando o desmedido de um arrancado voo de leviatãs alados, que passam, imprimindo nos cenários o trágico pré-esquiliano das remotas idades geológicas... Tudo isto a tumultuar entre as fronteiras da geografia romântica de um mundo todo errado, que durante algum tempo teve o polo norte em Jersey e o polo sul em Santa Helena.

O infinito acode submisso ao reclamo das rimas imperativas, e Deus – um Deus democrata e meio voltairiano – associa-se de boa sombra àquele desvairado panteísmo, e desce a toda hora das alturas assumindo a chefia dos povos, ou bradando com ingênuo entusiasmo: marchar...

Ora, ante estas coisas imponentes e frágeis, tornam-se à primeira vista opináveis o renome e o valor de tão incorrigível fabricante de quimeras. Hoje as suas criações singulares sobressalteiam, não como vem. Reconhecemo-nos do melhor grado incapazes de fazê-las, consolando-nos com o reconhecer que não precisamos realizá-las e que, se as fizéssemos, teríamos feito muito pouco.

Mas este conceito é, evidentemente, precipitado e falso... Diante destas grandezas morais, como diante das grandezas físicas, a nossa admiração tem ainda muito do espanto inexpressivo dos selvagens. Castro Alves, como outros representantes naturais da nossa raça, é ainda um incompreendido – porque assim como não temos uma ciência completa da própria base física da nossa nacionalidade, não temos ainda uma história. Não aventuro um paradoxo. Temos anais, como os chineses. À nossa História, reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa, falta inteiramente a pintura sugestiva dos homens e das coisas, ou os travamentos de relações e costumes que são a imprimeira indispensável ao desenho dos acontecimentos. Está como a da França antes de Thierry. Não lhe escasseiam fatos, episódios empolgantes e alguns atores esculturais que embalem o nosso orgulho.

Mas o seu discurso é obscuro – e desdobra-se tão mecanicamente e sobremaneira monótono que nos não permite ouvir, através do estilo incolor dos que a escreveram, a longínqua voz de um passado que entre nós falou três línguas. É talvez certa, torturantemente certa, no fixar não sei quantas datas e lugares, ou compridos nomes de bispos e governadores, mas fala-nos tanto da alma brasileira como a

topografia nos fala das paisagens. Lendo-a e relendo-a, acode-me sempre o pensamento de Macaulay no demarcar nesta esfera literária um domínio comum da fantasia e da razão, destinado aos eleitos que sejam ao mesmo passo filósofos e poetas; — porque, se tivemos um Porto Seguro e um Roberto Southey para relacionarem causas e efeitos e respigarem nos velhos acontecimentos algumas regras de sabedoria política, certo ainda não tivemos um Domingos Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distância do passado e, num evocar surpreendente, trouxesse aos nossos dias os nossos maiores com os seus caracteres dominantes, fazendo-nos compartilhar um pouco as suas existências imortais...

Se tal acontecesse eu não me demoraria tanto diante da memória sagrada do poeta.

Recordaria, apenas, de relance, a mais nobre das nossas lutas: a campanha abolicionista, que vindo do princípio ao fim do século XIX, da ditadura mansa de D. João VI aos últimos dias do Império, de Hipólito da Costa a Joaquim Nabuco, foi a “guerra dos cem anos” da liberdade civil neste país. E considerando-a, se não na sua fase mais decisiva, no seu período mais brilhante, em que tanto a aviventaram as mais ardentes emoções estéticas, eu não me afadigaria em alinhar tantas frases inexpressivas.

Recitaria as “Vozes d’África”...

Então o que se nos afigura um quimerizar adoidado resultaria lógico; e naquelas visões radiosas veríamos os reflexos de um ideal, aparecendo na esplêndida desordem de inesperado triunfo, depois de longo sequestro pelos desvãos mais obscurecidos do passado. E assentáramos que aquela palavra, onde havia as esperanças de uma raça titânica, que durante trezentos anos trouxe ao colo a nossa nacionalidade criança, graças à cândida afetividade selvagem que lhe modificara os

ímpetus da revolta – aquela palavra para ser artística, para ser a expressão vibrante de uma realidade dolorosa, para ser sincera e, portanto, simpática, senhoreando os corações e irmanando-os solidários e unidos diante do destino e da vida, devia ser o que foi, nas suas cruezas, nos seus lances ensofregados, nos seus atrevimentos, nas suas rebeldias, nas suas obscuridades cindidas de repentinamente resplendores, no fragor de suas sílabas agitadas a zinjarem, a estourarem, a crepitarem e a retinirem como ressonâncias de batalhas, no vulcanismo de suas imagens rútilas e adustivas, nos estiramentos de suas hipérboles, nas transfigurações de suas metáforas, no bíblico formidável de suas apóstrofes, no simbolismo maravilhoso de suas alegorias, no entrecocar-se de suas antíteses sucessivas – e até naquele abuso imoderado do infinito, onde se denuncia a tendência a universalizar-se do poeta.

A este propósito acode-me um pensamento de Littré: “Se a *Ilíada* com toda a sua mirífica poesia aparecesse perfilhada pela arte do nosso tempo, seria informe e pueril.” Por outro lado, Dante se vivesse dois séculos antes desapareceria entre os trovadores anônimos; Shakespeare no século XIV seria um fazedor de “Mistérios” – e nestes dias não escreveria *Macbeth*, escreveria os *Espectros*, assinando-se Ibsen...

Se se explicam estes gênios estranhos à luz do princípio geral da relatividade, por que não o aplicar também ao grande poeta?

De mim não o justifico apenas. Admiro-o. Qualquer que seja a nossa altitude vindoura, teremos sempre nas 40 páginas do *Manuscrito de Estênio* os estímulos mais nobres do passado.

Elas estão para o nosso destino como as singulares *Canções da Espada*, de Th. Kœrner, e os singularíssimos *Sonetos Couraçados*, de Fred Ruckert, para os triunfos imponentes da Alemanha. Certo, não deleitam mais, e não há aí miopia intelectual que não lhes veja defeitos. Passaram. Mas ligaram para sempre, sob a inspiração de uma bondade varo-

nil, os melhores aspectos do nosso heroísmo aos aspectos mais encantadores da nossa força.

Castro Alves foi dos nossos últimos românticos. Depois dele, em todo o período que vem de 1875 até hoje, temos mudado muito e vamos mudando ainda, sem que se note uma situação de parada, das que se fazem ao menos para se avaliar quanto se andou.

É natural. Realizamos duas empresas a que nos impeliam as nossas tradições e vamos agora arrebatados nas correntes novas que delas se derivaram. Mas, infelizmente, a par destas energias próprias, tivemos-las estranhas. O quinquênio de 1875-1880 é o da nossa investidura um tanto temporã na filosofia contemporânea, com os seus vários matizes, do positivismo ortodoxo ao evolucionismo no sentido mais amplo, e com as várias modalidades artísticas, decorrentes, nascidas de ideias e sentimentos elaborados fora e muito longe de nós.

A nossa gente, que bem ou mal ia seguindo com os seus caracteres mais ou menos fixos, entrou, de golpe, num suntuoso parasitismo. Começamos a aprender de cor a civilização: coisas novas, bizarras, originais, chegando, cativando-nos, desnorteando-nos, e enriquecendo-nos de graça. A inteligência brasileira sentia a ventura radiosa da Cendrillon pompeando o fausto gratuito de uma fantasmagoria simpática. Diante de novos descortinos mais amplos, partiu a cadeia tradicionalista que se dilatara até aquele tempo com Alencar e Porto-Alegre, e atirou-se para a frente quase envergonhada da sua situação anterior, que entrou a desquerer, repulsando os seus melhores nomes, e sugerindo um protesto tranquilo, laivado de elegante ironia, de alguém que teve o ensejo de a ver naquele momento e de acompanhá-la até hoje, até o instante em que vos falo. Sem alentados dizeres, o mestre, que hoje nos preside e guia, apontou então, sorrindo, os perigos de uma avançada sem bandeiras, à semelhança de uma fuga.

Pelo menos tudo aquilo era ilógico. O espírito nacional reconstruía-se pelas cimalthas, arriscando-se a ficar nos andaimes altíssimos, luxuosamente armados. Os novos princípios que chegavam não tinham o abrigo de uma cultura e ficavam no ar, inúteis, como forças admiráveis, mas sem pontos de apoio; e tornaram-se frases decorativas sem sentido, ou capazes de todos os sentidos; e reduziram-se a fórmulas irritantes de uma caturrice doutrinária inatural; e acabaram fazendo-se palavras, meras palavras, rijas, secas, desfibradas, disfarçando a pobreza com a vestimenta dos mais pretensiosos maiúsculos do alfabeto.

Houve então o soleníssimo préstito do Determinismo, da Evolução, do Inconsciente, do Incognoscível, em que se amuletavam, intrusas, algumas velhas carpideiras do romantismo: a Justiça, a Escola e a Liberdade...

Assim, não maravilha que a *nova geração*, do avançar aforrado, não soubesse, afinal, para onde seguir.

Apenas um exíguo grupo se destacou: arregimentou-se em torno de um filósofo; e afastou-se. Ninguém mais o viu — e mal se sabe que ele ainda existe, reduzido a dois homens admiráveis, que falam às vezes, mas que se não ouvem, de tão longe lhes vem a voz, tão longe eles ficaram no território ideal de uma utopia, no dualismo da positividade e do sonho...

O resto ficou numa fronteira indecisa a tatear dentro de uma miragem que, à falta de melhor nome, se chamou durante muito tempo a *Ideia Nova*. Que era a *Ideia Nova*? Eu poderia responder-vos que era uma coisa muito velha, uma curiosa infantilidade de cabelos brancos, ou uma novidade de cem anos — mas prefiro a palavra de um poeta do tempo.

Escutemo-lo:

*Está deserto o céu. No grande isolamento,
Palpita ensanguentado o sol — um coração...*

*Mas os deuses de Homero, o Jeová sangrento,
Alá e Jesus Cristo, os deuses onde estão?*

*Morreram. Era tempo. Agora encara a terra:
Ressoa alegre a forja e sai da Escola um bino.
O gênio enterra o mal em uma negra cova.*

*Deus habita a consciência. O coração descerra
Aos ósculos do Bem o cálix purpurino.
Vem perto a Liberdade. É isto a Ideia Nova.*

Os versos são de 1879 e o poeta, à volta dos 20 anos, chamava-se Antônio Valentim da Costa Magalhães.

Nascido em 1859 nesta capital – aquela data e este lugar são elementos dignos de nota na sua formação.

Já se tem feito um confronto instrutivo dos nossos escritores do Norte e do Sul. Talvez fosse mais útil defrontar os que se formam na orla litorânea, sob a luz variamente refletida da cultura europeia, com os que passam as primeiras quadras no remanso das gentes sertanejas, mais em contato com o gênio obscuro das nossas raças. Neste ponto o regímen moral do Brasil reproduz a sua inegável anomalia climática: varia mais em longitude do que em latitude. Mas não me alongarei por aí. Notarei apenas que os primeiros 15 anos de Valentim Magalhães coincidem com uma fase de profundas mudanças da nossa existência política. De 1860, ao levantar-se o preamar democrático, simbolizado em Teófilo Ottoni e rugindo na “Mentira de bronze” de Pedro Luís, a 1870 e 1875, quando a monarquia perdeu, uma após outra, as muletas da aristocracia territorial e da Igreja – foi tão intensiva a decomposição do antigo regímen que o simples enfeixar as frases acerbas dos

maiores chefes de seus partidos é uma missão de Tácito, e não se compreende que se perdesse tanto tempo para realizar-se o passeio marcial de 15 de novembro de 1889.

Assim a juventude do escritor aparelhava-se para a vida quando em torno a sociedade se alterava, apercebendo-se de novos elementos para existir; e isto precisamente no cenário mais revolto de uma tal metamorfose.

A geração de que ele foi a figura mais representativa, devia ser o que foi: fecunda, inquieta, brilhantemente anárquica, tonteando no desequilíbrio de um progresso mental precipitado a destoar de um estado emocional que não poderia mudar com a mesma rapidez; e a sua vida, a sua carreira literária vertiginosa, toda disposta a nobilíssimas tentativas reduzidas a belíssimos preâmbulos, a nossa própria vida literária, impaciente e doidejante, brilhando fugazmente à superfície das coisas, inapta às análises fecundas pelo muito ofuscar-se com as lantejoulas das generalizações precipitadas.

Nada sei, infelizmente, dos primeiros tempos em que a sua educação se delineou.

Em 1877, contando apenas 18 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo – e daí por diante, sem um hiato, encadearam-se-lhe os dias numa atividade pasmosa.

Assim é que para logo colaborou em três periódicos acadêmicos: a *Revista de Direito e Letras*, o *Labarum*, onde fulgia o esplêndido humorismo de Eduardo Prado, e a *República*, onde Lúcio de Mendonça açacalava as suas rimas golpeantes.

Noviciando nas letras, Valentim revelou de pronto uma jovialidade desbordante, que foi o traço mais duradouro da sua móvel fisionomia literária, e uma aptidão rara para o jornalismo, que a breve trecho, em 1878, o tornou aturado colaborador dos melhores jornais

do Rio e São Paulo. Em 1879 já era autor de três opúsculos, *Ideias de Moço*, *Grito na Treva* e *General Osório*, escritos a duas penas com Silva Jardim, e de um livro de versos, *Cantos e Lutas*, onde lhe germinou o renome.

Precipito, acinte, as datas e os livros. É o melhor comentário à sua carreira.

Em 1880, ainda estudante, desposou a nobilíssima senhora, que tanto lhe aformoseou a vida, e, malgrado os novos deveres adquiridos, escreveu apaixonadamente para a *Evolução*, dirigida por Júlio de Castilhos e Assis Brasil, continuando a colaborar na *Gazeta*, onde imprimiu “Colombo e Nené”, o seu conhecido poemeto.

Fundou a *Comédia* em 1881; traçou-lhe, transcorridos três meses, o gracioso epitáfio – e foi redigir o *Entreato*, com Eduardo Prado, e o *Boémio*, com Raimundo Correia.

Formou-se. Destacara-se notavelmente, granjeando invejável nomeada entre companheiros que se chamavam Júlio de Castilhos, Silva Jardim, Barros Cassal, Teófilo Dias, Eduardo Prado, Ezequiel Freire, Raul Pompéia, Randolpho Fabrino, Lúcio de Mendonça, Assis Brasil, Afonso Celso, Fontoura Xavier, Augusto de Lima, Alcides Lima, Alberto Sales, Pedro Lessa, Luís Murat, Júlio de Mesquita, Raimundo Correia. Cito ao acaso, esquecendo outros comparses no merecimento, apenas para notar que ainda não se congregaram sob os tetos de uma escola tantas esperanças e tão discordes temperamentos – da severa formação política de Castilhos ao evangelho revolucionário de Silva Jardim, da rudeza republicana de Barros Cassal ao monarquismo elegante de Eduardo Prado, ou da melancolia impressionadora de Teófilo Dias ao gracioso humorismo de Ezequiel Freire.

Ora, Valentim foi a figura representativa no meio de tão díspares tendências, por isto mesmo que lhe faltou sempre uma diretriz à ativi-

dade dispersiva. As condições do meio e a sua índole arrastaram-no demasiado à vida exterior e para a sua infinita instabilidade.

Depois de formado, persistiu a aceleração de sua carreira, dissipando em força o que adquiria em movimento.

Em 1882, publicou os *Quadros e Contos*, livro prometedor, onde refulgem páginas descritivas de excepcional colorido, avivadas todas daquela galanteria do escrever, que raro o abandona – e que se acaso o abandona é para tornar maior. Realmente, joeirando-se todos os seus versos escritos em 1883, talvez nos restassem apenas três sonetos; mas estas 42 linhas perduram nas nossas letras como a expressão mais eloquente de uma saudade ao mesmo passo excruciante e encantadora na sua tocante singeleza. Falecera-lhe o pai extremosíssimo, e Valentim, que até então escrevera para toda a parte, num insofregado anelo da consideração coletiva, – surpreendido pela desdita, confiou, chorando, à alma da sua esposa, aquele poema de duas páginas “O nosso morto”, que não preciso recitar-vos, tão vivo ele perdura na vossa memória.

Mas estas transfigurações eram-lhe instantâneas.

Naquele mesmo ano desencadeou na *Gazeta de Notícias* a sua mais viva campanha de franco-atirador do espírito.

Relevai-me o desgracioso símile: as *Notas à Margem* recordam uma escaramuça agitadíssima, estonteadora, sem rumos, à caça do imprevisto, onde não há triunfos nem reveses, e os recontros e os adversários se travam e se distinguem fugitivos, a relanços e aos resvalos, um reconhecimento armado que não para... Porém, o que ali falta no compasso das ideias, sobra na propriedade do dizer e num desvelado apuro de linguagem, que influíram consideravelmente em nosso meio. Muita gente, entre nós, começou a escrever melhor, sob as reprimendas gráceis daquele infatigável caçador de solecismos e persistente fiscal de pronomes insu-

bordinados. Ao mesmo passo na imprensa diária acentuou-se melhor esta forma literária facílíma, que é o artigo do jornal, onde a medida e a intensidade das ideias têm de ceder, não já aos dúbios contornos, capazes de ajustá-las ao maior número possível de critérios, nos limites de uma atenção de quartos de hora, senão também à fluidez de expressão, que lhes permita insinuarem-se nas nossas preocupações, encantando-nos um momento – e passando sem deixarem traços.

Continuemos a resenha.

Em 1884 trasladou ao português, com Filinto de Almeida, *El Gran Galeoto*, de Echegaray – e esta tradução, com as suas rimas e variedade métrica, avanta-se ao original castelhano, onde o drama deriva na cadência única e intolerável dos versos brancos, em redondilha menor.

Fundou, em 1885, *A Semana*, e este periódico, estritamente literário, fez a maravilha, nesta terra e naquele tempo, de durar três anos. Mas para isto, à parte um concurso notável, em que se extremavam, para citar somente os mortos, Urbano Duarte, Raul Pompéia, Alfredo Sousa e Luís Rosa – despendeu o melhor da sua atividade e quanto lhe adviera da herança paterna. Mas não vacilou ante a ruína. Iludia-se quem lhe medisse a fortaleza pela volubilidade. Era um caráter varonil blindado de uma jovialidade heroica. Tinha esse recato do sofrimento que é a única expressão simpática do orgulho. Os seus melhores amigos jamais lhe divisaram desânimos.

O revés não o desinfluiu. Escreveu, em 1886, os *Vinte Contos*; em 1887, *Horas Alegres*; publicou, refundidas, em 1888, as *Notas à Margem*; em 1889, *Escritores e Escritos...* Vede: não há a solução mais breve no duodécênio que percorremos. Não se pula uma data sem pular-se um livro. O escritor violou doze vezes seguidas o *nonum primatur in anno...*

De 1889 a 1895 houve aparente descanso. A República, feita numa madrugada, criara a ilusão de grandes coisas feitas da noite para

o dia. Valentim, como todos, vacilou na vertigem geral. Ordinariamente se acredita que o empolgasse o anseio da fortuna fácil, naquela quadra que a ironia popular ferreteou com o nome de “encilhamento”. Com efeito, salvante alguns artigos esporádicos, o incansável homem de letras parecia mudado num infatigável homem de negócios. E fundou – como toda a gente – uma companhia.

Mas considerai como o sonhador desdenhou as voltas retorcidas dos cifrões e alinhou parcelas como se alinhasse versos; aquela “Educadora”, que se transformou depois numa vulgar companhia de seguros, era uma fantasia comercial. Não segurava vidas, segurava inteligências; e o segurado, em vez de um ajuste sinistro com a morte, a troco de alguns contos de réis, garantia a educação dos filhos.

O devaneio mercantil não vingou. Valentim reavivou-se: e no quinquênio de 1895-1900 continuou a marcar os anos pelos livros e opúsculos: em 95, *Filosofia de Algibeira*; *Bric-à-brac*, em 96; em 97, o seu primeiro romance, *Flor de Sangue*; *Alma e Rimário*, em 98-99 – deixando prontos quatro outros: *Fora da Pátria*, *Na brecha*, *Novos Contos* e *Outono*, que lhe demarcariam, na mesma progressão, os quatro últimos anos de existência...

Uma herança de tal porte não se inventaria num discurso.

Vou agitar alguns conceitos falíveis. Revendo estes volumes, o que para logo se põe de manifesto é uma falta de unidade pasmosa.

O escritor muda no volver das páginas.

Nos *Cantos* e *Lutas*, escuta-se, ao toar solene dos alexandrinos, o lirismo humanista que Pedro Luís divulgara desde 62; e quem quer que admita a ficção das escolas literárias, estuda-o à luz do critério sociológico de Guyau.

De feito, a inspiração não lha diluem lágrimas: é robusta, impessoal, refulgente – e a sua

*... grande Musa austera e sacrossanta,
que para o céu azul os olbos alevanta
banhados no fulgor virgíneo da Justiça*

era sem dúvida sincera. Mas esta linguagem,

cantando herculeanamente as odes imortais,

nunca mais se repetiu. Ao contrário, a poesia filosófica (e falo assim por obedecer à moda, porque uma tal poesia se me afigura tão absurda quanto uma geometria lírica ou a astronomia romanceada de Flammarrion), a poesia “social”, em que tanto importa o subordinar-se a expressão à verdade, teve depois em Valentim um irrequieto adversário.

Nos *Escritores e Escritos* desponta-lhe o antagonismo em dizeres concisos, golpeantes:

“Em literatura a forma é quase tudo. Especialmente em poesia. É preciso ter como Teodoro de Banville o sentimento das palavras... A Forma! eis o grande, o milagroso talismã! Quem o possui atravessa a vida sem conhecer impossíveis aos caprichos do seu gênio.”

A “forma” lá está com F maiúsculo. É o fetichismo do vocábulo. Com efeito, poucas vezes na língua portuguesa a palavra foi tão voluntariosa no violentar ideias, transfigurando-as ou emparelhando-as nas mais bizarras antíteses.

Falando-nos de Junqueiro, por exemplo, diz-nos Valentim em me-nos de uma página:

“A gargalhada de Junqueiro tem a altissonância trágica de Shakespeare e o assobio implacável de Gavroche: é a voz potente de Victor Hugo estridulando com as casquinadas de Aretino. É Voltaire arremangado, dedos na boca, assobian-do a Tiara, às batinas e aos solidéus... É o Ésquilo da troça. Hamleto rufando com as tíbias de Iorik na pança congesta de Tartufo...”

Atalhemos – porque vai por diante este ajuntamento ilícito de ver-bos, substantivos e adjetivos, que se veem juntos pela primeira vez e vi-vamente se repulsam.

Mais expressiva é aquela admiração delirante. Valentim Magalhães era excepcionalmente afetivo. Tudo lhe denuncia um nobre espírito impropriado a agir sem os estímulos de uma ardente simpatia, vincu-lando-o às outras almas.

Esta literatura associada que, em geral, a exemplo dos Goncourts, exige a base da consanguinidade, ele a praticou como nenhum outro, reunindo um irmão legítimo, Henrique Magalhães (com quem escre-veu uma paródia à *Morte de D. João*), a Silva Jardim, a Filinto de Almeida e Alfredo Sousa, nos laços da mesma fraternidade. Não lhe conheço um livro sem uma dedicatória. São raríssimos os seus escritos disper-sos, cujos títulos não tenham logo abaixo um parêntesis guardando o nome de um amigo. A admiração, que é o sintoma mais lisonjeiro de um caráter, rompia-lhe sempre num enorme exagero. Admirou, da-quele jeito, Guerra Junqueiro; admirou C. Castelo Branco, “polígrafo indefesso, formidável, único”; admirou Ramalho Ortigão, “um mes-tre, senhor de todas as verdades do mundo moderno...”; admirou Ma-chado de Assis,

*esse que arranca aos rígidos vocábulos
a música rebelde e fugidia...*

Admirou os seus próprios companheiros. Sendo proeminente na “nova geração”, não desdenhou fazer-se o garboso mestre-sala, para apresentá-la ao país. E o país conheceu-a, em grande parte, através da sua palavra carinhosa. Não preciso exemplificar. No círculo daquela afabilidade irradiante e avassaladora, caíram os que chegavam pouco depois, desde Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac até aos mais obscuros escrevedores da província. A alguns cantou em verso, desde Carvalho Júnior, desaparecido tão moço e a quem conhecemos apenas

como um “meinsinger” loiro, alegre e extravagante,

até alguém que não preciso nomear, tão conhecido nosso é o

*...que esculpido
Tem sonhos, dores, alegrias.
E é príncipe do Reino Unido
Das Harmonias.*

Mas esta afetividade dissipava-lhe o espírito. O seu pendor para o artigo ligeiro é expressivo; é a tendência dos que veem tudo de relance, na ânsia de tudo ver. Relendo os *Vinte Contos*, lastimamos que o escritor nunca se demorasse num assunto.

A “Feira dos escravos”, para citar só um caso, na sua urdidura, onde resplandece um desafogado estilo descritivo, e no seu desenlace empolgante, é o lance, inexplicavelmente abandonado, de um belo romance de costumes.

Não consoavam, porém, a vibratibilidade de Valentim Magalhães e o intrincado episodiar das longas narrativas.

Demonstra-no-lo a *Flor de Sangue*. Nada direi do livro malogrado, onde, entretanto, um velho tema se remoça com uma cativante originalidade de desfecho. Considero apenas que a crítica desaçamada, que o estraçou até à errata final, não disse mais do que o próprio romancista, no prefácio: “O capítulo que primeiro escrevi na intenção de fazê-lo o primeiro do livro, foi o quinto da segunda parte; eu havia principiado pelo fim!”

Constantemente traído pelas melhores qualidades morais, anelando envolver na mesma carinhosa simpatia homens e coisas, todo o seu grande talento se diluía, espalhado pelos aspectos inumeráveis da vida.

Resumo o meu juízo: toda a obra literária de Valentim Magalhães pode ter o título único de um dos seus livros – *Bric-à-brac*. E a este propósito ouçamo-lo na esplêndida volubilidade de seu estilo disertado, referindo-se àquele livro sem cuidar que fazia toda a sua psicologia literária:

“... Pois esta obra é isto mesmo; é um amontoado de curiosidades literárias, e objetos de arte escrita... Junto a um conto comovido e sincero, um trecho da sátira mordaz e irreverente; em seguida a um grito de entusiasmo, uma caricatura a traço largo; depois de um surto amplo de fantasia caprichosa, um quadro exato e minucioso da vida social – *Bric-à-brac*. De manhã à noite, em um só dia, o homem percorre toda a gama sentimental – entenece-se e lacrimeja; encoleriza-se e ruge; alegra-se e ri; enfara-se e boceja; enamora-se e canta; indigna-se e satiriza...”

Não prossigamos. Nestas palavras sinceras só há um dizer destoante: aquele *encoleriza-se e ruga*. A linha acentuada do caráter de Valentim ia de uma alevantada altivez a uma robusta alacridade que o forrava aos rancores – embora não lhe faça a grave injustiça de acreditar que ele fosse incapaz do ódio, que é muitas vezes a forma heroica da bondade.

Mas este nunca lhe repontou nas polêmicas acirradas que travou e no mais aceso das quais lhe refulgia a graça, amortecendo ou falseando os mais violentos golpes.

Nos últimos tempos apareceram-lhe adversários a granel. Não houve aí grande homem engatinhando, ou imenso talento inédito, que se não malestresse arguindo-o em hílares reprimendas, adoravelmente papagueadas, de numerosos defeitos laivando-lhe o renome e desgabando-lhe os livros. Não lhes deu o prêmio de um revide. Soube apenas que existiam, indecisos, amorfos, difusos, diluindo-se e apagando-se por si mesmos, – uma espumarada fervilhante, aflorando e morrendo na esteira da sua rota impetuosa.

E retorquiu, algures, sorrindo: “A princípio fui gênio; mais tarde coisa nenhuma. Hoje César, amanhã João Fernandes...”

Não sei de frase mais verdadeira. Eu andava nos últimos preparatórios quando ele aqui chegou, formado de São Paulo, e posso afirmar-vos que ninguém, tão moço, ainda passou por estas ruas envolto de tão admirativa curiosidade.

A sua entrada nesta capital foi a de um triunfador, e em poucos dias não houve quem lhe não conhecesse a figura de irrealizável elegância e o rosto escultural velado de palidez fidalga e aclarado por um olhar que todo ele era o reflexo dos esplendores máximos da vida.

Foi, porém, o mais breve dos triunfos. Não que ao escritor diminuísse o engenho, senão porque o surpreendeu um período anômalo da existên-

cia política. O quadriênio de 1886-1890 foi decisivo para os destinos do Brasil, tão de golpe nele se afrouxou a coesão de nossos costumes e num desejo desapoderado de novidades desadoramos muitos velhos atributos, que imaginávamos retrógrados e eram apenas conservadores...

Aqui se me antolha digressão acidentadíssima. Evito-a. Mas não adstringir-me ao assunto, aponto, a correr, esta antinomia: precisamente quando a peregrina palavra “evolução” se tornou a rima fácil de todos os versos, rompemos com esta lei fundamental da História – tão bem expressa na continuidade de esforços dos estados sociais sucedendo-se com um determinismo progressivo – e apresentamos o quadro de uma desordem intelectual que, depois de refletir-se no disparatado de não sei quantas filosofias decoradas, nos impôs, na ordem política, a mais funesta dispersão de ideias, levando-nos, aos saltos e ao acaso, do artificialismo da monarquia constitucional para a ilusão metafísica da soberania do povo ou para os exageros da ditadura científica; ao mesmo passo que na ordem artística íamos dos desfalecimentos de um romantismo murcho às demasias de um falso realismo, que era a pior das idealizações, porque era a idealização dos aspectos inferiores da nossa natureza.

Para ainda engravecer a crise, os dois ideais da abolição e da República não requeriam mais as emoções estéticas. Resolvidos na ordem moral, estavam entregues à ação quase mecânica dos propagandistas. Estes precipitavam-nos com o desalinho característico da fase revolucionária das doutrinas, em que se conchavam as ideias e os paralelepípedos das ruas, e os melhores argumentos desfecham no dismantelo das barricadas investidas.

José do Patrocínio e Silva Jardim tomaram por algum tempo a frente da sociedade. Recordando esse passado recente, o que vemos, ao primeiro lance, é aquele mulato formidável ou aquela miniatura de Titã.

Ocupam a cena toda. No próprio terreno vibrante da propaganda derivaram, por vezes, ao segundo plano os vultos de maior destaque, desde o velho Saldanha Marinho, tão esquecido depois de morto, a Quintino Bocaiúva, meio esquecido em vida – e que no retrair-se hoje a um voluntário ostracismo e no andar tão despercebido pelas nossas ruas, atravancadas de notabilidades, lembra-me alguém que vai passando devagarinho para a História, deslembado dos homens e da morte, confundindo-se a pouco e pouco com a sua própria estátua – uma bela estátua corretíssima e errante, sem um pedestal que a imobilize e soerga acima da multidão em que se perde...

Mas não cedamos à fascinação do assunto. Observemos que em um tal meio não se compreende a existência de uma arte que é sempre o resultado de certa fixidez dos sentimentos gerais.

Valentim Magalhães, como outros muitos, foi, naturalmente, apagando-se, mais e mais, naquela movimentação precipitada. Além disso, morreu depois dos 30 anos; e neste país quem quer que se notabilize e ultrapasse aquele marco, fora dos tablados da política, predestina-se ao suplício lento e indefinível de acompanhar em vida ao enterro pobre da sua própria imortalidade.



Terminemos. Faltou sem dúvida a Valentim Magalhães essa concentração intelectual que é o segredo dos gênios e dos médios: um espírito a dobrar-se, a revirar-se, desesperadamente, em alguns pensamentos exclusivos e impassível aos reagentes da vida exterior. Para esses a amplitude das ideias, como a das espirais, explica-se por um giro indefinido em torno de si mesmas. Os seus cérebros deveriam circunvoluir em caracol. São os eternos distraídos,

ou abstratos, vivendo fora da preocupação que os escraviza, ou da inspeção em que se isolam, com um automatismo de sonâmbulos. Nas conjunturas mais opostas, entre os ruídos e as luzes de um salão de baile, ou num funeral, lá lhes está girando e regirando, torcendo-se e destorcendo-se a ideia absorvente, conservada por esta misteriosa consciente obscura, que vela perpetuamente nas profundezas do nosso espírito, e à luz da qual – sem que o queiramos, sem que o entendamos, sem que o expliquemos – se filiam as mais altas concepções aos mais fugitivos e inapreciáveis incidentes. Então compreende-se que do cair de um fruto apodrecido eles passem, de um salto no infinito, para a queda perpétua dos mundos; ou que das oscilações quase imperceptíveis da lâmpada suspensa de uma catedral, entrevistas num êxtase religioso, induzam, de improviso, as leis mecânicas do isocronismo do pêndulo. Na ordem estética, recorde-se a horrível anedota de Talma: a soluçar, num desespero, agarrado ao cadáver do filho, e estacando de súbito, ao ouvir pela primeira vez a voz interior e profunda de uma dor verdadeira, que era a sua própria dor, e estudando-a friamente, para a reproduzir, dias depois, intacta, no palco, diante dos espectadores assombrados; ou a pertinácia sobre-humana de Flaubert, atravessando decênios a versar, a volver, a revolver, a corrigir, a mondar, e a remondar um assunto único, interminável...

Valentim Magalhães foi o avesso desses homens. Repitamos: as condições do meio e o seu temperamento arrastaram-no demais para o mundo exterior e para a sua indescritível instabilidade. Ele entregou-se de corpo e alma ao turbilhão sonoro e fulgurante da existência.

Foi o seu grande defeito, dizem.

Mas este defeito – o seu maior defeito – é a mais bela imperfeição da nossa vida: o defeito de viver demais.

II RESPOSTA DO SR. SÍLVIO ROMERO*

Sr. Dr. Euclides da Cunha,

O vosso brilhantismo discurso, cujos primores de forma não disfarçam, antes realçam, a riqueza de vossas ideias, as ousadias de vosso pensar, constituem para mim, velho lutador em quem o espírito de *combatividade* é uma das mais constantes marteladas, com que a crítica indígena há por bem de me bater à porta para intimar-me suas sentenças, uma tríplice tentação...

Dissestes, com a fantasiosa irradiação de vossas frases, que é o encanto de vosso escrever, muito bonitas coisas de Castro Alves, de Valentim Magalhães, do Brasil social...

São assuntos que me inspiraram, de há muito, velhas ideias, defendidas em 50 batalhas por 30 anos seguidos. A Academia não se pode afigurar a organização da hipocrisia para que eu haja de impor silêncio a mim mesmo, sacudindo da alma, lá fora, seletas convicções, como se espanasse o pó dos sapatos no ádito dos templos majestosos e terríveis.

Seria uma nova maneira de desertar, um proceder que assaz se pareceria com a traição a afagadas doutrinas e a memórias queridas.

A dignidade desta ilustre companhia é a primeira a me recomendar que esteja a gosto, e sem constrangimento sustente *coram Academicis*

* ☞ Saudação a Euclides da Cunha. *Discursos Acadêmicos* da Academia Brasileira de Letras. Tomo I; pp. 269-310. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

fundas convicções sempre julgadas dignas de ser expostas perante o povo.

A situação não foi criada por mim e é apta a proteger-me, fazendo que fique ainda hoje firme num assunto no qual, em meio às minhas tão decantadas contradições, não achei até agora jeito de me contradizer, a despeito das tentações.

Castro Alves!... Vale muito. Mas admiro a serenidade, a suficiência, a confiança, o ar de superior e competente alvitre com que a moda carioca acoroçada pela crítica de arribação, que esvoaça sobre nós, de vários pontos do horizonte, em períodos climáticos, fala dele, qual se fora o nosso *Kärner*, nosso *Ruckert*.

É como se as nossas genuínas *Canções da Espada* que se intitulam: – “À vista do Recife”, “Os Leões do Norte”, “Os Voluntários de Pernambuco”, “Sete de Setembro”, “Em nome de uma Pernambucana”, “Capitulação de Montevidéu”, “Os filhos do Capitão Pedro Afonso”, “Volta de Voluntários”, “Diante de um Batalhão regressado da Campanha”, não existissem e seu autor não passasse de um mito.

Entretanto, por que não dizê-lo?

Os títulos do poeta dos *Dias e Noites*, na luta pela glória, diante de seu venturoso rival, cuja figura, aliás, fui sempre dos mais solícitos em destacar e cuja significação histórica em nossas letras fui talvez o mais esforçado em descrever, são daqueles que por si sós se defendem e se impõem ao apreço das pessoas para quem os valores e títulos espirituais não são negócio de camarilha e *coterie*. Apurado senso crítico, percuciente tino filosófico, seguro saber das letras clássicas latinas e esse ingênuo faro de finura estética que não abandona jamais o homem genuinamente do povo, o filho autêntico das classes sertanejas, preservaram o poeta da “Lenda rústica”, d’ “Os tabaréus”, d’ “Os trovadores da selva”, d’ “O beija-flor”, dentro das loucuras

mesmas do Romantismo agonizante no Brasil, de muitas extravagâncias que andam a afear as páginas de seu grande e justamente admirado êmulo.

Embalde procurareis em seus versos esses

“Tiradentes que, com o braço ousado, machucam povos com a robusta mão; esse tempo que, entre os dedos, topando um século, uma nação, encontra nomes tão grandes que não lhe cabem na mão; esse pedaço de gládio no infinito e trapo de bandeira na amplidão; essa eternidade que dialoga com a imensidade, falando o herói com Jeová; nem esse olhar que não se move, fito em Oitenta e Nove, a ler Homero, escutando Jove, Robespierre e Dantão...”

O senso da natureza, da realidade, das coisas, por maiores que pretendessem ser os desregramentos da fantasia e as petulâncias azougadas do *condoreirismo* hugoano, interpunha-se e revocava o sonhador à normalidade dos fatos verídicos e dos fenômenos observáveis. É por isso que na parte que se salvou de sua obra poética – o tempo tem pouco a riscar nas fronteiras da pura anarquia das metáforas.

Como se na esfera da arte ele se considerasse nos intêrminos domínios da liberdade absoluta, segundo a doutrina kantescas, alargada por Schopenhauer, também imaginava um mundo a seu modo, filho da fantasia, mas um tal que não escapava de todo às forças eternas do Cosmos e às leis imanentes da humanidade. Dava-lhe quatro representações mais nítidas, quatro encarnações várias em que o brinco da imaginativa, essência de toda poesia, alçava o voo, sem se perder na vacuidade e no nada, antes guardando sempre vivas reminiscências das coisas reais e equilibradas: o quadro irisado,

festivo, embriagante, dos amores; o quadro encantado, hipersensível, docemente quimérico, dos artistas; o quadro pitoresco, folgação, gracioso, das gentes campesinas; o quadro evolucionalmente progressivo, heroico, da humanidade, das nações, preponderantemente de nosso amado Brasil. Preside-os, na ronda infinita das mutações perpétuas, eternas, incalculáveis, no vórtice perene dos fenômenos sem conta, também um Deus.

Mas este é, alternadamente, artista, providente, humanitário, patriota, conforme as circunstâncias.

Se, aqui, não se furta, nos transe das mais cruciantes dores humanas, a verter essa *lágrima invisível*, que tem nome *caindo n'alma*, e se chama *resignação*; não se esquece, ali, de bradar aos nossos combatentes vitoriosos, sedentos ainda de vingança: “Tranquilizai-vos, Leões!” e não se dedigna além de recomendar aos anjos inquietos o não perturbarem o sono de um par venturoso: — “São noivos ainda, deixai-os dormir...”

O que não impede, porém, o vate de o interpelar, às vezes num certo tom de verdadeira censura, como é o caso, quando o increpa pela morte de um amigo: — “Morrer tão depressa, quem foi que mandou?...”

*Ah, Senhor! e mais um dia
Que mal vos fazem as rosas?
Nossas coroas mimosas
Por que mandais desmanchar?
Não tendes lá tanta estrela,
Cujos cheiros são fulgores,
Precisais das nossas flores,
Das pérolas do nosso mar?*

Em cada um dos atos desse drama da vida existem gradações. Os aspectos mudam numa hierarquização das cenas, desde o mais longínquo infinito, que encerra os mais afastados sistemas planetários, até um jardim de nossas habitações, um salão de baile, ou uma casa de espetáculos.

Mas são sempre visões deliciosas, cheias de fúlgidas miragens e ternuras, de estranhas serenatas; visões meio fantásticas, perdidas, ora nos lagos em que as deidades nuas lavam, cantando, seus vestidos de ouro, ora no seio de róseas nuvens, ou em ilhas encantadas, ou em ermos graciosamente amenos, nos quais as flores se encarregam de cuidar dos pares amorosos e corças bravias param, pasmadas, contemplando a beleza das mulheres...

São visões, onde passam gênios, talentos, artistas, cantores, crianças, que são folhas de etéreos jasmims, campônias e sertanejas que descantam e dançam nos terrados forrados de luar; matutos e tabaréus recordando e memorando as folganças e lendas da noite de São João, ou batendo o *baiano* ao som das violas. É caleidoscópio que, com peculiar carinho, deixa ver também os “guerreiros, os esforçados batalhadores, os heróis nacionais, esses vultos gigantes para quem morrer é não combater, esses que, fitando a noite estrelada à espera de outra alvorada, dormem nos copos da espada, deixando o sangue escorrer!”

E se surgem “cascatas de vivos diamantes, borrifando um tapiz de esmeraldas, se desfilam deusas travessas, desfolhando lauréis e grinaldas, e avistam-se – virgens formosas, dormindo abraçadas em leitos cobertos de rosas, e auras que ao longe sacodem áureas franjas de rútilo véu, e se veem levantarem-se, cheios de pérolas, alvos braços de lindas sultanas, e querubins que apedrejam com astros esses bandos de garças celestes; não se ocultam as nossas cidades, laborando como cri-

sóis, com os seios intumescidos do gérmen dos grandes vultos históricos, abençoadas colmeias humanas, que, com a morte, bebem a vida, não se abalam nem se doem. É que em suas artérias circula a – liberdade, esse fluido eletrizador, que lhes robustece a medula dos ossos de pedra e cal...”

Nem são esquecidos os sepulcros dos grandes benfeitores do nosso povo, “promontórios do mar da eternidade, de cima dos quais é que bem se avista e descobre o que há de ilustre, glorioso e belo, dirigindo-se a nós, ao nosso mundo, longe no abismo do porvir imenso, branqueando, como a vela de Colombo!...”

E nos arroubos do entusiasmo das glórias que lhe acenam, soergue-se o Brasil, pisando em nuvens, fitando olhos inda mais altos, lançando a voz aos ecos das alturas, aos combates, às lutas gloriosas que o futuro longínquo lhe promete. Leva consigo seu passado ilustre de robustas ações, feitos brilhantes, como os deuses de Homero mergulhavam nas batalhas com seus mantos de púrpura no braço.

E atira a voz aos ecos do infinito, no seu avançar para a conquista das estrelas que além o chamam, tendo na larga destra a tocha do progresso...

Nem nos escapam à vista os povos cativos como esse da Polônia, no qual a garra do despotismo feroz não pôde ainda sufocar todas as esperanças do renascimento, e para quem o poeta tem estas palavras que valem por uma filosofia:

*Pois que assim morres tão forte,
Deixa-te agora morrer;
Impaciente da morte,
Tu tornarás a viver...*

E aparecem os povos que rejuvenescem, “como Portugal ressuscitado do sepulcro de Camões”. E desfilam bandos de proletários de “rir nos lábios e calos nas mãos”.

E destaca-se triunfalmente a Humanidade tomando todas as formas, interpelando “ao mar porque chora e ao céu em que pensa...”

E, no seu canto solene, acena a um que se vai azulando, estendendo a mão sobre o outro que lhe diz: *passai...*

Travada em lutas imensas, cansada, ofegante, nua, mas tendo sempre na frente de seu ginete o símbolo do eterno alvorecer: *a estrela da manhã...*

Oh! não vos poder convidar para comigo percorrerdes, aos carinhos da musa da simpatia, as quatro estâncias de poesia de um dos nossos maiores espíritos e mais insolitamente atacado pela malevolência letrada.

Mas “o tempo, essa força que, se diz, tudo consome”, e afinal é o grande reparador, acabará por destruir a obra do despeito, e justiça se fará...

Valentim Magalhães! – Famoso homem de letras em verdade... Foi durante mais de 20 anos o porta-bandeira da oposição tenaz implacável, irredutível, contra tudo o que se pensou e se fez na Escola do Recife nas últimas décadas do século passado. Guerra foi essa cuja constância, nunca desmentida, só podia rivalizar com a sua própria sem-razão, sempre provada. – Os serviços prestados às pátrias letras e ao pensamento nacional por uma legião inteira de combatentes da ideia, os Tobias Barretos, os Vitorianos Palhares, os Castros Alves, os Franklins Távora, os Orlandos, os Beviláguas, os Viveiros de Castro, os Françaes Pereira, os Teotônios Freires, os Paulas de Arruda, os Alfredos de Carvalho, um Celso de Magalhães, um Rocha Lima, um Siqueira Filho, um Martins Júnior, um Graça Aranha, um Sousa Pinto, um João Bandeira... não têm chegado para desarmar a odiosidade

sistemática a uns, as censuras infundadas a outros, os esquecimentos calculados a estes, as meias simpatias àqueles, e até os festejos suspeitos a certos renegados que por qualquer motivo caíram nas graças de determinados críticos, que se arrogam nesta boa terra a função de distribuir os títulos e louvores espirituais.

Entretanto, a coisa não é assim tão simples, nem é daquelas que se riscam do livro da vida com um traço de lápis.

Existem obras que fazem hoje parte do tesouro intelectual da nação, que lhe germinaram n'alma, abrindo-lhe novas e mais rasgadas perspectivas, que se não podem desfolhar ao vento ao gosto das folhas mirradas, imprestáveis... Os *Dias e Noites*, as *Espumas Flutuantes*, *Mocidade e Tristeza*, *Visões de Hoje*, *O Matuto*, *O Lourenço*, os *Estudos Alemães*, os *Menores e Loucos*, os *Estudos de Direito*, a *Propedêutica Jurídica*, *Ensaio de Crítica*, o *Pan-americanismo*, o *Direito da Família*, o *Das Sucessões*, *Princípios de Direito Internacional Privado*, *A Nova Escola Penal*, e cem outros não se deixam sufocar pelo negativismo game-nho dos conferencistas da última hora. Não são da alçada dos que se prezam de saber “colocar pronomes” mas não sabem “colocar ideias”... Não entram na tarefa dos que pensam que tudo está feito, todos os brilhos de estilo conseguidos, todos os meandros da ciência desvendados, todos os degraus da glória vencidos, quando se teve a ventura de, tratando de coisas do entendimento, achar que se deve dizer *despercebido* em vez de *desapercebido*, formas ambas corretas, *merece contestado* em lugar de *merece ser contestado*, duas frases tão certas uma quanto outra. Com espíritos cujo horizonte mental apraz em apertar-se tão singularmente, em cujo céu do pensamento fulgem apenas esses vaga-lumes em vez dos grandes astros aclaradores dos magnos problemas, não admira a cegueira com que negam os títulos, por exemplo, a um dos mais

conspícuos chefes intelectuais da nação, o autor das *Questões Videntes de Filosofia e Direito*.

Proliferam impertinências, insinuadas nas cabeças de homens como José Maria Mérou, para que os esconjuros negativistas passem a fronteira e se espalhem pelo continente. Percorre-se toda a história de quatrocentos anos das lides espirituais brasileiras e não se encontra, em tempo algum, uma tal e tão prolongada sanha de desprestígio e denegritamento numa gente, que tem, aliás, tão fácil o entusiasmo e sabe com tanto jeito baloiçar os turíbulos diante de uma série quase infundável de manipulansos de toda a casta.

Escusado é relembrar as várias formas revestidas pelo demônio da demolição e as capas diversas que tem sido forçado a deixar no meio da rua.

O bioco faz hoje uma confissão e julga-se com ela exonerado de culpa e quite com a justiça e a verdade.

O homem não valia nada; mas, oh! singular antinomia mais embrulhada do que as de Kant!... teve a vantagem de formar grandes discípulos e preclaros admiradores...

Como se um medíocre pudesse fecundar almas, suscitar talentos, mover e pôr a postos os contendores da ideia!...

É uma crítica que evidentemente desnorteia e vai, de queda em queda, de concessão em concessão, até negar-se a si mesma.

O grande brado final é agora: *a originalidade*... Mostrai-nos as novas doutrinas, as originais descobertas do proclamando Mestre.

Pode-se responder com ele mesmo, defendendo um companheiro, a quem, num passo semelhante, pedia a mesma fanfarrônica crítica que indicasse a *originalidade* produzida em certo livro:

“Não conheço maior extravagância no gênero, não conheço coisa mais deslocada, nem mais extemporânea, do que o gesto magistral e autoritário do censor, afirmando que o autor não é capaz de dizer qual foi a *originalidade* que disse em seu livro, nem de mostrar onde descreveu alguma *experiência própria*. E prometera ele ser *original*, no sentido comum da palavra, para fazer-se-lhe tal exigência?

E que vem a ser, em obras de história e crítica literária, jurídica ou filosófica, a necessidade de *descrever experiências próprias*?

Pergunta qual é a *originalidade* que se encontra no livro questionado e não presente que se lhe possa responder: o livro mesmo, seu método, sua tendência. Já isto vale alguma coisa no ponto de vista elevado da crítica atual do mundo culto; no que, porém, particularmente nos toca, nos estreitos limites de nosso horizonte, vale muito, vale tudo. Não é trabalho de pouca monta, que demande mais o talento da paciência, do que a paciência do talento, escavar e revolver um terreno estéril, tido geralmente na conta de *aurífero*, para dizer-nos enfim: não existe ouro; é apenas uma camada de greda...

Originalidade!... É pedir demasiado. O censor, por certo, não entrou bem no fundo deste conceito. Original em uma criação do pensamento, afirma Hermann Cohen, limita-se a um curto passo que muitas vezes somente pela sua preponderância no andar das ideias, ou pela inesperada direção que toma, atinge a força de reformar, ao largo tempo e ao longo, o domínio do saber. Mas, mesmo assim, quantos são capazes de sair fora de casa, e aventurar esse *curto passo* além do terreno

conhecido? Ainda hoje é verdadeiro o que disse o grande Borne: “assim como entre um milhão de homens existem, ao muito, mil pensadores, também entre mil pensadores existe apenas um original.” Não é, portanto, no sentir dos homens competentes, tão importante como parece aos olhos mal educados de levianos e impertinentes aristarcos, para tomar as dimensões de um autor, principalmente de crítica filosófica, ou outra qualquer, a medida retórica da *curésis* ou da *invenção*, a medida da *originalidade*...”

Eis aí: nada mais adequado ao caso, nada que melhor caracterize a hilariante atitude dos que articulam censuras, irmãs gêmeas da vacuidade. Do nosso compatriota pode-se afirmar exatamente o mesmo: sua originalidade está em sua obra tomada em conjunto, na ação, nas tendências que despertou, no influxo por ela produzido.

Só pelo mais irracional capricho ou pela mais inexplicável ausência de senso histórico, é possível negar valor e eficácia no Brasil a esses movimentos dele partidos, do *integralismo social* em poesia, do *germanismo* em literatura, do *monismo evolucionista* em Filosofia e Direito.

Uma consideração que não tem sido assaz ponderada, por si só suficiente para aclarar o ponto, destacando a figura do genial agitador, é que os grupos que constituíram as três fases da Escola do Recife, de seu início a seu fim, de 62 a 89, a fase poética, a crítico-filosófica, a jurídica, não foram os mesmos; sucederam-se, havendo, entretanto, um fator permanente, que presidiu os três períodos e esse era exatamente o autor dos *Dias e Noites*, dos *Estudos Alemães*, dos *Estudos de Direito*.

Quantos no Brasil se poderão gabar, com verdade e razão, de um tão harmonioso e orgânico desdobrar de sua ação intelectual?

É preciso ter vivido no Rio de Janeiro, espreitando, mesmo de longe, o círculo dos estudantes, dos professores, dos jornalistas, dos literatos e políticos de toda ordem, para se haver sentido a temperatura espiritual do tempo, nos anos de 1862 a 68, exatamente o período em que se agitava a Escola do Recife, no seu *Sturm und Drang*, e preparava o início da fase crítica.

A poesia movia-se estafada, mofina, pálida e tísica a tossir umas cansadas mágoas de monótono realejar. A *min' alma é triste como a rola aflita*, e o *se eu morresse amanhã* – andavam nos lábios de todas as belas, e o *qual quebra as vagas do mar* – ressoava dos peitos dos namorados, sonhadores e lamartinescos.

O burguês retrucava com o – *Waterloo, Waterloo!... lição sublime... e o rapazio patrioteiro com a – minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá... O nativista atento, a fantasiar caboclisimos de opereta, desfiava como palavras de uma ladainha o – ó guerreiros da taba sagrada, / ó guerreiros da tribo tupi...*

Alguns cismadores de tristezas indefinidas, enevoadas, dessas que cingem os Hamlets de chapéus descaídos e olhares chumbados nos lugares místicos, divisando monjas em cada canto dos céus, seguiam monologando – o *quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido regaço adormeceu... Como diversão, meio brejeira, cheia dos eflúvios das confidências romantizadas de um mundo feérico, na qual a banalidade sabe falar em rimas doces, modulavam mocinhas pálidas, num devanear de descuidosas íncolas de sonhos e miragens o – lembras-te, Iná? Belo e mago / da névoa por entre o manto / erguia-se ao longe o canto / dos pescadores do lago... numa terra que não tem névoas nem pescadores de lagos... Ao que a caixeirada sensata, fazendo frases à moda geral, retrucava com a – simpatia, meu anjinho, é o canto do passarinho...*

E os pianos roufenhavam por todos os lados o recitativo que acabava de ser introduzido por Furtado Coelho: *Era no outono quando a imagem tua...*

Asfixiava!...

O romance e o drama moviam-se entre a erótica carioca, meio burguesa, meio fantástica, engalanada de lantejoulas baratas e penas de pavão dos heróis e heroínas de Macedo, de um lado e, de outro, os caboclos hiperidealistas, mestres em platonismo alexandrino, e a avultada galeria de belas raparigas históricas, nevropatas, de Alencar.

Em *Filosofia* ainda Victor Cousin era esse Deus que, na frase declamatória do retórico Monte Alverne, *tinha trazido a ordem ao caos dos sistemas*.

Como supremo esforço do gênio nacional nesse gênero de assuntos, recordavam alguns a doutrina de Magalhães na possibilidade de não ter o universo existência real, não passando de um sonho em nós suscitado pela inteligência divina, na qual o vemos, pela mesma forma que o magnetizado vê as ideias na mente do magnetizador...

Era o tempo em que o Dr. Dias da Cruz e o padre Patrício Muniz discutiam com toda a seriedade a *teoria da afirmação pura*.

Um pavor...

A inteligência nacional andava encurralada num círculo de romantismo caduco e de metafisicismo banal, envoltos ambos num retoricismo sovado, balofo, inane, em que velhas frases eram glorificadas e erigidas à altura de teses científicas, de pilastras eternas do verdadeiro. Em política, o Visconde de Uruguai e o Conselheiro Zacarias de Góis esbofavam-se por estabelecer a exata doutrina acerca da *natureza de limites do poder moderador*.

Nunca o bizantinismo tinha alcançado mais nítido renascimento depois do século XV. Era o justo *pendant* da disputa da *teoria da afirmação pura*.

Em crítica literária o cônego Dr. Fernandes Pinheiro ensinava com todo o sério: “Preferiu Barros a tuba épica ao buril da história, *e assim como precedera Heródoto a Homero*, publicou ele a sua primeira década no mesmo ano em que Camões partia para a Índia.” E interpretava – *tinberabos, non tinberabos* – por *tinbe-rabos, non tinbe-rabos...*

Que tal! – Coisas professadas no Colégio de Pedro II e repetidas diante do Imperador...

Em crítica de religião e de Direito... nem é bom falar.

Taparelli, Ventura de Ráulica e o Padre Gaume eram a última palavra.

Foi nestas condições que um ar fresco de reforma e renovamento, que coincidia, em Paris, com a decadência crescente do despotismo napoleônico e a ação inovadora dos mais fecundos escritos de Vacherot, Scherer, Taine, Renan, passou os mares e tocou em Pernambuco, primeiro porto nacional, destacado para o oriente, esperando, anelante, as novas do Velho Mundo. Tudo começava a revestir-se de novos rebentos e novas folhagens.

Até os velhos românticos, os Hugos, os Quinets, os Michelets, sempre sequiosos de liberdade e cheios de ardor pelo progresso, modificando as tardas liras, meteram-lhes cordas novas em que deviam soar as aspirações do povo, as dores sociais, as mágoas da multidão.

A Polônia estorcia-se sob a pata do cossaco, o México sob as carabinas de Bazaine, os Estados Unidos, com os Grants e os Lincolns, feriam tremendas batalhas para libertar alguns milhões de escravos.

A Alemanha preparava em Sadowa a sua transformação. Até o Brasil se começava a mover e embarcava na aventura das lutas com o Uruguai e o Paraguai.

Enquanto no Rio de Janeiro os espíritos se diluíam nas divagações das *Cartas de Erasmo*, a mocidade do Recife fremia sob o impulso das tentações republicanas, democráticas, abolicionistas, patrióticas. A ex-

pressão desse aspirar tumultuário e intenso era natural que em almas juvenis se manifestasse pela poesia e mais natural ainda era que ela tomasse o tom e a coloração dos grandes mestres que no tempo falavam mais alto aos instintos generosos do coração francês, Victor Hugo e Edgar Quinet.

Eis a razão do que se veio a chamar o *condoreirismo*, o qual deve ser apreciado no sentido íntimo das ideias que espalhou, dos sentimentos a que deu expressão, do ardente lirismo que pôs em voga. Castro Alves foi o apóstolo andante das novas intuições.

Na Bahia, Rio e São Paulo apareceu sucessivamente como alguma coisa de inédito.

A poesia mudou logo de tom em toda a linha.

Deixados os primeiros exageros de forma, dali tinham de partir as escolas naturalistas, a científica, a parnasiana, que se sucederam nos últimos tempos. Mas, como sói quase sempre acontecer, os bem-aventurados das margens de Guanabara esqueceram facilmente o ponto de partida, o centro provinciano, onde as primeiras ideias tiveram a ousadia de brotar.

E agora exigem-nos títulos de originalidade! É curioso. — O que se fez em crítica e história literária, em Filosofia geral e do Direito, em folclore e história nacional, em crítica religiosa e política, em questões sociais, de 1868 em diante, época em que Castro Alves deixou o Recife, lides, portanto, em que não tomou parte e nem poderia tomar, porque não estava preparado para elas, sobreleva de muito a ação no mero terreno da poesia, em que ele teve parte conspícua.

Indicar, mesmo em resumo, o punhado de ideias e doutrinas lançadas então na leiva fértil das almas entusiastas, e que nelas floresceram e vieram espalhar dourados frutos por todo o país, não caberia, sem impertinência, nesta ocasião e lugar.

Em ensejo proximamente oportuno será ponto debatido em toda a extensão, com todos os ardores da refrega.

Baste, por hoje, avançar que me não contenta a afirmativa, já feita, da originalidade, por assim dizer, genérica, da obra e da ação do crítico das *Questões Vigentes*, tomada em seu conjunto.

Releva resolutamente responder àqueles que o acusam e amesquinham, sem o haver jamais evidentemente lido, a esses que nunca se lembraram de exigir o *brevet d'invention* das originalidades de outros escritores, vivos ou mortos, que desassisada é a teima de pretender transformar um crítico em o que os franceses chamam, com evidente espírito de mofa, *un théoriste, un faiseur de système...* E, todavia, tantas são as ideias novas, os pontos de vista originais que se nos deparam nos escritos do grande ensaísta brasileiro, que ousou chamar raríssimo o trabalho seu em que não surjam a ponto de facilmente serem notados pelos olhares competentes.

Destarte, novidades escreveu em todas os ramos de crítica de que se ocupou: de Literatura, de Direito, de Filosofia, de Política, de Religião, de Arte Musical.

Bastante seria, para destacar esse espírito inovador, notar as análises que fez dos mais variados escritores, S. Tomás, Kant, Jouffroy, Leveque, Francisco Huet, Vacherot, Strauss, Jellinek, Jules Simon, Auerbach, Guiau, G. Le Bon, Carrara, Hartmann, Gneist, Ihering, Alexandre Herculano, Zacarias de Góis, Tavares Bastos, Magalhães, Soriano de Sousa, Oliveira Martins... Ou apreciar o *humour* com que se insurgiu contra as parêmiás consagradas, tidas geralmente por verdades inconcussas, moedas de ouro de lei do mais elevado quilate, que não passavam, a seus olhos perspicuos, de solenes tolices: *liberdade, igualdade, fraternidade; ideia perseguida – ideia propagada; benigna amplianda – odiosa restringenda; o estilo é o homem; o Direito não deve ser casuístico...*

Ou meditar nos vivos quadros que traçou do Brasil literário, municipal, cortesão, político, religioso e social.

Podem e devem, entretanto, ser desafiados os aristarcos a percorrer os domínios prediletos do criticar do malfadado escritor.

Na crítica literária, se lhe deparará o conceito mesmo de literatura, corrigindo e alargando a definição do dinamarquês George Brandes; as notações que faz da índole e natureza do estilo da poesia, da confusão desta com o senso religioso em determinados casos; a pintura que traça de Shakespeare, do pensador em V. Hugo, de Herculano estilista e crítico, de alguns vultos da literatura clássica alemã; o paralelo entre Feuerbach e Strauss, e a determinação do que chama o momento trágico na vida deste último...

Em crítica jurídica, várias ideias acerca de tentativa, mandato criminal, co-delinquência, direito autoral; o conceito mesmo que formava do Direito, ampliando a definição de Ihering, ou como a disciplina das forças sociais, o processo de adaptação das ações humanas à ordem pública, ao bem-estar da comunhão política, ao desenvolvimento geral da sociedade.

Por igual a análise da teoria da imputação no antigo Código Criminal Brasileiro. Releva sobretudo salientar o conceito do criminoso como um especial tipo disteleológico, que sai fora da finalidade social, verdadeiro caso de teratologia, que, entretanto, não se deixa explicar pelos fatores apregoados pelas escolas já então em luta, ainda que sejam todos reunidos, os *naturais* (escola antropológica), os *sociais* (escola socialista) os do *libre arbitrio* (escola clássica), fatores estes que, multiplicados entre si, segundo a frase do autor, não chegam para esgotar a série porque entre eles há termos médios, cujo valor não tem força de determinar.

Doutrina esta expendida logo que apareceram os primeiros escritos de Lombroso e de seu opositor, Tarde, atirando a barra adiante deles.

Claro é que a *terza scuola* teve em nosso criminalista um genuíno precursor, sendo que os conceitos do crime e do criminoso são no escritor brasileiro mais largos do que os de von Liszt, o famoso jurista alemão.

Nova também foi a doutrina por ele ensinada dos delitos comissivos, praticados, entretanto, omissivamente. Novidades, para quem anda sequioso atrás delas, aparecem na análise do art. 10 do aludido Código, peculiarmente no que diz respeito a mulheres e menores camponês delinquentes.

E como esquecer as belas e novas coisas acrescentadas à lição de Ihering contra a velha teoria do Direito Natural em prol da doutrina do puro culturismo, e o que expendeu acerca da morfologia, fisiologia e psicologia nos fenômenos jurídicos?

Em crítica filosófica, além de ter sido ele quem iniciou a campanha seguida e vigorosa contra o extenuado espiritualismo eclético de Victor Cousin e consócios, ensinando sucessivamente, como quem reformava seu próprio pensamento diante do público, o naturalismo idealista de Vacherot, o positivismo de Comte, o criticismo agnóstico de Schérer e Renan, o pessimismo de Schopenhauer e Hartmann, o monismo de Haeckel e Noiré, parando definitivamente neste último, cumpre advertir aos conhecedores, se deparam muitos casos originais, espalhados em seus escritos do gênero.

Deste número é o que deixou dito, contra Jouffroy, acerca do papel da imaginação no fato da consciência, e, contra Vacherot, do papel da memória na mesma consciência, até em se tratando de ideias, atos, paixões e sentimentos que formam, segundo a pretensão desse filósofo, o fundo e essência da alma humana. O que escreveu do nenhum valor da achega dos poetas, dramaturgos, romancistas, moralistas em Psicologia, da impossibilidade de esta traçar a história de

suas principais descobertas de caráter subjetivo, e fazer previsões exatas nos seus domínios.

A réplica ao aludido Vacherot, quando ensina que o espírito humano se observa de duas maneiras, na parte individual e na parte de seu ser. A análise fina que fez por quatro vezes diversas da filosofia de Kant, principalmente naquela em que mostra que o pensador de Königsberg inutilizou para todo sempre o chamado *racionalismo*, de qualquer natureza e forma, não bastando afirmar, portanto, que demonstrara a impossibilidade da Metafísica como ciência.

Várias das ponderações que aduziu contra a Sociologia como corpo científico já organizado. O modo como explicou a falta de homocronismo entre a evolução intelectual e emocional do homem.

Em análise política, — a análise do parlamentarismo brasileiro, isto há 35 anos, em confronto com o britânico. A página profunda em que delinea o que deveria ser o governo e a organização política do Brasil, como um produto de sua própria história e não uma cópia do Estado inglês ou do americano.

A nota que lança de passagem sobre o fato singularíssimo de não se haver o povo brasileiro constituído por si próprio, senão por um poder estranho, de tal arte que, como atividade, como força, como espírito, ele não se deu a si mesmo os órgãos e funções de sua vida social, sendo-lhe tudo outorgado, como a um autômato imenso, que devesse bulir e mexer-se por virtude de quem tivesse aquela mágica e suprema *chave de toda a organização política*, segundo a frase do texto constitucional, metáfora tosca e fútil, que, entretanto, se converteu em princípio diretor dos destinos das nações!

O que aventa sobre o futuro realmente induzido ou simplesmente imaginado em política. Como explica a razão da inexistência de uma intensiva vida municipal no Brasil em face de um pro-

vincialismo assaz vivace. A página em que descarna o sistema representativo nos Estados modernos como a estranha organização da desconfiança. Os dizeres humorísticos contra a parêmia de Thiers – *o rei reina e não governa*.

A censura que faz a um erro muito corrente, repetido por Tavares Bastos, do suposto caráter federativo do Estado inglês, cumprindo não esquecer a nota de ser em geral a forma de governo uma questão mais de estética do que de ética política.

Em crítica religiosa histórica – as considerações, contra Herculano, sobre o caráter intrínseco dos males que atacam a Igreja, a suposta imutabilidade antiga da dogmática e pretensas inovações modernas, alegadas pelo historiador português, e, portanto, sobre o sentido e caráter da evolução no seio do catolicismo.

Em crítica religiosa, bíblica, entre outras ideias, as que expendeu o papel de Samuel na instituição da realeza em Israel e a explicação que sugere da oposição que o texto sagrado lhe atribui à vontade do povo que lhe pedia um rei.

As observações que ajunta à crítica de Michel Nicolas a propósito das duas narrativas que o *Gênesis* traz da criação.

A observação que opõe ao teólogo francês no que se refere à crítica deste a Ewald sobre as origens do *Pentateuco*. Na intervenção e corrigenda que faz de parte a parte no debate havido entre Vacherot e o padre Gratry acerca da narrativa evangélica da paixão de Jesus.

Como estas outras ideias jogadas no correr dos escritos que intitulou – *Notas sobre a Crítica Religiosa, A Irreligião do Futuro, A História do Povo de Israel e o Sr. Oliveira Martins*.

Finalmente, em crítica musical, além de repelir o velho sestro, nessa esfera reinante, de tomar meras metáforas por análise, substituindo-o pelo espírito filosófico-histórico, teve ensejo de, a propósito de músi-

cos como Bellini, Carlos Gomes, Meyerbeer, Wagner e críticos como Hanslick e Escragnolle Taunay, espalhar várias pérolas de novo lavor. Bastante é lembrar a bela página em que, a propósito da qualidade representativa ou não da música, se encontra indicada a teoria da *associação dos sentimentos* ou das *emoções consensuais*.

Só isto era suficiente para lhe conferir a láurea de pensador original. Oh! não vos poder convidar para, acompanhados pela musa da simpatia, esquecidos os esconjuros dos negativistas que apostaram em tapar os olhos, percorrerdes alguns dos mais sugestivos ensaios do seletto escritor! Se os seus desavisados censores tivessem uma visão clara da evolução total do espírito brasileiro na poesia, uma visão clara da evolução total do espírito brasileiro em Religião, Filosofia, Política, Direito e crítica literária, deveriam saber qual o estado de todas estas coisas nesta terra, em 1862, quando o grande pensador do Norte iniciou no Recife o seu poetar, e em 1868, quando deu começo à sua evolução crítica. Já se viu o detestável estado dessas coisas no período aludido. Urge mostrar agora a mutação. A fase poética, com ter grande valor, não tem a importância da fase seguinte.

Os decênios que vão de 1868 a 1888 são os mais notáveis de quantos no século XIX constituíam a nossa labuta espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do aristocratismo prático dos grandes proprietários, a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à som-

bra do manto do príncipe ilustre que havia acabado com o caudilhismo nas províncias e na América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história em um grande país.

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o Partido Liberal, expelido do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o Partido Republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.

Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travejamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso.

Um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de 30 anos, hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife. O escritor dos *Menores e Loucos* foi o mais esforçado combatente, com o

senso de visão rápida de que era dotado. Por que contestar o seu merecimento? Por que amesquinhar o seu esforço?

Vós, Sr. Dr. Euclides da Cunha, tendes, felizmente, ficado e ficareis a coberto dessas ásperas contingências de precisar defender uma coisa que, no fundo, não vale dois minutos de esforço neste canto da terra: o renome, a reputação literária... De um ímpeto, adejastes por cima dos mais altos píncaros, onde flutuam aos ventos as flâmulas dos entusiasmos e das glorificações brasileiras.

Lá chegastes e lá deveis ficar, porque não vos fizeram favor.

Fostes levado pelo mérito inegável de um livro que é uma das obras-primas da mentalidade nacional.

Mas cumpre dizer-vos, nada deveis à crítica indígena; porque ela não vos compreendeu cabalmente. Tomou o vosso livro por um produto meramente literário, como as dezenas de tantos outros que se afez a manusear.

Viu nele apenas as cintilações do estilo, os dourados da forma, e, quando muito, considerou-o ao demais como uma espécie de panfleto de oposição política que dizia da organização de nosso Exército, de nossas coisas militares, umas tantas verdades que ela, a crítica, não se atrevia a dizer. Daí os aplausos.

Não era desses que precisáveis.

Vosso livro não é um produto de literatura fácil, ou de politiquismos inquietos. É um sério e fundo estudo social de nosso povo que tem sido o objeto das vossas constantes pesquisas, de vossas leituras, de vossas observações diretas, de vossas viagens, de vossas meditações de toda hora. Começastes por querer surpreendê-lo na índole, na constituição mais íntima, na essência intrínseca, nessa espécie de *rendez-vous* que ele se deu a si próprio nos campos do Paraguai.

Achastes talvez desmesurado o plano, e recuastes até agora. Creio que o quisestes pegar em flagrante nas cruas lutas de *maragatos* e castilhistas do Rio Grande do Sul, ou nas curiosas aventuras da Revolta da Armada.

Tem sido a iniludível necessidade de dividir o assunto, agigantadamente extenso, para uma só tela. Andais tentado hoje pelo Acre e pela Amazônia, que vos consomem os lazeres; porque vós tomais a sério vossos estudos e tendes o pundonor dos escritores que forcejam por ser verídicos e escrupulosamente exatos.

Que a musa da felicidade, que deve ser o anjo de guarda dos gênios empreendedores, vos ampare e abrigue sob largas asas e propicie ao Brasil o ensejo de receber de vossas mãos outros livros como esse d' *Os Sertões*.

Nele a narrativa, que ocorre na segunda parte, da campanha de *Cannudos*, é uma simples exemplificação de caráter subalterno. O nervo do livro, seu fim, seu alvo, seu valor, estão na descritiva do caráter das populações sertanejas de um dos mais curiosos trechos do Brasil.

Para os que as conhecem, foi inestimável serviço ver, ligados, presos, articulados, — os traços diversos, esparsos na imaginação e na memória. Tomaram eles feição sob a vara mágica e evocativa do poderoso estilo do observador.

Para os que não nas conhecem, e é este o caso de todos os deliquescentes que enfiam frases no Rio de Janeiro, foi como a revelação de um mundo longínquo, afastado, estranho, alheio a tudo que os toca, tudo em que pensam, tudo de que fabulam, em suas irisadas vacuidades de imortalizados em vida... Era como se se tratasse de populações da Mongólia, do Turquestão ou do Saara...

Tanto é profundo o inconsciente desconhecimento de nós mesmos!

Tínheis o espírito cheio do ensino do divino Thomas Buckle, de quem me prezo de haver sido o primeiro que lhe analisou a doutrina em língua portuguesa, nos dois mundos, quando estudastes o vosso assunto e escrevestes o vosso livro.

Usastes de seus processos, que são fundamentalmente os mesmos popularizados por Hipólito Taine e diluídos na prosa docemente ondulosa de Ernesto Renan.

Estudastes a terra, sua organização, seus aspectos, sua flora, seu clima, suas falhas, seus recursos, e pudera dizer, seus males, seus padecimentos, e tomastes nas mãos a mor porção dos fios invisíveis com que ela prende o homem e o faz à sua imagem e semelhança.

Surpreendeste-a na lenta e segura laboração das almas e dos caracteres.

De vosso livro deve-se tirar, pois, uma lição de política, de educação demográfica, de transformação econômica, de remodelamento social, de que depende o futuro daquelas populações e com elas o dos doze milhões de brasileiros que, de norte a sul, ocupam o corpo central do nosso país e constituem o braço e o coração do Brasil.

Dir-vos-lo-ei como; mas, antes, deixai que exerça livremente o meu direito de admirar.

Também sei queimar gostosamente bagas de incenso, quando o altar não está vazio e nele existe realmente o que se deva venerar. Para tanto, no caso, não hei mister improvisar; basta-me abrir o vosso livro e ler nele como se lê nos *Missais* nas cerimônias do culto.

Vós sabeis retratar ao vivo a natureza física, dando intensidade às notas, sem prejudicar a veracidade dos fatos, a qualidade dos fenômenos.

É o grande escolho da arte da descritiva: exatidão e relevo, naturalismo e brilho, consistência e colorido, poesia e verdade.

Em vosso livro multiplicam-se as páginas comprovadoras do asserto.

Descreveis a terra, os ares, os horizontes, a flora, as secas, as trovoadas, os bons dias das renascenças hibernais, as labutações dos homens; as vaquejadas, as partilhas, as festas das sazões propícias, os sofrimentos tragicamente heroicos dos grandes êxodos inevitáveis, e descreveis os costumes, as crenças, as almas, em suma, nas suas mais recônditas fibras.

As 10 ou 12 páginas consagradas à flora não vejo que encontrem superiores ou sequer iguais em nossa língua.

Pequenos trechos esplêndidos no correr da descritiva:

“Dão-lhes na deiscência perfeita como que as vagens se abrem, estalando como se houvessem molas de aço, admiráveis aparelhos para propagação das sementes, espalhando-as profusamente pelo chão. E têm, todas, sem excetuar uma única, no perfume suavíssimo das flores, anteparos intáctes que nas noites frias sobre elas se levantam, e se arqueiam, obstando que as atinjam em chofre as quedas de temperatura, tendas invisíveis e encantadoras, resguardando-as.

.....

Estes vegetais estranhos, quando ablaqueados em roda, mostram raízes que se entranham a surpreendente profundura. Não há desenraizá-los; o eixo descendente aumenta-lhes maior, à medida que se escava. Por fim se nota que ele se vai repartindo em divisões dicotômicas; progride pela terra dentro até a um caule único e vigoroso, embaixo.

Não são raízes, são galhos. E os pequeninos arbúsculos, esparsos ou repontando em tufos, abrangendo às vezes largas áreas, uma árvore única e enorme, inteiramente soterrada...

.....

Têm o mesmo caráter os juazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucedem-se meses e anos ardentes; empobrece-se inteiramente o solo aspérrimo. Mas, nessas quadras cruéis, em que as soalheiras se agravam, às vezes, com o os incêndios espontaneamente ateados pelas ventanias, atritando rijamente os galhos secos e estonados, sobre o depauperamento geral da vida, em roda, eles agitam as ramagens virentes, alheios às estações, floridos sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas no pardo dos restolhos, à maneira de oásis verdejantes e festivos.

A dureza dos elementos cresce, entretanto, em certas quadras ao ponto de os desnudar: é que se enterroaram há muito os fundos das cacimbas e os leitos endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, em moldes, os rastros velhos das boiadas; e o sertão de todo se impropiou à vida.

Então, sobre a natureza morta, apenas se alteiam os *ceréus* esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros. E avultando ao descer das tardes breves sobre aqueles ermos, quando os abotoam grandes frutos vermelhos destacando-se, nítidos, à meia luz dos crepúsculos, dão a ilusão emocionante de círios enormes, fincados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas, e acesos...

Os *mandacarus*, atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a ban-

da a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos estorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos.

No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão ac-brunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto...

.....

Têm como sócios inseparáveis neste *habitat*, que as próprias orquídeas evitam, os *cabeças-de-frade*, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali a esmo, numa desordem trágica...

E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até aos *quipás* reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; [...]

Aqui, ali, outras modalidades: as *palmatórias-do-inferno*, opúntias de palmas diminutas, diabolicamente eriçadas de espinhos, com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flores rutilantes, quebrando alacrememente a tristeza solene das paisagens...

.....

Vingando um cômodo qualquer, postas em torno as vistas, perturba-as o mesmo cenário desolador: a vegetação agoniante, doente, informe, exausta, num espasmo doloroso...

.....
 Compreende-se e verdade da frase paradoxal de St.-Hilaire: 'Há, ali, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!'

A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcários, desordenadamente esparsos pelos ermos, num alvejar de banquisas; e, oscilando à ponta dos ramos secos das árvores inteiriçadas, dependuram-se as tilândsias alvacentas, lembrando flocos esgarçados, de neve, dando ao conjunto o aspecto de uma paisagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos..

Não é, todavia, a natureza física que tem o condão de arrancar à pluma do escritor imagens, que são fotografias.

Os tipos étnicos, os caracteres das coletividades, as índoles individuais, moldadas no cadinho dos vícios ambientes, os vincos deixados nas almas pela atmosfera social fazem-se reproduzir com firmeza e são, a meus olhos, mais meritórios; porque mais difíceis de concretizar.

Tal é o estado de difusão da matéria-prima empregada.

Mas o escritor sai galhardamente da empresa.

Já viram coisas esplêndidas. Ouçam agora coisas magníficas. Eis o sertanejo, o tipo aparentemente mole, preguiçoso, nas horas da súbita transfiguração, imposta pela necessidade.

“Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encaixar o *garrote* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com seu cavalo...* Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, adiante, nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados, rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesta ocasião, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro forte que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de *caruá*, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira, estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, *escanchado no rastro* do novilho esquivo: aqui, curvando-se agilíssimo, sob uma galhada, que lhe roça quase pela sela; além, desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento, e galgando, logo depois, num pulo, o selim; e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra, sem a perder nunca, sem a deixar no emaranhado dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encaستoada em couro...”

São traços; mas são firmes; destacam com segurança uma das múltiplas faces de um tipo social de nossas gentes dos centros.

Há mister ver o quadro inteiro no livro. É admirável. É uma tela empolgante: desenho e colorido ajustam-se e dão-nos a ilusão da realidade viva e palpável.

Há, porém, ali coisa melhor. Caminhamos por entre as filas dos crentes e sectários do *Conselheiro*; parecem velhos conhecidos com quem já falamos noutra tempo ou poderemos falar ainda, tão lucidamente se destacam e como que vem ao nosso encontro:

“...a multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados. E em cada um deles um baralhamento enorme de contrastes...

Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodiamente penitenciados, as beatas, – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta, lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as *solteiras*, desenvoltas e despejadas, *soltas* na gandaíce e sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; e honestas mães de famílias niveladas pelas mesmas rezas.

Faces murchas de velhas, esgrouviados viragos em cujas bocas deve ser um pecado mortal a prece; rostos austeros de matronas simples, fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho.

Todas as idades, todos os tipos, todas as cores... Grenhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras, de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor!...

.....
Aqui, ali, estremando-se a relanços nos acervos de trapos, um ou outro rosto formosíssimo, em que ressurgiam, su-

plantando impressionadoramente a miséria e o sombreado de outras faces rebarbativas, as linhas dessa beleza imortal que o tipo judaico conserva imutável através dos tempos. Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrumes afuzila o desvario místico; [...]

... Destaca-se mais compacto o grupo varonil dos homens, mostrando idênticos contrastes: vaqueiros rudes e fortes, trocando, como heróis decaídos, a bela armadura de couro pelo uniforme reles de brim americano; criadores, ricos outrora, felizes pelo abandono das boiadas e dos pousos animados; e menos numerosos, porém mais em destaque, gaudaieiros de todos os matizes, recidivos de todos os delitos...

... Prestigia-os o renome de arriscadas aventuras que a imaginação popular romanceia e amplia. [...]

De joelhos, mãos enclavinadas sobre o peito, o olhar tençoeiro e mau esvai-se-lhes contemplativo e vago.

José Venâncio, o terror da Volta Grande, deslembra-se das 18 mortes cometidas e do espantinho dos processos à revelia, dobrando, contrito, a face para a terra.

Ladeia-o o afoito *Pajeú*, rosto de bronze vincado de apófises duras, mal aprumado o arcabouço atlético. Estático, mãos postas, volve como as suçaranas em noite de luar, olhar absorto para os céus. Logo após o seu ajudante de ordens inseparável, *Lalau*, queda-se igualmente humílimo, joelhos dobrados sobre o trabuco carregado.

Chiquinbo e *João da Mata*, dois irmãos aos quais estava entregue o comando dos piquetes vigilantes nas entradas de Corobó e Uauá, aparecem unidos, desfilando crédulos as contas do mesmo rosário.

Pedraão, cafuz entroncado e bruto, que com 30 homens escolhidos guardava as vertentes da Canabrava, mal se distingue, afastado, próximo de um digno émulo de tropelias, *Estêvão*, negro reforçado, disforme e corpo tatuado à bala e à faca, que lograra vingar centenas de conflitos, graças à disvulnerabilidade rara. *Joaquim Tranca-Pés*, outro espécime de guerrilheiro sanhudo, que velava no Angico, ombreia com o *Major Sariema*, de estatura mais elegante, lidador sem posição fixa, destemeroso mas irrequieto, talhado para as arrancadas subitâneas e atrevidas.

Antepõe-se-lhe, no aspecto, o tragicômico *Raimundo Boca-Torta*, do Itapirucu, espécie de funâmbulo patibular, face contorcida em esgar ferino, como um traumatismo hediondo. [...]

O velho *Macambira*, pouco afeiçoado à luta, de *coração mole*, segundo o dizer expressivo dos matutos, mas espírito infernal no gizar tocaias incríveis, espécie de *Imanus* decrépito, mas perigoso ainda, tomba de bruços no chão, [...]

Alheio à credulidade geral, um explorador solerte, *Vila Nova*, finge que ora, remascando cifras. E na frente de todos, o comandante da praça, o *chefe do povo*, o astuto *João Abade*, abrange no olhar dominador a turba genuflexa.

No meio destes perfis trágicos uma figura ridícula, *Antônio Beatinho*, mulato espigado, magríssimo, adelgaçado pelos jejuns, muito da privança do *Conselheiro*; meio sacristão, meio soldado, misseiro de bacamarte, espiando, observando, indagando, insinuando-se jeitosamente pelas casas, esquadrinhando todos os recantos do arraial, e transmitindo a todo instante ao chefe supremo as novidades existentes. Completa-o, como um prolongamento, *José Félix*, o *Taramela*, quinhoeiro da mes-

ma predileção, guarda das igrejas, chaveiro e mordomo do *Conselheiro*, tendo sob as ordens as beatas de vestidos azuis cingidas de cordas de linho, encarregadas da roupa, da refeição exígua daquele, e de acenderem diariamente as fogueiras para as rezas. É um tipo adorável, *Manuel Quadrado*, olhando para tudo aquilo com indiferença nobilitadora. Era o curandeiro, o médico. Na multidão suspeita, a natureza tinha, afinal, um devoto, alheio à desordem, vivendo num investigar perene pelas drogarias primitivas das matas.”

Eis aí; é uma galeria de indivíduos que são como que índices ou sumários de um meio, de uma situação, de um momento.

São como feixes de fatos, cada um com seu rótulo, sua rubrica inapagável e eterna; são como expoentes indicadores das correntes subterrâneas das multidões; fórmulas lógicas, obtidas por processos indutivos, como integração completa de milhares de fenômenos observados. Mas são definições ditadas pela própria natureza: cada indivíduo é um resumo e um compêndio. Ali estão as cristalizações humanas obtidas por quatrocentos anos do labutar de uma mera cultura incongruente, cheia de falhas, grosserias e indisciplinas de toda a casta. E todas são reais e pegadas em flagrante.

Parece uma página do *Purgatório* ou dos quadros tétricos de Dostoiévski. Mas onde o escritor projeta em cheio os raios de seu aparelho de descrever é quando traça alguma cena de nevrose coletiva. Ouvimos o esplêndido e o magnífico; ouçamos agora o surpreendente. É a cena do *beija das imagens*, após as rezas intermináveis:

“Antônio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase;

aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado, e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma Virgem Santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus.

E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruces, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando um por um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros, e, num crescendo, extinguindo-se-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas à meia voz, dos *mea-culpa*, ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solenidade.

O misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadissem a assembleia adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as relíquias sagradas.

Por fim as últimas saíam entregues pelo *Beato*, quando as primeiras alcançavam as derradeiras filas dos crentes.

E daquelas almas simples cumulava-se a ebridez e o estonteamento. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumadas, presas no contágio irreprimível da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturais que o animismo ingênuo emprestava às imagens penetrasse afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava a multidão o desvairamento irreprimível.

Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desata-ram-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres alucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da histeria, crianças aterradas desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura da loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebatidas, vibrava no mesmo *ictus* assombroso, em que explodia, desapoderado, o misticismo bárbaro...”

Nada, porém, iguala a gravura do fluxo e refluxo da troca recíproca de influências entre o grande louco e a multidão que o seguia. Feitura dela a princípio, veio a atuar como causa por seu turno; mas só chegou à posse completa de sua mesma vesânia, quando a viu compartilhada pelas gentes que o cercavam. Essas variantes sutis, que só poderiam ser notadas por uma alma, por sua vez complicada, ressaltam nestes períodos:

“Dominava-os, por fim, sem o querer. No seio de uma sociedade primitiva que pelas qualidades étnicas e influxo das *santas missões* malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o logo de não vulgar prestígio, agravando-lhe, talvez, o temperamento.

A pouco e pouco, todo o domínio que, sem cálculo, deramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjeturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente propício ao germinar do próprio desvario. A sua insânia estava, ali, exteriorizada.

Espelhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro obrigado em todas as decisões.

A multidão poupara-lhe o indagar torturante acerca do próprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa intuspecção delirante, entre os quais envolve a loucura nos cérebros abalados.

Remodelava-o à sua imagem. Criava-o.

Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra...”

Belo! Belo!...

A Academia recebe em seu seio um poderoso escritor, mas um que pode colocar ideias, além de pronomes, porque estuda e medita, porque sabe ver e inquirir. Mas, afinal, é preciso generalizar e concluir.

Que lição podemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos, do livro do Sr. Euclides da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo que já anda cansado de frases e promessas, desiludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de sossego, do bem-estar que lhe foge, esse amado povo brasileiro, paupérrimo no meio das incalculáveis riquezas de sua terra?

É a terceira tentação a que não posso fugir, e não me furtarei a dizer meia dúzia de palavras.

Já andamos fartos de discussões políticas e literárias. O Brasil social é que deve atrair todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria.

É onde pulsa a mor intensidade dos problemas nacionais, que exigem solução, sob pena, se não de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso, no avançar para o futuro.

Vós, Sr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, aludindo célere, de raspão, aos nossos desvarios e aos nossos desengonçados e tumultuários esforços e planos de reforma, dizeis que sofremos da vesânia de *reformatar pelas cimalthas*.

É a verdade.

Mas por quê?

Reformatar pelas cimalthas e não pela base, pelo alicerce... Por quê?

De onde provém esse perpétuo desatino de tantos homens inteligentes?

Em vosso livro, logo nas primeiras páginas, estabeleceis que a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social: “— estamos condenados à civilização; ou progredimos ou desapareceremos...”

Logo, é que não nos julgais no todo civilizados, e, a despeito de tantas aparências enganadoras, corremos perigo... Por quê?

Claro, existe aí um problema a resolver, uma antinomia a explicar.

Noutro lanço de vosso livro, como uma síntese dele, como a lição que brota de vossas meditações, chegastes a este resultado acerca das populações sertanejas do Brasil:

“A sua instabilidade de complexos fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo *desaparecimento* ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes imigratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra... Retardatários

hoje, amanhã se extinguirão de todo... Além disto, mal unidos àqueles patrícios pelo solo, em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica, — o tempo.”

Logo, temos aqui a mais singular das situações sociais, alguma coisa de gravemente inquietante que é indispensável esclarecer para afastar, para corrigir, para conjurar, se possível, como que duas nações que se desconhecem, separadas no espaço, e ainda mais no tempo, e uma delas votada ao desaparecimento, no pensar de um dos maiores talentos de nossa atualidade, um dos mais completos conhecedores de nosso povo!...

Mas essa parte das nossas gentes, destinada, a seu ver, a apagar-se da vida e da história, é a maior parte da nação e é aquela que tem mantido a nossa independência; porque é aquela que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate...

Não há nisso uma anomalia, uma raríssima extravagância da evolução histórica? Evidentemente; e por quê?

Eis o problema.

Responder a ele cabalmente não é coisa para ser feita nas quatro palavras do final de um discurso acadêmico.

Uma vista completa do assunto exigiria, por assim dizer, o desmontar das diversas peças que formaram e vão formando o nosso povo; o serem elas estudadas uma a uma na sua constituição íntima e na grande alteração que tem sofrido pela fusão neste clima, neste meio. Haveria mister estudar o país, zona por zona, porque existem diferenciações várias a notar aqui e ali, exigidoras de diagnósticos divergentes e terapêuticas especiais. Não é aqui, claro, o lugar de o tentar.

Baste-me consignar que o nosso estremecido povo brasileiro apresenta a sintomatologia geral das nações, a cujo grupo pertence,

esse grande número de povos de índole e formação *comunária*, especialmente os latino-americanos, que têm de suportar a nova concorrência das nações de formação particularista colocadas atualmente à frente da civilização industrial do tempo: ingleses, alemães, americanos, canadenses, australianos, flamengos, holandeses, franceses do Norte, povos que retêm em suas mãos os capitais movimentadores do mundo moderno.

Mas apresenta essa sintomatologia, ao lado de caracteres que lhe são próprios e o individualizam mais de perto.

Indicar estes últimos, mesmo de relance, é ter uma resposta à pergunta formulada. Apontarei, por brevidade, minhas observações em frases sinópticas.

A crise universal hodierna entre a velha e a nova educação, entre a cansada intuição *comunária*, que procura resolver o problema da existência, apoiando-se na *coletividade*, na *comunhão*, no *grupo*, quer da *família*, quer da *tribo*, quer do *clã*, quer dos *poderes públicos*, do *município*, da *província*, do *Estado*, dos *partidos*, jogando como arma principal das classes ditas dirigentes a *política alimentária*, o *emprego público*, as *fáceis profissões liberais* ou o mero comércio, a crise entre esta intuição e a educação particularista que encara aquele problema, principalmente como coisa a ser solvida pela energia individual, a autonomia da vontade, a força propulsora do caráter, a iniciativa particular no trabalho, as ousadias produtoras do esforço, essa crise universal acha-se no Brasil complicada por causas e circunstâncias especiais de seu desenvolvimento etnológico e histórico. Entre nós a raça colonizadora, acostumada, geralmente, no comércio, e, em várias zonas do Sul e das montanhas de sua terra, à vida de um fácil pastoreio, e, no resto do país, à cultura doce, que é quase uma *jardinagem*, da vinha, dos frutos arborescentes, como as castanhas, as nozes, os figos, as oliveiras,

e, em muito menor escala, do centeio e do trigo, foi obrigada a uma cultura rude e penosa. Recorreu, pela força, ao cativo de índios e negros, gentes selvagens, alheias ao trabalho agrícola.

Os mestiços das três raças eram, por via de regra, pela mor parte incorporados entre os escravos.

Os colonos reinóis, de gradações e categorias várias, se encarregavam do suavíssimo ofício de *mandar*...

E como não, se eram os senhores dos outros e os donos da terra?

Mas todo o mundo não podia ser, no campo, senhor de engenho, fazendeiro de gado ou de café, proprietário de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer que grande parte, a mor parte da população, o grosso proletariado rural – não escravo – não possuía um palmo de terra, porque esta foi, desde o começo, ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias intérminas.

O aludido proletariado teve fatalmente de acostar-se, como agredado, à patronagem dos grandes proprietários. É a origem dos doze milhões de brasileiros que habitam todo o interior do país: matas, sertões, campos gerais, chapadas, chapadões e planaltos, fora das restritas gentes das grandes vilas e cidades da costa ou do centro. Destas, dos habitantes das vilas e cidades, os mandões, diretamente vindos da Europa ou já nascidos no país, apoderavam-se dos cargos públicos ou exerciam o comércio, a mercancia, que teve, no correr de séculos, entre nós todos os caracteres de uma pirataria em grosso. O resto da população livre, o maior número, dividia-se nos povoados ainda em dois grupos, o dos que mourejavam na prática de uns ofícios reles que lhes garantiam uma existência penosíssima e o dos que resvalavam numa pobreza abjeta, repulsiva.

Ainda hoje, por essas terras além, o Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna a incorporação dos

ex-escravos nessa enorme massa de população proletária, quer dos campos, quer das povoações. Originaram-se dessa anomalia inicial várias antinomias que ainda hoje nos atropelam e fazem manquejar. A primeira delas é a disparidade entre uma pequena *élite* de possuidores e proprietários e o avultadíssimo número de analfabetos ou incultos que constituem a nação por toda a parte.

Esta última extravagância agrava-se de um peculiar despropósito que, repetido a toda hora, nos jornais, nos discursos e nos escritos dos que entre nós dirigem a opinião, tem produzido soma incalculável de males, desviando os governos, e todos os que disso podiam curar, de cumprir o seu dever para com a maioria da população nacional.

Quero falar da singularíssima teima dos nossos intelectuais de toda a casta, de dizerem mal das gentes do centro, sertanejos ou não, sem se lembrarem que, há quatrocentos anos, elas é que trabalham e produzem, elas é que se batem, isto é, sem se lembrarem que elas é que têm sustentando o Brasil como povo que vive e como nação que se defende.

Aos fazendeiros e senhores de engenho tratam como adversários e maus sujeitos.

Magnatas, senhores feudais, déspotas, insaciáveis parasitas, são as gentilezas com que os brindam.

Aos homens do trabalho do campo consideram uma turba amorfa que vai desaparecer, bandos de *sertanejos, jagunços, matutos, tabaréus, caboclos, caipiras, gaúchos,* quase sem valia.

E não lhes ocorre, repito, que essas gentes é que, com os ex-escravos, nelas hoje incorporados, criaram com todas as falhas a riqueza existente no país.

O fazendeiro exerceu e exerce ainda a natural patronagem própria do régimen agrícola ou pastoril dos países como o nosso: os sertane-

jos, matutos e caipiras, gaúchos e roceiros de todas as gradações — são os únicos operários pastoris ou agrícolas — com que temos contado, não metendo em conta alguns milhares de colonos que só recentemente foram introduzidos e em raras zonas do território vastíssimo.

A força de existência, em que pese aos fantasistas da população nacional, está precisamente nessas gentes do interior, nos doze milhões de sertanejos, matutos, tabaréus, caipiras, jagunços, caboclos, gaúchos...

O problema brasileiro por excelência consiste exatamente em compreender este fato tão simples e tratar de fazer tudo que for possível em prol de tais populações, educá-las nos destinos desta pátria.

O maior obstáculo a isto têm sido as *literatices* dos escritores e políticos que se julgam eles, esses defraudadores de empregos públicos, posições e profissões liberais, os genuínos e únicos brasileiros, a alma e o braço do povo — por isso se arvoraram em nossos diretores...

Outra singularidade latino-americana, agravada no Brasil, e oriunda das precedentes, é que não conseguimos formar ainda um povo devidamente organizado de alto a baixo.

Falta-nos a hierarquização social, o encadeamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente de um ideal comum, a homogeneidade íntima.

Falta-nos a radicação à terra pela propriedade espalhada largamente, pelo cultivo, pela produção autônoma da riqueza nacional. O nosso povo está, em geral, desenraizado do solo ou nele subsiste como uma vegetação estranha.

Faltam-nos o aferro ao trabalho, a base econômica livre, ampla e segura, e, mais, a masculinidade da vontade, o espírito de iniciativa, a audácia do esforço do empreendimento, da luta pelo progresso e bem-estar.

Nota-se de sobra a indisciplina, o espírito de *clã*, a divisão e a desarmonia, a falta de solidariedade, de consciência coletiva nacional. Destarte, se por um lado não temos o operariado rural organizado, afeito ao trabalho regular e seguido, nem uma classe numerosa, por toda a parte espalhada, de pequenos proprietários da mesma espécie; porque as terras são devolutas, de heréus, ou estão nas mãos dos grandes latifundiários, hoje geralmente decadentes; não possuímos, por outro lado, o vasto operariado urbano nacional, organizado pelo Brasil em fora; nem a pequena burguesia proprietária, farta e abastada; nem tampouco grande burguesia comparável à das fartas nações particularistas, opulenta, poderosa, progressiva, e, menos ainda, a vasta aristocracia do dinheiro, o grupo dos milionários, dos banqueiros, dos capitalistas compatriotas empreendedores.

Não possuímos os grandes mineradores, os grandes criadores, os grandes agricultores, os grandes industriais à moderna.

Esta geral falta de base econômica estável e autônoma, que repercute na família e na índole do povo, pela incerteza dos meios e modos de viver, leva-nos a não ter, nem como os povos orientais, a estabilidade patriarcal, de uma parte, e nem de outra, a iniciativa de coragem e espírito empreendedor particularista.

É também esta uma antinomia, e das mais sérias, de nossas gentes.

Este mal provém, como se viu, das origens, da matéria-prima humana empregada no povoamento, na formação da nação e também da natureza do meio, *áspero*, em grande parte do país, e ao mesmo tempo *enganoso*, pelas facilidades outorgadas à vadiagem com a abundância de produtos espontâneos, aproveitáveis sem labor; duro para a grande e intensa cultura, doce para a vida imprevidente dos improgressivos.

A estes dois fatores fundamentais juntam-se, neste particular, efeitos que estão desde o começo atuando como causas maléficas: os

vícios acumulados, por quatrocentos anos, da escravidão, da política meio de vida, da empregomania, do horror pela vida afanosa do campo no meneio das indústrias produtivas, da atração para os folgados afazeres dos órgãos oficiais, das profissões letradas e da mercancia nas cidades.

Outra grande singularidade da evolução brasileira é o fato originalíssimo que não tem sido notado e menos apreciado na sua genuína significação, e é explicável pelos fenômenos sociais e políticos já aduzidos.

Refiro-me à negação pelo Brasil dada à lei histórica, observada na milenária evolução do Ocidente, por toda a parte, quando os escravos e servos se transformaram em homens livres.

Em todo o Ocidente a mor porção daqueles transmudou-se nessa massa de pequenos proprietários agrícolas, presos, pois, ao solo pelos mais sólidos interesses, e que veio a constituir o cerne, o âmago, o nervo das nações modernas; a outra porção transformou-se nesse corpo de operários rurais, também ligados ao solo, e que é outra das bases firmes das nações fortes e futuras. No Brasil nada disto.

Tivemos por duas vezes a solene abolição em massa. A primeira vez foi na última fase do século XVIII, quando foram libertados os escravos índios e mestiços de índios.

Fugiram quase todos para os matos e os que ficaram em aldeamentos não se transformaram em proprietários de terras e nem se entregaram à cultura.

Prolongaram uma vida de miséria, servindo em ofícios inferiores até se obliterarem quase inteiramente na massa do proletariado anônimo e apagado das vizinhanças.

A outra vez foi ontem, em nossos dias, quando se libertaram os escravos de origem africana e mestiços deles na penúltima década do século XIX.

A debandada foi ainda mais geral.

O ex-escravo, que não tinha sido preparado pelo colonato, nem pela descrição do solo, devido à solene incapacidade da famosa *élite* de bacharéis palheiros que tem sido sempre Governo nesta terra e tem tido nas mãos os destinos do Brasil, o ex-escravo deu em geral na cala-çaria e emigrou para os povoados...

Aí vive aos trambolhões nuns empregos reles.

Ali, nas cidades, como nesta capital, nenhuma aspiração elevada e nobre lhes despontou n'alma.

Aumentaram apenas a nota cômica que nos cerca por todas as faces da existência. Uma das mais características dos dois últimos decênios é o sério com que distintas e graves damas de cor imitam os trajos, os gestos, os cacoetes das mais finas arianas, europeias ou fluminenses, e a doce ternura com que se tratam de *excelências*... V. Ex.^a para aqui, V. Ex.^a para acolá. É um regalo.

Mas não era disto que havíamos mister.

A politicagem, embevecida no desfrutar dos capitais e dos braços estrangeiros, como se estes tivessem sido criados para estar à nossa disposição e nos serem ofertados de mão beijada, nada viu, de nada curou e nem sabia curar...

Pois poder-se-ia lá pensar que avezados cultores da advocacia administrativa, insignes inventores de malabarescas concessões, eles e seus aliados dos Governos dos Ministérios, dos Parlamentos, do jornalismo, espreitadores de lucros, favores e vantagens, interrompessem seus graves afazeres para pensar no povo, na plebe, nos matutos, nos sertanejos, nos ex-escravos, na lavoura!...

Afear o estilo, aleijar a frase, esquecer, por instantes que fossem, os embevecimentos idiomáticos, com esses plebéismos rebarbativos, especialmente agora que tudo deve ser *chic*, como as avenidas e os palacetes da moda.

Que loucura!...

Mas eu insisto: não era disto que havíamos mister. O que precisávamos, e seria de uma vantagem máxima, incalculável, era que não tivéssemos desmentido a lei histórica; era que no século XVIII, e mais ainda no século XIX, a massa enorme de três milhões de escravos, ou mais, levando em conta as libertações parciais operadas em todo o correr dos dois séculos, tivesse sido transformada num corpo sólido de proprietários e operários agrícolas.

Havia meios de o conseguir, se o Governo em nossa terra tivesse sido sempre uma função dos mais capazes e não essa seleção inominada, essa floração inclassificável que tem sido o espanto das almas dignas.

E eis porque, perdeu-se, em duas ocasiões solenes, o ensejo de se irem enchendo os quadros da população livre com a sua natural hierarquização. E eis porque, e é mais uma das nossas peculiares originalidades, no Brasil são só facilmente realizáveis, sem intervenção estrangeira, os fatos políticos e até sociais, que podem espontaneamente ser transformados em *temas* literários, em *assuntos* de escritos e discursos, que deixem larga margem a frases bonitas, a períodos elegantes, a meneios retóricos, eloquentes.

Iludem os faladores toda a gente com os belos e sonoros palavreados. Apontam os díscolos como retardatários, senão inimigos da pátria e do povo, o pobre *João-sem-Terra*, na frase de Prudhon, que é no Brasil amaríssima realidade. Temos chegado a perder até a consciência de nossos destinos e não sabemos mais para onde nos levam.

E eis porque quando aporta em nossas plagas o estrangeiro inteligente, ilustrado, sabedor, como esse saudoso Luís Couty, cujo livro *O Brasil em 1884* deveria andar em todas as mãos e estar traduzido e espalhado por todas as escolas, apenas lança os olhos para a nossa população, não essa que flana na Rua do Ouvidor, julgando-se digna rival da que percorre o *Bois de Boulogne* ou a *Unter den Linden*, senão a outra, a que

produz os pesados milhões com que se pagam os encargos e esbanjamentos da lista civil, do funcionalismo público, das loucuras de uma administração tumultuária ou imbecil; essa que trabalha, porque é ela quem suporta os ásperos afazeres dos seringais, da cana-de-açúcar, do café, da mineração, dos criatórios e pastoreios, das charqueadas e de todos os duros misteres da produção nacional, lá fora nos campos e nos recessos do país, ou nas cidades, nas fábricas e nos mais pesados ofícios; essa que *trabalha* e se *bate*, porque é também ela que na generalidade enche os quadros do exército e da armada, e, quando chega a hora do perigo, deixa, na frase do poeta, *a página da vida dobrada e parte para morrer...* eis porque dizia o estrangeiro, que tem olhos para ver, logo que os lança sobre o nosso tão querido e tão mal dirigido Brasil, é para ter frases como estas, verdadeiras, que nos fustigam como flamas:

“Tomemos a questão do alto, estudemos o conjunto da população. O estado funcional da população brasileira pode-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo!

Dos seus 12 milhões de habitantes (hoje serão talvez 15, o que não muda em nada o raciocínio), 1 milhão é de índios inúteis ou quase, 1 milhão e meio é de escravos (hoje os ex-escravos e seus descendentes andam quase inúteis, esparsos nos povoados e raros nas antigas fazendas e engenhos). Ficam 9 milhões (serão, talvez, agora 12), mais ou menos. Destes, 500 mil pertencem a famílias proprietárias de escravos: são fazendeiros, advogados, médicos, engenheiros, empregados, administradores, negociantes. Acontece, porém, que o largo espaço compreendido entre a alta classe dirigente e os escravos (agora criados e empregados de toda ordem) por ela utilizados não se acha suficientemente preenchido.

Seis milhões (atualmente mais) de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter quase servido a sua pátria.

No campo, serão agregados de fazendas, caipiras, mulatos, caboclos; nas cidades, serão capangas, capoeiras, ou simplesmente vadios e ébrios. Capazes todos eles muitas vezes de labores penosos, como os da desbravação das matas e arroteamento das terras, ou da criação de gados, não terão, porém, nem ideia de economia nem do trabalho seguido e perseverante.

Os mais inteligentes, os mais ativos, 2 milhões talvez, serão negociantes, empregados ou criados.

Em parte alguma se encontrarão, nem as massas fortemente organizadas dos livres produtores agrícolas ou industriais, que nos povos civilizados são base da ordem e da riqueza, nem tampouco as massas de eleitores conscientes, sabendo votar e pensar, capazes de imporem aos governos uma direção definida”.

É forçoso acrescentar que, com todos esses defeitos e lacunas, trabalham muito mais do que a ex-faustosa *élite* dirigente, cujos esforços negativos têm sido quase sempre em pura perda do país. São os agentes da política alimentária, cujas vantagens práticas para a nação são puramente ilusórias.

E ainda não está terminada a lista das nossas antinomias latino-americanas, nomeadamente nacionais. Uma delas, e das mais sérias, é que não tivemos nunca, durante quatro séculos, senão revoluções e movimentos políticos, que, longe de facilitarem a constituição social do povo, embaraçaram-na, ao invés, consideravelmente. O começo de falha revolução social que se devia iniciar com a emancipação dos

escravos, foi logo entravado e desviado de seu curso pela revolução política da proclamação da República.

O movimento social que devia prosseguir no intuito de se criar um povo de pequenos proprietários agrícolas e de trabalhadores livres, todos ligados à terra, já com elementos nacionais, já com elementos alienígenas, remodelando a propriedade territorial, parou de súbito e tudo atordoou-se com a inesperada e intensa reviravolta política, que atraiu todas as atenções. Veio à tona, um momento ao menos, o militarismo, cercado de abusos.

Surgiu de todos os lados o espírito de revolta e desordem.

Reapareceu a velha tendência oligárquica mais ou menos apagada pela ação do Império e retomou posição em todos os Estados. Desencadeou-se febrilmente o espírito de ganância e fortuna fácil ou a loucura do encilhamento; parou a colonização; surgiram as crises do trabalho e da produção.

Encilhamentos, revoltas, das quais a de Canudos, tão vigorosamente descrita pelo nosso consócio, foi apenas um rápido episódio, trouxeram a bancarrota, a moratória, o *funding-loan*, a desordem econômica geral.

E como era preciso que nos iludíssemos, fascinando-nos com faustosas miragens, decretaram-se avenidas e *boulevards*, multiplicando fantásticamente os empréstimos, avolumando as dívidas a um ponto inacreditável, e gravemente perigoso.

O capital estrangeiro, sempre sôfrego por empregar-se, canalizou-se para cá, mas com a segurança de garantias definidas na hipoteca de rendas aduaneiras e, em vários pontos, com agentes seus nas partições fiscais.

A escravidão foi abolida e com ela a realeza; mas, com as nossas loucuras políticas todas feitas pelas admiráveis classes dirigentes, não

curamos de educar as populações no trabalho remunerador e autônomo, não cuidamos de preparar o operariado livre nacional, nem da colonização habilmente encaminhada, nem da exploração da terra pela indústria magna – a da cultura.

Chegamos destarte à suprema degradação de retrogradar, dando de novo um sentido histórico às oligarquias locais e outorgando-lhes nova função política e social, que estão a exercer nos Estados com o mais afoito desembaraço; e essa nova função vem a ser a consciência geralmente espalhada da impossibilidade de se deitar uma oligarquia abaixo sem que se levante outra, porque ou oligarquia ou anarquia!...

E mais, digo-o com dor, chegamos ao ponto de não poder atirar em terra qualquer um desses *governichos* criminosos e asfíxiadores senão pela traição ou pelo assassinato!

Com essas nefandas preocupações políticas, cujo principal móvel é fazer uma parte da população trabalhar para sustentar a outra, não admira que seja detestável o estado social da nação e peculiarmente insustentável e embaraçosa sua posição econômica.

Não admira que se levantem clamores constantemente de todos os lados. Inteligente, a seu modo, a afanosa *élite* sonha reformas aptas a calarem os brados das populações e mais aptas ainda a conservá-la na direção dos negócios.

É então que surge o negativo esforço de *reformatar pelas cimbalas*, na vossa frase, Sr. Euclides da Cunha. No principal, o estado social do povo que deve ser remodelado por uma educação adequada à vida moderna, e pelo aproveitamento hábil da colonização estrangeira e nacional, não se cogita.

Nas suas reformas começam pelo fim. Julgam que com o alargamento de ruas podem resolver os tremendamente inquietadores pro-

blemas brasileiros. A nação chegou ao século XX, o século em que se vai resolver o seu destino, inteiramente despercebida para a luta.

A crise de nossa transformação para o moderno viver, tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista. Assaz temos já sentido a garra do leão em nossas carnes.

As forças vivas da economia da nação estão passando ou já estão quase todas nas mãos deles: o grande comércio bancário, o farto jogo dos câmbios, o alto comércio importador e exportador, as melhores empresas de mineração, de viação, de transportes, de navegação, de obras de toda a casta – acham-se nesse número.

Classes inteiras da antiga mercancia nacional desapareceram na miséria ou debatem-se nos paroxismos de um morrer inglório, como essa dos comissários de café.

A singular rubiácea – incrível fato! – serve hoje para enriquecer com milhões as casas importadoras do Havre, Hamburgo, Londres, Nova York e as filiais exportadoras que aqui montaram, além dos grandes torradores estrangeiros, e só não chega para enriquecer quem a produz: o fazendeiro nacional, reduzido à miséria com a agravação dos impostos, e o operário assalariado que vence mínimas pagas por seu trabalho...

Só falta que os milionários alienígenas, blindados pelos *trusts*, se apoderem diretamente das fontes da produção das fazendas. Caminhamos para lá, porque esta evolução já está iniciada.

Deste modo, claro, não é de *reformatar pelas cimalthas* que havemos mister.

Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios de Monroe, quando a mor parte da gente mora em estalagens e cortiços, e as casas de pensão proliferam, e de ter avenidas à beira-mar e teatros monumentais, que vão ficar fecha-

dos, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miséria é geral e quase todas as cidades e todas as vilas do Brasil são verdadeiras taperas; de ter cá a reunião do Congresso Pan-Americano, para dar-lhe, como ilustração, as trucidações de Mato Grosso e o assassinato de deputados e senadores, em pleno dia, nos desregramentos de uma política feroz!...

Não estamos no caso de contrair empréstimos loucamente avultados e ruinosos para os aplicar em obras suntuárias, quando os serviços mais simples estão por organizar por todo o país; quando temos enorme déficit, não falo do orçamentário, o déficit da União, dos Estados, das Municipalidades, falo do déficit do povo, aquele que os economistas chamam *déficit de substâncias*, porque, possuindo o país talvez mais fértil do mundo, precisamos de comprar fora a maior parte das coisas indispensáveis à vida... e assaz considerável parte da população desceu até à degradação do *jogo do bicho*...

Os governos, os chefes políticos, os diretores dos partidos, os grandes, os potentados, todos os que formam essa classe dirigente, que nada dirige, não têm querido cumprir o seu mais elementar dever para com as populações nacionais, inquirindo de seus mais inquietantes males, de suas mais urgentes necessidades. A literatura não o tem também cumprido, estudando-a, dizendo-lhes a verdade, educando-as, estimulando-as, corrigindo-as... Entretanto é urgentíssimo que nos aparelhemos. A situação é esta:

O grande proprietário, e produtor de toda a ordem do interior, perdeu o escravo, nervo do trabalho; não sendo-lhe possível reduzir o colono estrangeiro, nos pontos onde ele existe, à condição do antigo trabalhador, não tem tido a plasticidade exigida para a transformação imposta pelo novo estado social. E, como não tem capacidade por si para o trabalho, nem o encontra amplo na população rural ambiente,

nem lhe ocorre dividir os enormes latifúndios e tentar a criação da pequena exploração agrícola, deblatera-se e decai.

Perdeu o Brasil o quase monopólio do açúcar, do ouro, dos brilhantes, está muito abalado no café, e, pelo sistema seguido no Amazonas, não admira que venha a ficar abalado também no da borracha; e que fará ele?

Isto nos seus eminentes e culminantes ramos econômicos, nas suas mais pingues fontes de riqueza.

O grosso da população é paupérrima e desarticulada. Nos campos, nas roças, nos sertões, no interior, produz, mas produz pouco e sem sistema. Nas vilas e cidades, quase nada produz em pequenos e mal organizados ofícios e um pouco mais nas modernas fábricas, instaladas em vários pontos onde o operariado geme, porém, nas garras de um capitalismo que se poderia chamar *quebrado*: porque nós não temos grandes fortunas, fartas somas acumuladas.

Um funcionalismo incontável se vai encarregando de encher o vácuo. É o caso de concluir convosco, Sr. Euclides da Cunha: *ou nos transformamos pela base ou sucumbiremos.*

Vós vos referistes aos esquecidos e desavisados sertanejos de entre o Itapicuru, da Bahia, e o Parnaíba, do Piauí. Não vejo motivo para essa seleção da morte, essa escolha dos que vão desaparecer!

Desapareceremos então todos; porque todos sofremos fundamentalmente dos mesmos vícios e defeitos. Mas há alguma coisa a tentar para resistir. Olhem para o Japão; transformemo-nos como ele. Nesta ordem de assuntos, dizia-me, não há muito, um inteligente viajante estrangeiro: Vós brasileiros entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo país em fora. Sim; é fato. – Mas, obtemperou, tendes tido ideia de iniciar a colonização e povoamento nas admiráveis terras do Rio Branco, reserva pro-

vidente, que será a única base que tereis para manter a posse do vale amazônico? – Não. – Tendes tido o cuidado de sistematizar os trabalhos dos seringais, vedando o estrago das plantas, e, principalmente, tendes procurado prender ali, em pontos vários, a população ao solo, pela agricultura e indústrias estáveis? – Não. – Tendes providenciado para que renasça nas vossas extensíssimas zonas pastoris, desde o Norte até às fronteiras do Rio Grande, a excelente indústria da criação em todas as suas múltiplas variedades? – Não. – Tendes, com o sistema das barragens romanas, corrigido as condições do solo de vosso país na famosa região das secas? – Não. – Haveis cogitado do renascimento da indústria do açúcar, fonte outrora de vossa riqueza, e que, por cuidados especiais, pode levar de vencida a beterraba, atenta a superioridade incalculável da cana? – Não. – E o da magnífica indústria da mineração, noutra tempo tão florescente? – Não. – E haveis, sem dúvida, já vos preocupado com o florescimento das culturas do algodão brasileiro, que não tem superior no mundo, e, peculiarmente, com a do tabaco, que rivaliza com o de Cuba? – Não. – Com certeza, porém, tendes atendido, com peculiar carinho, à produção dos cereais nas regiões aptas do Norte e Sul, para que não andeis a comprar fora os meios de subsistência? – Não. – Sem a menor dúvida, andais preocupados com os meios práticos do povoamento da terra, aproveitando o que se pode chamar a *colonização nacional*, atraindo para o trabalho rural as populações deserddadas, esses esforçados cearenses, por exemplo, fazendo-lhes concessões, dando-lhes terras, meios de trabalho? – Não. – Haveis, em compensação, envidado hercúleos esforços para a difusão cuidadosa dos colonos estrangeiros por todas as boas zonas brasileiras, no intuito de ir reforçando as gentes existentes? – Não. – E, nomeadamente, estais preparando a assimilação dos núcleos germânicos que subsistem íntegros em terras vossas? – Não. – Mas não vos deve, por

certo, ter escapado a necessidade urgentíssima de articular o país com vias férreas de norte a sul e de leste a oeste, vias férreas que levam sempre consigo o povoamento do país, sem falar em estradas vicinais? – Não. – Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa moleza do meridional, estais, por uma educação rija, segura, forte, enérgica, adequada, transformando o caráter nacional e preparando-o, pela disposição de coragem, espírito de progresso, de atividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho produtivo, para dispensar os hábitos comunários, a tutela do Estado e outros achaques latinos que têm sido a praga de nossas gentes? – Não. – Então, meu caro senhor, não tendes feito nada!... Tendes sido apenas o juguete do capital estrangeiro, sófrego por emprego a bom juro, e de certas corporações ou indivíduos, postos por ele a seu serviço, e que precisavam de apanhar grossas somas numa espécie de encilhamento... Não consta que, em todo o correr da história de mais de 10 mil anos, alargamentos de ruas e aberturas de avenidas numa cidade qualquer, mero luxo a que as nações se entregam quando, cansadas de riqueza, entram a caducar, tivessem sido meio de solver os fundos males sociais, as gravíssimas inquietações de um povo!

Despediu-se e deixou-me triste. Tinha-se desmoronado, a meus olhos, todo o prestígio da *Avenida à Beira-Mar*, por onde eu já andava a ver desfilar o Brasil glorioso e próspero, dando leis ao mundo... E mais ainda essa fantástica raridade do *Canal do Mangue*, que devia ofuscar todas as Venezas existentes e por existir... E, todavia, o programa esboçado, a correr, em meia dúzia de palavras por meu interlocutor estrangeiro, é o que temos a fazer, especialmente na sua última parte. Senão, cairemos na vossa alternativa, Sr. Dr. Euclides da Cunha. O Brasil progredirá, é certo: porque ele tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza, que está nas mãos de três ou quatro gran-

des nações postadas à frente do imperialismo hodierno. Progredirá, quase exclusivamente, com os braços, os capitais, os esforços, as ideias, as iniciativas, as audácias, as criações dos estrangeiros, já que não queremos ou não podemos entrar diretamente na faina, ocupando os primeiros lugares como colaboradores.

Progredirá, certo; porque, afeiçoado o país pouco a pouco, a seu jeito, eles, de posse das grandes forças produtoras, de todas as fontes de riqueza, virão chegando oportunamente e tomando posição seleta entre os habitantes da terra; e, se não estivermos aparelhados, apercebidos, coraçados por todos os recursos da energia do caráter, para a concorrência, iremos, nós os latino-americanos, insensivelmente, e fatalmente, para o segundo plano...

Assistiremos, como ilotas, o banquetear dos poderosos; ficaremos, os da *élite* de hoje, na mesma posição a que temos mais ou menos geralmente condenado os negros e índios e seus filhos mais próximos que trabalharam para nós...

Triste vingança da História!

Sabe Deus a mágoa com que o digo...

Portanto, *excelsior, excelsior! Sursum corda!*

Trabalhemos, eduquemo-nos, reformemo-nos para viver...

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

O êxito de *Os Sertões* trouxe ao autor a notoriedade que o conduziu desde logo ao ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e em seguida à Academia Brasileira de Letras. O discurso de posse no Instituto Histórico, em 20 de novembro de 1903, é texto importante, pouco conhecido, em tom pessimista, demonstrando o desencanto com a República, num desabafo se considerando “um grego antigo transviado nas ruas de Bizâncio”.

O discurso de saudação do Conselheiro Manoel Francisco Corrêa é um discurso curto e de caráter protocolar.

POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

I

DISCURSO DO SR. EUCLIDES DA CUNHA*

SESSÃO SOLENE EM 20 DE NOVEMBRO DE 1903

Exm. Sr. Presidente – Srs. Membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Acudindo ao vosso chamado, venho ocupar o lugar que me designastes e agradecer-vos-lo, assegurando-vos ao mesmo tempo a ufania que me causa esta investidura, embora ela envolva grandes responsabilidades e me obrigue, de ora avante, a acomodar uma visão restrita e frágil às mais dilatadas perspectivas do nosso tirocínio histórico. Felizmente, malgrado tanta desvalia, chego ainda a tempo de aproveitar mais utilmente, no vosso convívio, uns restos da mocidade. Forrei-me ao domínio de alguns preconceitos sem sentido; reconheci a inanidade de não sei quantas fórmulas vãs, que os doutrinadores de momento – agitantes no vácuo de uma metafísica tacanha – remascam, ruminam e remoem, na mesma inconsciência com que certos brâmanes murmuram durante a vida inteira, sem os entenderem, os versículos dos Rig Vedas; e rompendo as malhas de um ingênuo fetichismo político, ao mesmo passo que deixaram de atrair-me às aventuras de antigo caçador de miragens – posso vir, placidamente, para o vosso meio, trazendo-vos uma qualidade única e irreduzível,

*  *Revista Trimensal* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXVI; pp. 289-292. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904.

mas que por si supre por outros, e que no momento atual, para ter algum valor, deve ser isolada: a qualidade de brasileiro.

Não é oportuno, e de algum modo fora arremeter com as praxes adotadas, o tentar demonstrar-vos que semelhante título não no-lo pode dar, na sua estrutura complexa, o fortuito do nascimento numa quadra do chão ou os atributos artificiais de uma constituição parodiada – senão um intenso esforço consciente, diria – melhor uma espécie de aclimação histórica – aparelhando-nos a compreender nos destinos de um povo que, nascendo em condições especialíssimas, quando surgia a Renascença – em pleno transfigurar das sociedades já constituídas – deparou, na própria marcha crescentemente acelerada do progresso geral, sérios estorvos, impossibilitando-lhe uma situação de parada indispensável ao perfeito caldeamento de suas raças constituintes – e chegou ainda incharacterístico à fase integradora do Império, que foi o órgão preeminente da sua unidade nacional.

Infelizmente me escasseiam competência e valor para congraçar numa síntese rigorosa, com as suas recíprocas influências, as grandes fatalidades que perturbaram ou demoraram a nossa evolução: desde as condições físicas desfavoráveis do território amplíssimo e quase impenetrável em virtude da sua própria estrutura geognóstica, aos impeços e perturbações de ordem moral, em grande parte oriundos da circunstância de termos sido obrigados a efetuar, simultaneamente, a nossa formação étnica e a nossa formação política, dando traçados paralelos a fenômenos naturalmente sucessivos.

Então as notáveis vicissitudes da nossa existência coletiva, com os seus desvios, com os seus recuos, com os seus descompassados arrojados seguidos de subitâneos desfalecimentos, e com as suas grandes curvas quase fechadas, que fazem do Brasil exemplo único, a esteiar a fantasia filosófica de Vico, porque trouxeram a nossa Idade Média até o nosso

tempo, irmanando o feudalismo retrógrado dos donatários, que os alvarás nomeavam com o feudalismo anárquico dos governadores, que as eleições não elegem – tudo isto, toda essa agitação tumultuária, onde raro se destaca o caráter social dos acontecimentos, nos revelaria que aquele título não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista, e acarreta deveres tão sérios que quem a merece não sabe distinguir os compatriotas de boa vontade pelas fórmulas inexpressivas e artificiosas dos partidos. Revelaria isto a mais ligeira análise da situação presente.

Não a farei, porém. Evito pormenorizar um assunto em que o funambulesco se conchava no trágico, num dualismo abominável: o mesmo Tácito, neste lance, cederia muito a seu bom grado uma tal empresa ao mimógrafo Bathyllus...

Prefiro não deixar a atitude de curioso contemplativo, protegido pela obscuridade enobrecedora, mercê da qual passo por aí perfeitamente desconhecido, como um grego antigo transviado nas ruas de Bizâncio...

Ademais, para ser útil basta-me o cingir-me ao vosso belíssimo programa.

De feito, estas estantes iludem miraculosamente o encerro das paredes que nos cercam; têm a transparência ideal, e cheia de esplendores, dos próprios livros que as atestam; e dão aos escassos metros quadrados desta sala uma amplitude de quatro séculos, sem que se estranhe a falta de homogeneidade de uma tal comparação, porque a mesma realidade tangível nos ensina que, ao pisarmos as velhas tábuas desta Casa, andamos sobre um trecho da terra misteriosa e sagrada do passado.

Aqui se conjugam, sem o emperramento de irritantes atritos, sem o dispersivo das paixões, e sem que os apequene a lógica caturra destes tempos, os efeitos máximos dos 400 anos da nossa vida; passa intacta

e intangível, sobranceira a um tempo ao livre arbítrio dos homens e aos caprichos da Providência, a diretriz do nosso futuro, garantida pelo seu determinismo inflexível, nesse eterno equilíbrio dinâmico das tendências físicas individuais e dos motivos — *perpetuum mobile* — onde os nossos impulsos pessoais se corrigem, se retificam e se ampliam sob a disciplina austera da influência acumulada das gerações que passaram... E mesmo para os mais desalentados, salteados de assombros ante a situação presente, para os que prefiguram todos os desastres rompentes desta crise, mesmo para esses, há neste recinto no esplêndido isolamento deste cordão sanitário de milhares de livros, um admirável e consolador exílio, um degredo que lhes permite ligar a vida objetiva transitória à grande vida imortal da Pátria, sem que percam a contemplação de seus aspectos físicos formosíssimos dela, um belo ostracismo que escapou a todas as tiranias, porque é um prêmio — um exílio no tempo...

E eu aqui virei, sempre que m'ó permitirem as breves folgas da minha carreira fatigante, trazer-vos a minha boa vontade, que deve ser muito grande para nivelar-me, tão despercebido de outros requisitos, à incomparável superioridade dos vossos intuítos e dos vossos esforços.

II

RESPOSTA DO SR. CONSELHEIRO MANUEL CORREIA*

O Sr. Conselheiro Manuel Correia diz que, saudando o Sr. Dr. Euclides da Cunha, deve também desde logo dirigir as suas felicitações ao Instituto pela aquisição que acaba de fazer com a entrada de tão distinto membro, que traz para esta Associação a dupla força do valor intelectual e da austeridade de caráter.

De fato, o livro — *Os Sertões — Campanha de Canudos* — que deu ingresso ao Sr. Dr. Euclides da Cunha neste Instituto, é um documento incontrastável de uma grande mentalidade e de uma alma nobre que, na explanação e juízo sobre os sucessos históricos, cumpre severamente os ditames da retidão.

E em tão alta conta tem o Instituto o mérito do consócio que hoje se apresenta, que já o incumbiu de árdua, mas gloriosa tarefa, de escrever a história sobre a vida do Duque de Caxias, o valoroso soldado brasileiro que guiou sempre com triunfo os nossos exércitos.

Moço ainda, trabalhador incansável, aplicado como poucos o são, o Sr. Dr. Euclides da Cunha está destinado a ser um dos mais robustos esteios desta Casa, que antes de tudo reclama dos seus obreiros o zelo, o estudo e a probidade científica, condições essenciais do verdadeiro brilho.

E o orador folga em reconhecer esses preciosos requisitos no novo consócio, a quem o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro acolhe cheio de confiança e de desvanecimento.

*  Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXVI; pp. 292-293. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904.

 CONFERÊNCIA

Única conferência

Euclides da Cunha pronunciou apenas uma única conferência – Castro Alves e seu Tempo – em São Paulo a convite do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo em 2 de dezembro de 1907.

Em carta, sem data, a Vicente de Carvalho talvez intermediário do convite, Euclides mencionava ter respondido ao Telles, presidente do Grêmio, aceitando a incumbência.

Não há, na correspondência posterior, nenhuma referência à realização de conferência, e não se conhece documentação a respeito. A conferência foi publicada pela Imprensa Nacional no ano de 1907 e, em 1917, pelo Grêmio Euclides da Cunha.

CASTRO ALVES E SEU TEMPO*

Meus jovens compatriotas. – No cativante ofício que me dirigistes convidando-me a realizar esta conferência sobre Castro Alves, trai-se a feição preeminente do vosso culto pelo poeta.

“Insigne e extraordinário condoreiro da Bahia”, dissestes; e transfigurastes, na fórmula gloriosa de uma consagração, um título não raro irônico, ou derivado dos escrúpulos assombradiços da crítica literária ante o misticismo anômalo do cantor. Por isso mesmo deliberei acompanhar-vos neste rumo; não já por ajustar-me ao vosso nobilíssimo entusiasmo, senão também por facilitar, simplificando-a, a tarefa que me cometestes. Mas observei para logo que a facilidade prefigurada, como efeito do restringimento da tese, era ilusória.

O sonhador, contemplado na fisionomia particular que lhe imprimiu o seu lirismo revolucionário de propagandista fervente das ideias e sentimentos de seu tempo, apareceu-me maior do que abrangido na universalidade dos motivos determinantes das emoções estéticas.

À restrição da sua figura literária, correspondeu um alargamento na história.

O fantasista imaginoso transmudou-se.

Revendo-o, vi o aparecimento, quase inesperado, de uma fase nova na evolução da nossa sociedade.

Mas, para isto, fechei os meus olhos modernos e evitei a traiçoeira ilusão da personalidade, que está no projetar-se o nosso critério atual sobre as tendências, por vezes tão outras, das gentes que passaram.

Fui, deste modo, muito ao arrepio das ideias correntes, fortalecidas ainda há pouco por Guilherme Ferrero, na sua tentativa de deslocar

*  Conferência realizada em São Paulo, no Centro Acadêmico Onze de Agosto em 2 de dezembro de 1907.

para o estudo da humanidade o princípio das *causas atuais*, que o gênio de Lyell instituiu para explicar-se o desenvolvimento evolutivo da terra. E não me arrependo de o ter feito. Tenho que é impossível conjugar-se a simplicidade das leis físicas com o intrincadíssimo dos fatos morais, submetendo-se à mesma norma de pesquisas o maior e mais simples dos inorganismos e o maior e mais complexo dos organismos. Isto pode determinar curiosas surpresas: por exemplo, a reabilitação de Tibério... Nada mais, porém, além deste triunfo literário; tão flagrantemente ilógico é o transplante de um método inspirado em causas que se eternizam na passividade da matéria, para o *perpetuum mobile* do sentimento, ou do espírito, sempre a mudar, ou a renascer, sempre mais novo à medida que avulta em séculos, e sempre a transformar-se, ao ponto de se inverterem os impulsos mais enérgicos que presidiram os seus diferentes estádios. (*sic*)

Não preciso mostrar-vo-lo. À parte o quadro do nosso regímen industrial, ou artístico, bastaria referir-me às mudanças profundas da própria ordem moral, que Th. Buckle supôs tão imutável no meio do desenvolvimento das inteligências. E recordar-vos, percorrendo a escala dos móveis de nossos atos, quão díspares eles são, hoje, do que foram: desde as manifestações mais gloriosas das nossas energias às mais tocantes da nossa bondade; — desde o nosso heroísmo, que era ontem a forma mais fácil da coragem a desprender-se da larva da atividade militar, e agora se aparelha a lutas menos ruidosas e mais sérias, até a nossa piedade, que nasceu do íntimo sentimento da nossa fraqueza e vai-se transformando no aspecto mais encantador da nossa força.

Não me delongarei, porém. Tenho um fim neste exórdio imperfeito: prevenir-vos que entre o avaliar os homens e as coisas do passado, como objetos artísticos, através do nosso temperamento, e o vê-los, tanto quanto possível, forros das nossas tendências diversas, prefiro o

último caso. Entre o considerá-los, como um geólogo, aplicando as suas regrinhas estratigráficas, indiferentemente, a uma velhíssima camada siluriana e a um estrato recente, prefiro – já que está em moda a canhestra filosofia do adaptarem-se as normas das ciências inferiores às superiores – considerá-los como o astrônomo, respeitando todas as consequências da distância e dos meios interpostos. Assim, quando observamos o sol, sabemos que ele *não está* no ponto em que o vemos: deslocam-no-lo muitas circunstâncias intermédias. O próprio raio vertical de uma estrela no zênite, que as elimina, é falso: chega-nos no desvio em que se compõe a velocidade do grande observatório telúrico com a da luz. Destarte, a própria visão material nos é errônea. Envolve-nos uma ilusão tangível. E todo o trabalho das observações mais simples está em eliminarem-se as aparências enganadoras da realidade, por maneira que, ao fim de longos cálculos, possamos ver o que os nossos olhos não mostraram.

Acontece o mesmo contemplando-se o passado. A nossa visão interior alongando-se no tempo, como a exterior ao desatar-se no espaço, é sempre falsa quando se atém só ao que divisa, e não atende aos erros oriundos menos do objeto observado que da nossa posição e do meio que nos circula.

Ora, o grande poeta, motivo essencial desta assembleia, apesar da diminuta distância que no-lo separa, mais do que nenhum outro retrata, na sua nomeada variável, o contraste dos dois critérios históricos rapidamente bosquejados.

De fato, o seu renome é excepcional e curiosíssimo: todos nós o admiramos até aos 20 e poucos anos; depois o esquecemos. Esquecemo-lo, ou repudiamo-lo. É uma glória que intermite no ritmo das gerações sucessivas. Tem este traço expressivo: adormenta-se, ou restringe-se, no breve curso da nossa vida individual, e prolonga-se sem fim,

restaurada de ano a ano, sempre maior, nascendo, ressurgindo e avultando, no nascer, no ressurgir e no avultar na própria sociedade. É como a luz, perpetuamente moça. Não dura a vida de um homem, e é eterna. Exige almas ardentes e a intrepidez varonil da quadra triunfal, em que andamos pela vida na garbosa atitude de quem oferece o molde de sua própria estátua, como obscuros e antecipados grandes homens, vivendo no futuro, para onde nos leva o arrebatamento de todas as esperanças. Não a comporta a alma esmorecida dos velhos, ou o juízo retilíneo do homem feito. Quando não a sentimos mais, imaginamos que ela se extinguiu, como se a noite fosse o apagamento do sol; e não fôramos nós que mergulhássemos, como a terra, na nossa própria sombra, inscientes dos resplandores que na mesma hora estão caindo sobre as outras zonas e sobre as novas gentes. Desta maneira, ela vai passando, feita a herança sagrada das juventudes que se acabam; e, perenemente imóvel no oriente da vida nacional, a refulgir nos mesmos cérebros juvenis, nos mesmos olhos recém-abertos à existência, nos mesmos sonhos ardentes dos homens de uma mesma idade, é, de fato, imortal, porque diante dela se verifica uma espécie de imobilidade no tempo...

São compreensíveis os contrastes. De um lado, na quadra em que toda a irreflexão desponta do muito refletirmos o que nos cerca — está uma larga expansibilidade de sentimento, e, de par com ela, uma simpatia avassaladora, que corrigem em grande parte os desvios da nossa inexperiência, ampliando-nos a vida, ao ponto de podermos compreender, sem que careçamos discuti-las, as sínteses maravilhosas dos sonhadores. De outro, a nossa inteligência, mais e mais sobre-carregada das impressões que nos rodeiam de perto e chumbando-nos cada vez mais à base objetiva das coisas. Turva-se-nos, então, a limpidez espiritual para espelharmos as figuras anômalas desses

predestinados, que não podem ser como nós somos, na imensa complexidade que os transforma, por vezes, em índices abreviados de uma época. O nosso culto decai. Distinguimos-lhes defeitos que não notáramos. Vemo-los diminuídos, e temos a ilusão de que eles vão passando e desaparecendo... o vulgaríssimo engano de quem, num trem de ferro, sente-se parado e vê fugirem, disparadas, desaparecendo, as grandes árvores que se aprumam, enraizadas e imóveis, à margem do caminho. Porque não é o poeta que se apequena e passa; é a nossa vida que se desencanta. Estonteia-nos nessa quadra a pior das nossas ilusões: a ilusão de que somos melhores, mais lúcidos, mais práticos, mais sábios. Os quadros da existência já não nos dominam. Dominamo-los nós. Submetemo-los a uma crítica permanente e cerrada, com as máximas exigências daquilo que chamamos, garbosamente, a nossa personalidade. Sentimo-nos emancipados. Principiamos a construir a ficção de um nome. E não percebemos que algumas vezes, nessa plethora da individualidade, se nos reduz o tipo social, até desaparecer encouchado e comprimido no âmbito estreitíssimo do nosso euzinho, que imaginamos enorme. E lá nos vamos, impando os nossos triunfos e as nossas convicções muito firmes, muito enrilhadas, muito duras, en vaidando-se de calçarem os pobres coturnos rasos de uma meia ciência pretensiosa.

Então esse Castro Alves, o “condoreiro”, que nos arrebatou aos maiores lances da nossa fantasia, surge-nos monstruoso, paradoxal, quimérico...

É que nos andamos tão jungidos às tendências adquiridas, que não logramos mais sequer balancear os efeitos das simples diferenças de datas para vermos a imagem do poeta corrigindo o nosso descortino das causas perturbadoras que no-la desviam. E, desdobrando o nosso critério atual sobre um tempo, de que nos separam os 40 anos mais in-

tensos de nossa história, sobressalteiam-nos, por força, grandes desapontamentos.

É compreensível. A sua fantasia exagerada contrasta demais com o mundo em que vivemos. Na esteira infernal, que o “Navio Negroiro” abriu sobre o abismo, com a singradura fantástica,

*.... abrindo as velas,
Ao quente arfar das virações marinhas,*

navegam hoje os pacíficos transatlânticos, onde se apinham os imigrantes tranquilos, que reclamamos para as lavouras do Oeste. O Recife imenso de pedra, “que rasga o peito do mar”, está em boa hora submetido aos cálculos e aos desenhos rigorosos de alguns projectos engenhheiros a projetarem os melhoramentos do Porto de Pernambuco...

E a própria Cachoeira de Paulo Afonso

*.... a cachoeira! o abismo!
A briga colossal dos elementos!
.....
Aguentando o ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lbe cai ao ombro!*

... a Cachoeira de Paulo Afonso em breve terá a sua potência formidável aritmeticamente reduzida a não sei quantos milhares de cavalos vapor; e se transformará em luz para aclarar as cidades; em movimento, abreviando as distâncias, avizinhandos povos e acordando o deserto com os silvos das locomotivas; em fluxo vital para os territórios renascidos, transfundindo-se na inervação vibrátil dos telégrafos; em força inteligente, fazendo descansar um pouco mais o braço proletário; e fa-

zendo-nos sentir o espetáculo de uma mecânica ideal, de efeitos a se estenderem pelos mais íntimos recessos da sociedade, no másculo lirismo da humanização de uma cega energia da natureza...

Vede, por aí, como se contrabatem os estímulos modernos e aquele misticismo maravilhoso.

Além disto, o aparecimento de Castro Alves, certo oportuno, como o de todo grande homem, é, em grande parte, inexplicável. Ele não teve precursores na sua maneira predominante. Os grandes pensamentos, sociais ou políticos, que agitou não lhe advieram, como em geral sucede, de longas ou bem acentuadas correntes nos agrupamentos que o rodeavam. Pertenciam, plenamente generalizados, à sua época. Nasceram do patrimônio comum das conquistas morais da humanidade. A sua grandeza está nisto: ele os viu antes e melhor do que os seus contemporâneos. Compreende-se que o estranhassem. Sem dúvida, deveria ser anômalo, e, ao parecer, desorado, o vidente que surgia, de improviso, num estonteamento de miragens, e a proclamar uma nascente ainda remota, ou a descrever a era nova, que poucos adivinhavam, numa linguagem onde, naturalmente, os mais belos lances de seu lirismo incomparável teriam de golpear-se do abstruso e do impressionismo transcendental das profecias...

A este propósito lembram-me alguns conceitos que se exaram numa das conferências de Renan. Li-os cheio de espanto. O adorável pensador pareceu-me, ao primeiro lance, desviado do seu inalterável senso não comum, do seu ceticismo suavíssimo e da sua ironia tranquila. A seu parecer, dizia sem rodeios aos que o escutavam, uma raça dá os seus melhores frutos quando desperta de uma dilatada sonolência. As mais belas revelações intelectuais têm sempre um enorme lastro de inconsciência, ou, como acentuava, de vastos reservatórios de ignorância.

E ia por diante na aventureosa tese tão chocante, ou contravinda, às mais vulgares noções da continuidade do progresso, afirmando temer pela humanidade no dia em que a luz atravessasse todas as suas camadas. Por que — inquiria — de onde viriam, então, os sentimentos instintivos, o heroísmo, que é tão essencialmente hereditário, o amor nobre das coisas, que nada tem com os nossos juízos, e todos esses pensamentos inconscientes de si próprios, que estão em nós sem nós, e formam a melhor parte do apanágio de uma nacionalidade inteira? Por derradeiro — rematava —, de onde viria o gênio, que é quase sempre o resultado de um longo sono anterior das raças?

É, como vedes, paradoxal e inaceitável.

Entretanto, defrontados o nosso poeta e a sociedade de seu tempo, e vendo-o aparecer quando ela, de feito, se afigura despertar de um demorado sono, afeiçoamo-nos, irresistivelmente, à metafísica imaginosa do notável pensador.

É o que nos demonstrará, de maneira evidente, um breve lance de vistas sobre o passado.



Com efeito, não sei de nenhuma raça que, como a nossa, despertasse nestes tempos, depois de um mais profundo sono, aparelhando-se, à carreira, para alcançar a marcha progressista de outros povos.

Baste considerar-se que somos o único fato de uma nacionalidade feita por uma teoria política.

Fora longo desviar-me patenteando os elementos originários da afirmativa. Não há prodígios de síntese que nos digam, em poucas palavras, o contraposto da nossa formação étnica, ainda incompleta e em pleno caldeamento de três fatores diversos, e a unidade política esten-

dida em vastíssimas terras, numa inversão flagrante da ordem lógica dos fatos, fazendo que a evolução social passasse adiante da evolução biológica.

Aparecemos quando se cerrava o período medievo, lançando-se os fundamentos reconstruintes de outras sociedades; naquela ocasião tínhamos três cores e falávamos três línguas, definíamos três estádios (*sic*) evolutivos. Destarte, sem o mesmo tirocínio secular, prendemo-nos à rota de outras gentes mais experimentadas; e sofreremos para logo as consequências da temeridade. Sem uma Idade Antiga, nem Média, fomos compartilhar as primícias da Idade Moderna; o efeito foi que as nossas idades Antiga, Média e Moderna confundiram-se, interserindo-se dentro das mesmas datas. Há um livro que é simples historiúncula desse drama obscuro. A luta de 1897, nos sertões baianos, a despeito de sua data recente, foi um refluxo do passado; o choque da nossa pré-história e da nossa modernidade; uma sociedade a abrir-se nas linhas de menor resistência, e mostrando, em plena luz, as suas camadas profundas irrompendo devastadoramente, a exemplo das massas candentes de diabase que irrompem e se derramam por vezes sobre os terrenos modernos, extinguindo a vida e incinerando os primores da flora exuberante.

E foi em nossos dias... Calcule-se como estariam ainda mais desquitados entre si, em 1822, os três grandes agrupamentos...

No entanto, fizemos uma constituição política; isto é, fizemos o que é sempre uma resultante histórica de componentes seculares, acumuladas no evoluir das ideias e dos costumes; o que é um passo para o futuro, garantido pela força conservadora do passado; o que é essencialmente tradicional; e o que menos se faz do que se descobre no conciliar de novas aspirações e novas necessidades com os esforços, nunca perdidos, das gerações que nos precedem. Tanto importa dizer

que fizemos uma teoria com materiais estranhos, a ressaltar do esforço artístico, ou subjetivo, de uma minoria de eruditos. E assim nascemos sob o hibridismo da monarquia constitucional representativa – quase abstratamente, ou patenteando, pelo menos, o maior exemplo de política experimental tateante que se conhece.

No entanto, realizamos duas conquistas capazes por si sós de constituírem o programa de uma nacionalidade. Fizemos a Abolição e a República. Mas, ainda neste lance, o historiador futuro não encontrará pontos determinantes que lhe bastem ao diagrama de uma evolução.

Realmente, o ideal democrático, bem que o favorecesse a falta de tradições dinásticas, jazeu largo tempo com o único e longínquo ponto de partida da Inconfidência Mineira, alimentando-se da lembrança dolorosa do heroísmo inútil de meia dúzia de poetas e de um soldado. Em 1822, sopeou-o, assim como à ideia abolicionista, apesar da lucidez genial de José Bonifácio, o pensamento preponderante da autonomia política; e no decênio que vai até 1831, nos tumultos que o sulcaram, nota-se mais o antagonismo nativista que o entrebater das correntes republicana e monárquica contrapostas.

Como quer que fosse, o liberalismo triunfante, no Sete de Abril, perdeu as honras da vitória. Entre ele e os reacionários absolutistas, vencidos e desnorteados pela renúncia do primeiro Imperador, interpôs-se um partido que não lutara e chamava-se, curiosamente, liberal-monarquista. Fortalecia-o o caráter neutral entre adversários ainda combalidos do recontro; e harmonizando as conquistas dos triunfadores da véspera com as tendências conservadoras dos vencidos, pôde repelir-lhes por igual os objetivos extremados, anulando, do mesmo passo, com a República prematura o Absolutismo revivente. E instituiu-se a Regência. Não a condenemos. Ela foi o único regulador capaz

de uniformizar tantas energias revoltas de tendências disparatadas. A figura de Diogo Feijó, que a domina, sobranceia todo o nosso passado. Tem linhas esculturais, que ainda não se reproduziram em nossos homens públicos. Que outros admirem os marechais dominadores de rebeldias dentro do círculo de aço dos batalhões fiéis; eu prefiro admirar aquele padre estupendo que com as mãos inermes quebrava as espadas dos regimentos sublevados. Ninguém mais do que ele nobilitou a lei, restaurou a autoridade e dignificou o governo. Mas, embatendo na sua alma antiga, quebrou-se, totalmente, a vaga de uma revolução. E ele fez o remanso largo do segundo Império...

Na realidade, daí por diante, num período de 30 anos, é escusado perquirir-se o curso da corrente republicana, ou da abolicionista, nos abalos sociais que houve: no extremo sul, a luta separatista desenrolou-se durante dez anos, toda ela local, diante da impassibilidade do resto do país; no extremo norte, as selvatiquezas da “Cabanagem” nada mais foram que um sintoma da heterogeneidade étnica há pouco referida. Um outro refluxo do passado. Ao “cabano” sucederiam, no correr dos tempos: o “balaio”, no Maranhão; o “cangaceiro”, em Pernambuco; o “chimango”, no Ceará; nomes diversos de uma diátese social única, que chegaria até hoje projetando nas claridades da República o perfil apavorante do “jagunço”.

Nos demais tumultos, o exame torna-se até contraproducente: nos de 42, em S. Paulo e Minas, e nos de 48, em Pernambuco, os rebeldes, timbrosos em conclamar a adesão ao trono, arremetem com as tropas imperiais saudando a realeza.

Assim fomos, até que se infiltrasse de todo em nosso organismo político o marasmo monárquico, desenhando-se a época “sem fisionomia”, sem emoções e sem crenças” a que se referiu Salles Torres-Homem, na qual esteve tão adormecido o sentimento nacional,

que não despertou o próprio brio apisoado quando a civilização nos atirou o insolente *ultimatum* do *bill* de Aberdeen e nos rodeou de um verdadeiro cordão sanitário, mandando que os cruzeiros ingleses rondassem as nossas costas, numa azáfama inquieta de patrulhas à roda de um ajuntamento ilícito.

Por fim, se conciliaram as únicas tendências políticas definidas, que agiram em tão largo período, resumindo-se nas divergências desvaliosas dos dois partidos constitucionais – ocupando todo o horizonte político o Marquês do Paraná, simbolizando a plenitude do Império...

Mas o grande estadista separou duas épocas. A própria data, 1859, da sua saída do Governo é expressiva. É a média entre 1831 e 1888-1889. O império e a oligarquia escravocrata, em que ele se esteara, imprudentemente, iriam gastar, apeando-se de seu fastígio, o mesmo número de anos que haviam despendido para adquiri-lo.

Porque, em 1860, houve o primeiro estalo naquela estrutura artificial. O ideal democrático apareceu, de golpe rejuvenescido, depois de um curso subterrâneo e misterioso. Nas eleições daquele ano, o partido liberal levantou três nomes que se completavam na variabilidade de seus destinos: Francisco Otaviano, um mulato ateniense, romântico e idealista, cantava a volta triunfal das utopias; Teófilo Otoni, impulsivo e rude, seria o detonador das expansões populares adormidas; e, maior do que ambos, Saldanha Marinho destinava-se a um longo itinerário. Eram os batedores da era nova que chegava. O ideal irradiava. Nas Câmaras, um novo partido, com o nome sugestivo de “progressista”, entalhava a ortodoxia monárquica, a despeito do caráter sacratíssimo que lhe dava a santíssima trindade conservadora de Eusébio de Queirós, Itaboraí e Uruguai. Na imprensa, a *Actualidade*, de Pedro Luís, Flávio Farnese e desse Lafaiete Rodrigues Pereira, que ainda refulge

no cimo de uma velhice majestosa, agitava um ultraliberalismo visando corolários extremos. No próprio Senado, Nabuco – um nome que é um patrimônio nacional – aproveitava a cerimônia inaugural da estátua de D. Pedro I para afirmar que ela traduzia antes a paga de serviços prestados do que a glorificação de um reinado. E na ordem estética, até então ocupada pela grandeza castiça e impecável de Gonçalves Dias, ou pela musa espartilhada de Maciel Monteiro, passaram, abalando-a, num longo ruído de terremoto longínquo, os alexandrinos da *Mentira de bronze...* Por fim, nas praças, o espírito público desatava-se em rebeldias desde muito deslembadas, a propósito dos mínimos incidentes.

Foi o que sucedeu em 1863, por ocasião dos tumultos originados pelos salvados da barca *Prince of Wales*, e subsecutivas represálias da fragata inglesa *Forth*.

Amotinou-se a multidão no Rio. Tomou-lhe a frente Teófilo Ottoni. Um protesto violento arreventou junto do trono: e o Ministério daquele Marquês de Olinda, que era, de fato, uma espécie de vice-imperador, o “ministério dos velhos”, num triste apagamento de sombras, as últimas sombras do passado, extinguiu-se, sulcado pela palavra de fogo de um tribuno...



Ora, por aquele mesmo tempo, no mesmo ano, uma voz mais alta, mais nova e mais dominadora se levantou ao norte. E tinha um ritmo, como o têm todas as forças criadoras da natureza. As energias sociais emergentes, nos vários aspectos que iam da ideia republicana ao sentimento abolicionista, desvendavam-se, afinal, como soem sempre aparecer as grandes aspirações sociais: imaginosas e vastas, a nascerem do

vago e do impreciso das utopias – que recordam, na ordem espiritual, o vago e o amorfo das nebulosas de onde nascem os mundos – vibrando nas rimas soberanas de um poeta. A revivescência do espírito nacional completava-se, consoante a norma lobrigada pela intuição do filósofo: depois de um longo, de um profundo sono, aparecia o homem que, mais que todos, lhe imprimiria o impulso inicial das emoções estéticas, sempre indispensáveis aos grandes acometimentos. Porque naquela palavra nova, por um milagre de síntese que a nossa afetividade às vezes efetua, suplantando as maiores generalizações científicas, conchavaram-se, de súbito, as grandes esperanças do futuro e os graves compromissos do passado. Refundiram-se os elos partidos e esparsos das nossas tradições: o cantor do *Livro e a América* seria o mesmo idealista das *Vozes d'África*, que eram a própria voz de uma raça inteira condenada, ressurgindo e ressoando nestes tempos, depois de três longos séculos silenciosos...

Não nos retardemos em palavras dilatórias armadas a mostrarem que nenhum dos nossos poetas foi, tanto quanto Castro Alves, ainda mais oportuno, nascendo com o renascimento da sua terra. Os sucessos sumariados dizem-no-lo por si mesmos. Está nesta circunstância a sua maior grandeza.

O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade; e não sei de quem, como ele – entre nós naquele tempo – tanto se identificasse com o sentimento coletivo, revivente, estimulando-o e aformoseando-o.

Se prolongássemos a pálida resenha histórica anteriormente delineada, veríamos que aquele decênio de 1860-1870, em que tivemos até o diversivo espetaculoso de uma guerra externa, foi, entre todos, o mais decisivo para os nossos destinos. E quando chegássemos ao mi-

nistério do Visconde do Rio Branco, que lhe prolongou as novas tendências renascidas até 1875 e, virtualmente, até quase a estes dias, constituindo-se o mais longo e fecundo dos governos parciais do Império, não nos maravilhariamos que o lúcido estadista houvesse de ser, a um tempo, demolidor e reconstrutor: de um lado, dirigindo o primeiro assalto contra a escravidão; entalhando, fundo, a ortodoxia católica e eliminando a justiça reacionária do código russo de 1841; de outro lado, normalizando as atividades; aviventando o desenvolvimento econômico; nivelando-nos à ciência contemporânea com a reforma das escolas; golpeando o deserto com as estradas de ferro de penetração, e dando à unificação de nossas ideias, tão enfraquecida pelo espalharem-se em território vastíssimo, a base prática dos telégrafos, que irradiaram pelas províncias, enfeixando-se no Rio de Janeiro, onde, em 1874, o primeiro cabo submarino, atravessando o Atlântico, nos permitiu contar os mesmos minutos que a civilização.

Porém, desviar-nos-íamos sobremaneira, firmando o travamento complicado, que prende às fantasias, tão na aparência subjetivas, de um poeta essas admiráveis transformações que se lhe figuram tão estranhas ou contrapostas.

Nem direi de sua influência na plêiade de moços, seus contemporâneos, que ele transfigurou e dirigiu, libertando-a das prosaicas epopeias caboclas de Magalhães, ou Porto Alegre, do cândido erotismo do *Amor e medo*, ou do esplêndido romantismo exótico de Álvares de Azevedo e seus epígonos.

Prefiro, adstrito à observação pessoal, apontar-vos o seu influxo na minha geração, que está envelhecendo, já pelos anos, já porque nenhuma mocidade foi, como ela, tão brutalmente jogada de uma academia para os planos de fogo das trincheiras, sofrendo as consequências das loucuras de alguns velhos.

Falo por mim. Eu fui um obscuro e pertinaz estudante de matemática. Quer dizer: precisamente quando mais adorável se nos mostra o quadro desta vida, e o seu vigor desponta da mesma ansiedade de viver, tive que contemplar o universo vazio e parado — apagadas todas as luzes, extintos todos os ruídos, desaparecidas todas as coisas, desaparecida a própria matéria — de sorte que nessa abstração, a aproximar-nos do caos, permanecem, como atrativos únicos, a *forma*, nos seus aspectos irreduzíveis, e o *número* e sinais completamente inexpressivos. Pois bem; folheando, há pouco, os meus velhos cadernos de cálculo transcendente, onde se traçam as integrais secas e recurvas ao modo de caricaturas malfeitas, de esfinges, e onde o infinito, tão arrebatador no seu significado imaginoso, ou metafísico, se desenha, secamente, com um ∞ , oito deitado, um número que se abate, desenhando, de uma maneira visível, a fraqueza da nossa inteligência, a girar e a regirar numa tortura de encarcerada, pelas voltas sem princípio e sem fim daquele triste símbolo decaído — deletreando aquelas páginas, salteiam-me singularíssimas surpresas.

Aqui, num breve espaço em branco, na trama dos riscos de uma coisa que se chama equações binômias, e nunca mais vemos na vida prática, fulgura, iluminando a folha toda:

*República! voo ousado
Do homem feito condor...*

além, enleada de sigmas, de alfas e de gamas cabalísticos, divisa-se

A catapulta humana — a voz de Mirabeau!

mais longe, seguindo um ramo de parábola, no seu arremesso eterno para o infinito, estira-se

*O trilho que Colombo abriu nas águas
Como um íris no pélago profundo!*

Assim nos andávamos nós naqueles bons tempos: pela positividade em fora, e a tatear no sonho...

É que Castro Alves não era apenas o batedor avantajado dos pensamentos de seu tempo. Há no seu gênio muita coisa do gênio obscuro da nossa raça.

Aos que lhe denunciavam nos versos a autoridade preponderante de Victor Hugo esquece-lhes sempre que ela existiu sobretudo por uma identidade de estímulos. Não foi o velho genial quem nos ensinou a metáfora, o estiramento das hipérboles, o vulcanismo da imagem e todos os exageros da palavra a espelharem, entre nós, uma impulsividade e um desencadeamento de paixões que são essencialmente nativos.

Somos uma raça em ser. Estamos ainda na instabilidade característica das combinações incompletas.

E nesses desequilíbrios inevitáveis, o que desponta na nossa palavra – irresistivelmente ampliada – parece-me, às vezes, ser o instinto, ou a intuição subconsciente, de uma grandeza futura incomparável.

Eu poderia recitar-vos um sem-conto de trovas sertanejas, onde as metáforas e as alegorias, e até as antíteses, se acumulam, alguma vez belíssimas, e detonam e fulguram, sempre a delatarem uma amplificação, o eterno aspirar por um engrandecimento, e uma afetividade indefinidamente avassaladora e crescente.

E não já nas quadras, em que os bardos roceiros têm o estimulante dos desafios recíprocos, senão na trivialidade do falar comum, exprimindo os atos mais vulgares, desde o nosso *caipira*, que, ao procurar em qualquer cômodo exíguo um objeto, nos diz, num largo gesto, que está *campeando*, como se o rodeassem os sem-fins dos horizontes vastos;

até ao cabra destabocado do norte, que, ao relatar o incidente costumeiro da dispersão de uma ponta de gado na caatinga, brada, estrepitosamente, que o *boiadaão estourou num despotismo ribombando no mundo...*

A par disto, o refluxo natural das apatias, inventando-se a *modinha* para embalar a tristeza e a preguiça dos matutos. Não vo-las descreverei, redizendo-me. Fora enlearmo-nos todos, sem efeito compensador, na trama inextricável das raízes gregas dos presuntuosos neologismos etnológicos. Exponho-vos o que coligi de observações diretas. Por uma felicidade rara, calcei, há muito, umas velozes “botas de sete léguas” que me tornaram arredio das cidades, perdido, esquivo e errante no meio dos nossos simples patrícios ignorados. Conheço-os de perto. Vi-os na quietitude de suas vidas primitivas. Vi-os na batalha. Atravessei com eles belos dias de lutas heroicas e sem glória nas campanhas formidáveis e obscuras do deserto. E sempre os vi num oscilar enorme, entre as suas tendências discordes, exageradas todas.

E quando releio o lírico suavíssimo da *Volta da Primavera*, da *Adormecida*, desse surpreendente poema de duas páginas, *O Hóspede*, e dos *Murmúrios da tarde*, ou do *Gondoleiro do Amor* – que é o próprio vidente arrebatado da *Ode ao Dois de Julho*, das décimas que immortalizaram *Pedro Ivo*, da *Deusa Incruenta*, ou do *Coup d'étrier*, e vou, de um salto, das páginas por onde os versos vão derivando, docemente,

como as plantas que arrasta a correnteza,

para as rimas furiosas, que se entrebatem e estalam e estrepitam

com o estampido estupendo das queimadas!

estou em que Castro Alves foi também altamente representativo da nossa raça.

Por isso mesmo não teve medida, consoante nos ensinaria qualquer crítico reportado e sabedor.

E não podia tê-la, porque nunca se isolou de seu meio. De ordinário, quando se trata da vida exterior de Castro Alves, episodiam-se, longamente, os seus triunfos nos salões, ou nos teatros da época, onde lhe prefulgia a beleza varonil realçada pela glória nascente. Ou, então, a rivalidade boêmia com aquele extraordinário Tobias Barreto, que, sendo mestiço, se tornaria mais brasileiro do que o poeta baiano se a sua veemente alma tropical não resfriasse sob as duchas enregeladas de quatro ou cinco filosofias da Alemanha.

E agitam-se, a propósito, algumas anedotas inexpressivas e graciosas, em que se entrouxam as saias de Eugênia Câmara e a túnica da mulher de Putifar. Não nos percamos por aí.

Há outras mais acomodadas ao nosso intento. Conta-no-las o Dr. Regueira Costa – que, para felicidade minha, acertei de encontrar numa das escalas desta carreira errante, quando passei em Recife, e cujo belíssimo coração é todo ele um relicário guardando a memória saudosa do poeta, de quem foi extremosíssimo amigo. A ele ouvi eu que Castro Alves não engenhava o melhor de suas apóstrofes revolucionárias na placidez de um gabinete de trabalho. Agia com todo o ardor de que é capaz um propagandista. Assim, foi o presidente de uma das primeiras sociedades abolicionistas que houve no Brasil, reunindo, em 1866, na cidade do Recife, em torno do programa libertador, a maioria dos estudantes da Faculdade de Direito, onde se destacavam Augusto Guimarães, Plínio de Lima e um predestinado, Rui Barbosa.

As décimas fulminantes nem sempre as concebia no cauteloso encerro de certos demiurgos, que abalam tronos, desconjuntam sólios, aluem instituições, viram sociedades pelo avesso, alarmam a polícia e põem o Universo em polvorosa, manipulando os raios de seus pontos de admi-

ração e o sombrio cariz de suas tempestades de sílabas, muito pacificamente engrimponados num tamborete alto, de bruços na secretária bem arrumada. Saltaram-lhe, muita vez, de improviso, num ângulo de esquina, num centro de praça, num camarote de teatro, ou no balcão de uma janela repentinamente aberta, enquadrando-lhe de improviso a formosa figura de girondino, diante da multidão revolta e fascinada. E na grande maioria se perderam. Apaziguado o tumulto, os que lhas haviam escutado e aplaudido mal conservavam raros versos, os mais impressionadores, longamente esparsos como estilhas de granadas.

Observe-se, contudo, esta circunstância: recolhiam-se e lembravam-se os mais vivos, digamos melhor, os mais gongóricos, ou “condoreiros”, vibrados com ímpeto tal que os estampasse para sempre na própria rudeza do espírito popular. Assim, no final de uma conferência republicana que houve, por volta de 1867, na capital de Pernambuco, quando o povo se espalhava, desparzido a patas de cavalo, o poeta procurou sobrestar as cargas policiais vibrando rimas violentas, que principiavam:

*A praça, a praça é do povo
Como o céu é do condor!*

Vede como aí o revolucionário sacrificou o lírico. Tais versos fá-los-ia um qualquer improvisador sertanejo, qualquer dos nossos caipiras, ou piraquara do litoral, ou capixaba espírito-santense, ou tabaréu baiano, ou guasca largado do Rio Grande, com o só excluir-se daquele condor, que nenhum deles viu, nem verá.

Entretanto, embora não se encontrem nos livros do poeta, ficaram.

Porque a ele não lhe bastava o haver deslocado para a sua pátria os elevados pensamentos políticos do tempo; senão que os apresentava

com um fino tato de propagandista, por maneira a gravá-los, incisivamente, para sempre, na alma da multidão.

E aquele abnegar-se a si próprio, aquele abdicar de si todas as vantagens de um cômodo isolamento, para ir sofrer de perto o contágio da índole ainda revolta, ou desequilibrada, da sua raça; aquele tornar-se, porque assim o digamos, intérprete, entre os maiores ideais de toda a cultura humana e a consciência nascente de seu país – contribuíram, notavelmente, a que se criasse a nota exagerativa dos versos formadores de seu maior renome, apagando-se, ou empalidecendo, a maioria de outras criações, porventura mais valiosas, de um lirismo admirável.

É que somos, ainda, sobre todos os outros, o povo das esplêndidas frases golpeantes, das imagens e dos símbolos.



Não indagemos se isto é um bem ou um mal. Talvez um mal.

Há um lance de grave substância, em que se irmanam o espírito apercebido das maiores generalizações e o senso mais comum e terra-a-terra. Nele se dão os braços o filósofo complicado e o burguês simplesmente cauteloso e solerte: Augusto Comte e Simão de Nântua. É o que nos diz que, nesta vida, em qualquer dos rumos percorridos, quer nas pesquisas da ciência, quer na contemplação artística, quer nos inumeráveis aspectos da ordem prática, devemos submeter a nossa imaginação à nossa observação, porém de modo que esta não anule aquela: isto é, que os fatos, reunidos pela ciência, não se agreguem numa pesada e árida erudição, e só nos tenham a valia que se derive de suas leis; que os modelos ou objetos do nosso descortino artístico não se submetam em tanto extremo à ordem material, que nos extingam o

sentimento profundo da natureza, apequenando-nos num raso realismo; e que as exigências utilitárias da vida prática, o ansiar pelo sucesso, a nobre vontade de vencer com os recursos que crescem, a subir, desde a riqueza até ao talento, não rematem fechando-nos o coração e exsicando-nos o espírito, deixando-no-los sem as fontes inspiradoras da afetividade e das nossas fantasias.

Nem místicos, nem empíricos...

Ora, das palavras anteriores pode inferir-se o conceito de que nos andamos ainda muito abeirados do misticismo, fora da mediana norteadora entre a existência especulativa e a existência ativa. A emoção espontânea ainda nos suplanta o juízo refletido. Somos uma raça romântica. Mas romântica no melhor sentido desta palavra proteiforme, que é definida de mil modos e ajusta-se às incontáveis nuances do sentir humano, de sorte a passar-se dos lenços encharcados de lágrimas, de não sei quantos deliquescentes prantivos, para a ironia lampejante das páginas de Henrique Heine.

Romântica no significado heroico de uma crença exagerada em nossas faculdades criadoras, a despontar da consciência instintiva de nosso gênio, que nos arrebatava sobre as barreiras da razão teórica, fazendo que falsifiquemos a realidade para torná-la maior, glorificando-a.

E, sendo assim, o que seria um mal, como forma definitiva do caráter, pode ser um bem na fase transitória que estamos ultimando.

Porque desta guiza nasceram e se embalaram nos primeiros dias todas as nações estáveis, com uma missão definida no destino geral da humanidade.

O Romantismo, no sentido superiormente filosófico, traduzindo as máximas temeridades dos espíritos no afeiçoarem o próprio mundo exterior a um vasto subjetivismo – nasceu na Alemanha. Ora, a Ale-

manha é hoje o modelo impecável de uma nação prática e fecunda, utilitária e, mais que todas, aparelhada de lúcido discernimento dos melhores recursos que nos oferece a ordem objetiva: o seu comércio bate nesta hora nos mares o primado tradicional do comércio inglês; e a sua indústria, desde a rude indústria das minas à indústria química e às maravilhas da eletricidade, abriu à força, arrombando-as, as portas de todos os mercados.

Pois bem, esta Alemanha, que nos assusta mais com as suas usinas que com as suas casernas, nasceu de um sonho.

Há na história um homem que reduz Bismarck: é Fichte.

O rígido e ríspido chanceler, irrompendo, retardatário, nestes dias; com o seu tremendo tradicionalismo feudal e as suas fórmulas governamentais curtas, secas e rijas como pranchadas; e a sua irritante glorificação da força física; e a sua pasmosa curteza intelectual, tão restrita que nunca logrou resolver um só dos árduos problemas que se lhe antolharam, sem o confiar à fortuna traiçoeira das batalhas — era diminuto demais para construir um povo.

Acima da unidade política germânica, desenhada a tira-linhas e a régua nas cartas do estado-maior prussiano, existe uma coisa mais alta — a unidade moral da Alemanha. E esta, certo, não a encontrareis nas sangueiras de Sadowa e de Sedan. Vem de mais longe. Desponta toda ela de uma expressão dúbia, cheia de mistérios, que se chamou “idealismo transcendente”, e era a elaboração imaginosa e estranha de uma filosofia natural sem a natureza, a harmonia do consciente e do inconsciente, o desatar-se indefinido dos espíritos ante a emoção vaga e maravilhosa do Infinito...

Por aqueles tempos aparecia um homem a propagar um exagero que negacearia o riso ao mais rombo crítico de agora: a soberania absoluta

da arte. Era Frederico Schlegel. Para ele, a inspiração romântica era sem termos: nada poderia existir acima da fantasia arbitrária do poeta.

E foi à luz desse idealizar incomparável que se eliminou o pernicioso cosmopolitismo de um país até aquela quadra sem fisionomia, feito um acervo incoerente de ducados — orientando-se a correntes tradicionalistas e erigindo-se, com o patriotismo, um espírito nacional.

Não vo-lo direi como. Nem há quem no-lo explique bem.

Na própria matéria, tão mais simples, tão passiva às nossas experiências, tão a toda hora sujeita aos nossos arbítrios, por maneira que até no bronze podemos estampar para sempre um pouco da nossa alma, ou um traço imperecível dos nossos erros, na própria matéria nos sobressalteia o mistério. O mais frio, o mais arguto, o químico mais pertinaz, ao cabo de 50 anos de laboratório, entre reativos e re-tortas, não nos explica o que ele chama força catalítica; nem nos diz por que motivo vários corpos, que permanecem sempre indiferentes uns aos outros, por mais que se misturem e sobre eles reajam todos os agentes físicos mais demorados e fixos — só se combinam, de pancada, explodindo, à passagem instantânea de um simples raio de luz...

Assim vai passando, talvez, pelas camadas humanas a irradiação miraculosa da alma dos poetas; assim passou, talvez, pelas camadas profundas da nossa *gens* complexa, a idealização transfiguradora do nosso extraordinário sonhador.



Senhores. Temos mudado muito. Partiu-se nos últimos tempos o sequestro secular, que nos tornava apenas espectadores da civilização. A nossa política exterior conjugou-se com a internacional. O descortino dilatado de um estadista, depois de engrandecer-nos no espaço, en-

grandeceu-nos no tempo. Na última conferência de Haia, o Velho Mundo escutou, surpreendido, uma palavra de excepcional altitude.

Pense que seremos em breve uma componente nova entre as forças cansadas da humanidade.

E, se isto suceder, se não for uma miragem esta visão do futuro; se chegarem, de fato, os novos tempos que se anunciam, em que nos tornaremos mais solidários com a evolução geral, dando-lhe o melhor da nossa afetividade originária e a fortaleza vivificante do nosso idealismo nativo – então a modestíssima “herma”, alevantada ao mais intrépido dos nossos pioneiros do ideal, germinará estátuas: há de avultar, maior, no rejuvenescimento da nossa terra, como avulta nas vossas almas de moços, a figura escultural do poeta, que deveis admirar sempre, como hoje o admirais, quaisquer que sejam os vossos desapontamentos futuros inevitáveis, ou os rigorismos da vossa existência prática, porque esta admiração exige se conservem despertos todos os alentos que, em geral, se nos vão a pouco e pouco amortecendo no fundo do nosso espírito trabalhado; e é quase um meio de enganar-se o tempo e manter-se, longamente, a mocidade.

 PREFÁCIOS

PREFÁCIOS

Inferno Verde, de Alberto Rangel

Alberto Rangel foi contemporâneo de Euclides na Escola Militar e assistiu da tropa ao ato de rebeldia. A amizade se estreitou quando da estada em Manaus por três meses, aguardando instruções da chefia da Comissão do Alto Purus e se hospedou na residência de Rangel – Vila Glicínia.

Em carta de 25 de abril de 1907, Euclides escrevia a Rangel: “Vou fazer o prefácio sem constrangimento e sem precisar do estímulo de uma amizade antiga. Encantou-me o Inferno”. E em agosto: “Aí vai o prefácio. O livro merece um outro, mais brilhante. Mas irá bem acompanhado pela palavra rudemente sincera de um amigo”.

O prefácio descreve de início a Amazônia para depois exaltar o livro, indicando-o como um livro “surpreendente, original e extravagante”.

Rangel estava na Europa quando da morte de Euclides e de retorno, em 1913, tornou-se Presidente de Honra do Grêmio Euclides da Cunha e grande incentivador pela glória do amigo.

PREÂMBULO*

Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas, e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando o maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido a um progresso obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino do conjunto. Mesmo nos recantos das especialidades realizam-se, ali, diferenciações inevitáveis: aos geólogos, iludidos a princípio pelas aparências de uma falsa uniformidade estrutural, ainda não lhes sobrou o tempo para definirem um só horizonte paleontológico; aos botânicos não lhes chegam às vidas, adicionadas desde Martius a Jacques Huber, para atravessá-las à sombra de todas as palmeiras... Lemo-los; instruimo-nos; edificamo-nos; apercebemo-nos de rigorosos ensinamentos quanto às infinitas faces, particularíssimas, da terra; e, à medida que as distinguimos melhor, vai-se nos turvando, mais e mais, o conspecto da fisionomia geral. Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapa-se-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios; e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturantemente.

*  RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Prefácio da 4.^a edição. Tours [França]: Typographia Arrault & Cia, 1927.

Mas, ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado, é fatal. A inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. O exemplo de Walter Bates atesta-o. O grande naturalista assistiu mais de um decênio na Amazônia, realizando descobertas memoráveis, que esteiraram o evolucionismo nascente; e, durante aquele período de atuado esforço, não saiu da estreita listra litorânea desatada entre Belém e Tefé. Dali, surpreendeu os Institutos da Europa; conquistou a admiração de Darwin; refundiu ou recompôs muitos capítulos das ciências naturais; e ao cabo de tão fecunda empresa poderia garantir que não esgotara sequer o recanto apertadíssimo em que se acolhera. Não vira a Amazônia. Daí o ter visto mais que os seus predecessores.

É natural. A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados adscrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando, e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações, consoante a norma de W. Bates, seguida por Frederico Hartt, e pelos atuais naturalistas do museu paraense. Estes abalançam-se, hoje, ali, a uma tarefa predestinada a conquistas parciais tão longas, que todas as pesquisas anteriores constituem um simples reconhecimento de três séculos.

É a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios.

Mas então não haverá segredos na própria Natureza. A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural...

Imagine-se, entretanto, uma inteligência heroica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a Esfinge.

Titubeará na vertigem do deslumbramento. Mostra-no-lo este livro.

Linhas nervosas e rebeldes, riscadas ao arrepio das fórmulas ordinárias do escrever, relevam-nos, graficamente visíveis, as trilhas múltiplas e revoltas e encruzilhadas lançando-se a todos os rumos, volvendo de todas as bandas, em torcicolos, em desvios, em repentinos atalhos, em súbitas paradas, ora no arremesso de avances impetuosos ora, de improviso, em recuos; aqui, pelo clivoso abrupto dos mais alarmantes paradoxos, além, desafogadamente retilíneas, pelo achanado e firme dos conhecimentos positivos de uma alma a divagar, intrépida e completamente perdida, entre resplendores.

O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepillhada de ousadias a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.

Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isto mesmo, todo construído de verdades, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe, em cada folha, um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealização afogeadíssima. Alberto Rangel tem a aparência perfeita de um poeta, exuberante demais para a disciplina do metro ou da rima, e é um engenheiro adicto aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-se-lhes os cenários fantásticos nas redes das trianguladas. O

sonhador norteou a sua marcha, balizando-a pelos rumos de uma bússola. Conchavam-se-lhe os mais empolgantes lances e os azimutes corrigidos. E os seus poemas bravios escreveram-se nas derradeiras páginas das cadernetas dos levantamentos.

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma natureza nova. Não a alterou. Copiou-a, decalcando-a. Daí as surpresas que despertará. O crítico das cidades que não compreender este livro será o seu melhor crítico. Porque o que aí é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia...

A sua impressionabilidade artística tentou abranger o conjunto da terra e surpreender-lhe a vida maravilhosa. Deve assombrar-nos. Não lhe entendemos o exagerado panteísmo.

O escritor alarma-nos nas mais simples descrições naturais. O que se diz natureza morta agita-se-lhe poderosíssima, sob a pena; e imaginamos que há fluxos galvânicos nas linhas onde se parte a passividade da matéria e as coisas duramente objetivas se revestem de uma anômala personalidade.

Matas a caminharem vagarosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, à borda das barreiras a pique, a refletirem, na desordem dos ramalhos estorcidos, a estupenda conflagração imóvel de uma luta perpétua e formidável; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existência tumultuária, e se retraem, definham, deperecem, sucumbem, extinguem-se e apodrecem feitos extraordinários organismos, sujeitos às leis de uma fisiologia monstruosa; rios pervagando nas solidões encharcadas, à maneira de caminhantes precavidos, temendo a inconsistência do terreno, seguindo “com a disposição cautelosa das antenas dos ‘furos’...” São a realidade, ainda não vista a despontar com as formas de um incorrigível idealismo, no claro-escuro do desconhecido...

Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobressaltássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a do alto; tira-lhe, de golpe, os véus; desvendando-no-la na esplêndida nudez da sua virgindade portentosa.

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis.

Tem a instabilidade de uma formação estrutural acelerada. Um metafísico imaginaria, ali, um descuido singular da natureza, que após construir, em toda a parte, as infinitas modalidades dos aspectos naturais, se precipita, retardatária, a completar, de afogadilho, a sua tarefa, corrigindo, na paragem olvidada apressadamente, um deslize. A evolução natural colhe-se, no seu seio, em flagrante.

O raio da vida humana, que noutros lugares não basta a abranger as vicissitudes das transformações evolutivas da terra e tem de dilatar-se no tempo, revivendo, nas profecias retrospectivas, as extintas existências milenárias dos fósseis, — ali abarca círculos inteiros de transmutações orogênicas expressivas. A geologia dinâmica não se deduz, vê-se; e a história geológica vai escrevendo-se, dia a dia, ante as vistas encantadas dos que saibam lê-la. Daí, as surpresas. Em toda parte afeiçoamo-nos tanto ao equilíbrio das formas naturais, que já se apelou para uma tulmutuária hipótese de cataclismos, a fim de se lhes explicarem as modificações subitâneas; na Amazônia, as mudanças extraordinárias e visíveis ressaltam no simples jogo das forças físicas mais comuns. É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo...

Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira. As suas energias telúricas obedecem à tendência universal para o equilíbrio precipitadamente. A sua fisionomia altera-se diante do espectador imóvel. Naquelas paisagens volúveis imaginam-se caprichos de misteriosas vontades.

E, ainda sob o aspecto secamente topográfico, não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente que passa é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável...



Ora entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo ele, este contraste.

Assim, o assunto se engravesce. A atitude do escritor delinea-se, forçadamente em singularíssimo destaque. O seu aspecto anômalo de fantasista acentua-se no ajustar-se, linha por linha, às aparências terríveis da verdade.

Mas exculpemo-lo aplaudindo. Alberto Rangel agarrou, num belo lance nervoso, o período crítico e fugitivo de uma situação, que nunca mais se reproduzirá na história.

Esta felicidade compensa-lhe o rebarbativo dos assuntos.

No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo...

Não a descreveremos. Temos este livro. Ele enfeixa os sinais comemorativos das moléstias. E melhor do que o faríamos em maciços conceitos, vibram-lhe os comoventes lances de uma deplorável agonia coletiva, em II capítulos, que são onze miniaturas de Rembrandt, referidas de apavorante simbolismo.

Contemplando-as vereis como se sucedem e se revezam – entre as gentes pervagantes no solo, que lhes nega a própria estabilidade física, escapando-se-lhes nas “terras caídas” e nas inundações – todos os an-

seios, cindidos de proditórias esperanças, que as trabalham, e as aviventam, sacrificando-as.

Maibi é a imagem da Amazônia mutilada pelas miríades de golpes das machadinhas homicidas dos seringueiros. Na Hospitalidade, o homem decaído volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irremediável.

Teima da vida é a comunidade monstruosa, sem órgãos perfeitos, recém-nascida e moribunda, vegetando por um prodígio da natureza mirífica, cujos dons ela monopolizou em detrimento de raças mais robustas, que noutros territórios sucumbem, combalidas, esmagadas pelos antagonismos naturais.

Nos demais, o mesmo traço pessimista e lúgubre. É compreensível.

Na terra extraordinária conchavam-se, por vezes, os elementos físicos mais simples e os mais graves da ordem moral, para exprimirem a mesma fatalidade. Lêde, por exemplo: a Obstinação.

A tragédia decorre sem peripécias, a desfechar logo, fulminantemente. Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lhas, emparceirando-se à justiça decaída. O caboclo obstina-se, e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade: para ficar na sua terra e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverossímil; mas é um aspecto da organização social da Amazônia. A grei selvagem copia, na sua agitação feroz, a luta inconsciente pela vida que se lhe mostra na ordem biológica inferior.

O homem mata o homem como o parasita aniquila a árvore. A Hileia encantadora, de Humboldt, dá-lhe esta lição medonha.

“O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo sobre ele milhares de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de 8 braços e 400 ventosas; os do

apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica, na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é a luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de fio lenhoso, vindo não se sabe de onde. Depois, esse filete intumesce e, avolumado, se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança, constangente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuizeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdece imortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distrição, mas o manietador parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que o arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláceo colado à árvore, para que, em renovos, o carrasco reacometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipó é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.

A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quase, na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duelo vegetal, espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...”

Um botânico descrever-nos-ia certo, com maior nitidez, a maligna morácea, começando por inquirir-lhe, gravemente, o gênero (*ficus fagi-folia?*... *ficus pertusa?*...). Porém não no-la pintaria tão viva, nos seus caracteres golpeantes. Por outro lado, um sociólogo não depararia conceitos a balancearem a eloquência sintética daquela imagem admirável.



Aquele extrato resume o estilo do livro.

Vê-se bem: é entrecortado, sacudido, inquieto, impaciente. Não se desafoga, distenso, em toda a amplitude das ondas sonoras da palavra, permitindo a máxima expansão aos pensamentos tranquilos. Constringe-se entre as pautas, cinde-se numa pontuação inopinada, estaca em súbitas reticências...

Na interferência acústica, os pontos silenciosos explicam-se pelo próprio cruzamento dos sons. Há interferências mentais naqueles períodos breves, instantâneos, incompletos às vezes, feridos constantemente pelas próprias incidências das ideias, numerosas demais. Sente-se que o escritor está entre homens e coisas, uns e outras dúbios, mal aflorando às vistas pela primeira vez, laivados de mistérios. O pensamento faz-se-lhe, adrede, vibrátil, ou incompleto, a difundir-se de improviso no vago das reticências, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se adivinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fora impossível subordinar as regras prefixas, efeitos de longos esforços culturais, as impressões que nos despertam a terra e as gentes, que mal se descortinam, agora, aos primeiros lampejos da civilização.

Além disto, Alberto Rangel é um assombrado diante daquelas cenas e cenários; e num ímpeto ensofregado de sinceridade, não quis re-

primir os seus espantos, ou retificar, com a mecânica frieza dos escreventes profissionais, a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

Fez bem; e fez um grande livro.

Vão respigar-lhe defeitos. Devem-se distinguir, porém os do escritor, dos do assunto.

Quem penetrou tão fundo o âmago mais obscuro da nossa *gens* primitiva e rude, não pode reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos...

Ademais, o nosso conceito crítico é de si mesmo instável e as suas atuais sentenças transitórias. Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o falso e o incharacterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. Desde a construção das frases ao seriar das ideias, respeitamos em excesso os preceitos das culturas exóticas, que nos deslumbram — e formamos singulares estados de consciência *a priori*, cegos aos quadros reais da nossa vida, por maneira que o próprio caráter desaparece-nos, folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou amortecem, as arestas originárias.

O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos que o rodeiam, senão a inteligência, que se desnatura numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo físico nessa covardia de nos formarmos, pela semelhança externa, aos povos que nos intimidam e nos encantam. De modo que, versando as nossas coisas, nos salteia o preconceito de sermos o menos brasileiro que nos for possível. E traduzi-

mo-nos eruditamente, em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo deverá consistir em que ao português lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua.

De qualquer modo, é tempo de nos emanciparmos.

Nas ciências, mercê de seus reflexos filosóficos superiores estabelecendo a solidariedade e harmonia universais do espírito humano, compreende-se que nos dobremos a todos os influxos estranhos.

Mas nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria inexpressiva na desordem majestosa do Amazonas.

Para os novos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.

É o que denuncia este livro.

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.

É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança.

Poemas e Canções, de Vicente de Carvalho

Em 1902, quando Euclides da Cunha ainda ocupava a Superintendência de Obras do Estado de São Paulo preparou um relatório sobre as ilhas de Búzios e Vitória, visando à construção de um presídio. Visita as ilhas, acompanhado por Vicente de Carvalho, que descreveu a coragem de Euclides no episódio. Em seguida, vem trabalhar como engenheiro da Comissão de Saneamento de Santos, morando no Guarujá, e Vicente de Carvalho, em Santos, a aproximação que cresceu.

Em 18 de outubro de 1908, Euclides escreve a Vicente, satisfeito com prazo maior para escrever o prefácio: “Preciso de tempo, não para ler-te e compreender-te. Quero escrever sobre o poeta conhecendo-o. O contrário fora alinhar frases inúteis. Mas para compreender-te preciso meditar mui demoradamente”.

Iniciava o prefácio dizendo não ser surpresa que a prosa do engenheiro antecederesse os versos do poeta, pois “nem tudo é golpeantemente decisivo na profissão de números e diagramas”. Após várias outras considerações “nos andamos nós – do realismo para o sonho e deste para aquele, na oscilação perpétua das dúvidas”.

Analisa a obra do poeta para destacar “um grande sentimento da natureza”, e conclui “de mim satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista que nobilita o meu tempo e a minha terra”.

Euclides trabalhou pelo ingresso de Vicente de Carvalho na Academia, afinal eleito em 1.º de maio de 1909, na vaga de Artur Azevedo, mas não chegou a tomar posse.

ANTES DOS VERSOS*

Aos que se surpreendem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas. É ilusório o rigorismo matemático imposto pelo critério vulgar às formas irreduzíveis da verdade. Baste atender-se em que o objetivo das nossas vistas teóricas está no descobrir uma simplicidade que não existe na natureza; e que desta nos abeiramos, sempre indecisos, já tateantes, por meio de aproximações sucessivas, já precipitadamente, fascinados pela miragem das hipóteses. A própria unidade das nossas mais abstratas construções é enganadora. Nos últimos 30 anos – nesta matemática tão, ao parecer, definitiva – idearam-se não sei quantas álgebras, através de complicados simbolismos; e o número de geometrias elementares, como no-lo mostra H. Poincaré, é hoje, logicamente, incalculável. Ainda mais: na mesma geometria clássica sabe-se como se definem pontos, retas e planos, que não existem, ou se reduzem a conceitos preestabelecidos sobre que se formulam postulados arbitrários. Continuando: vemos a mecânica basear-se, paradoxalmente, no princípio da inércia universal, e instituir a noção idealista do espaço absoluto, em contradição com tudo quanto vemos e sentimos.

Destarte se constrói uma natureza ideal sobre a natureza tangível. Ilude-se a nossa incompetência para abranger a simultaneidade do que aparece, por meio de processos vários nos nomes pretensiosos, mas na essência perfeitamente artísticos, porque consistem em exagerar os caracteres dominantes dos fatos, de modo a facultar-nos uma síntese, mostrando-no-los menos como eles são do que como deveriam ser. Assim nós va-

* ☞ CARVALHO, Vicente de. *Poemas e Canções*. Prefácio da 1.^a edição. São Paulo: Car-do-ze, Filho & C., 1908.

mos – idealizando, conjecturando, devaneando. Na astronomia, resumem-se as leis conhecidas menos imperfeitas; no entanto, à medida que ela encadeia os mundos, vai libertando-nos a imaginação. Os mais duros experimentadores sonham neste momento aos clarões indecisos das nebulosas, vendo abrir-se em cada estrela incandescente um vasto laboratório, onde trabalham os químicos da terra descobrindo surpreendentes aspectos da matéria... Prosseguimos, idealizando flagrantemente a física, com a estrutura subjetiva de sólidos e fluidos perfeitos e sistemas isolados, e até singularíssimos fios inextensíveis, de todo em todo inexistentes; e romanceando a química, definida pelo simbolismo imaginoso da arquitetura atômica de seus corpos simples, irrealis.

Até que na físico-química, recém-instituída e já intensamente iluminada pela percepção transubstancial dos raios X, admitamos todas as utopias do misticismo transcendental dos alquimistas, e não nos maravilhemos de que os pensadores mais robustos estonteiem e delirarem com faquires esmaniados, vendo, improvisamente, resplandecer no *radium* a alma misteriosa da matéria...

Assim nos andamos nós – do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpétua das dúvidas, sem que se possa diferenciar, na obscura zona neutral alongada à beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tateia o mistério.

Apeamo-nos então, acobardados, dessas presuntuosas cogitações. Encouchamo-nos, tímidos, no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralizamos rasamente a vida, evitando a grande embriaguez dionisíaca da Vida. Renuímos às fantasias perigosas: utilitarizamos-nos... E ao cabo de tamanho esforço, para descermos até ao fastígio do maciço senso comum conservador e timorato – vemos, com espanto, que mesmo no terra-a-terra da atividade profissional, todas as asperezas das nossas fórmulas empíricas e os traços ri-

gorosos dos tira-linhas ainda se nos sobrederam de um recalcitrante idealismo.

No pedaço de carvão de pedra, que acendemos na fornalha de uma locomotiva, reacendemos muitos raios de sol extintos há milênios. A locomotiva parte, e não concretiza apenas o mito poético de Faetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força, renascendo e restaurando ao mesmo passo os esplendores de tantas auroras apagadas...

Pelas vigas metálicas de nossas pontes, friamente calculadas, estimam-se as “curvas dos momentos”, que nos embridam as fragilidades traiçoeiras do ferro. E ninguém as vê, porque são ideais. Calculamo-las; medímo-las; desenhamo-las – e não existem...

E assim por diante – indefinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda quando lançados na trilha heroica da profissão, vamos pulsar no deserto as dificuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos sertões em fora, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céus, contrafazendo a lira, que eles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existência,

... a ouvir estrelas!

Vede quanto é falso o prejuízo da esterilidade das coisas positivas. Em pleno critério determinista, somos talvez mais sonhadores do que nos tempos em que ao ingênuo finalismo teológico bastavam duas sílabas para descrever as maravilhas da Criação. Numa intimidade mais profunda com o mundo exterior, a nossa idealização aumenta de um modo quase

meicânico. Estira-se-nos na visão deslumbrada. Alarga-se-nos nos novos quadros reveladores das imagens infinitas da natureza. E, à medida que se nos torna mais claro o sentimento das energias criadoras que nos circulam, e vai eliminando-se do nosso espírito o velho espantallo da *discórdia dos elementos*, de que tanto se apraziam os deuses vagabundos, e nos sentimos mais equilibrados, mais fortes, mais solidários com a harmonia natural – maior se torna a fonte inspiradora do nosso idealismo, fortalecido por impressões mais dignas da majestade da vida.

Se tivéssemos dúvidas a este respeito, no-las dissiparia o próprio espetáculo da última fase revolucionária da poesia contemporânea, caracterizada pelo contraste entre a decadência dos que a falseiam e a expansão crescente do sentimento estético da humanidade. Realmente, o que se afigura a tantos profetas agourentos, a morte próxima da poesia é a demonstração *ad absurdum* da sua vitalidade mais ampla. Troca-se o efeito pela causa. Nas várias escolas esporádicas – que vão do parnasianismo, com a idiotice de seu culto fetichista da forma, ao simbolismo, com a loucura de suas idéias exageradamente subjetivas –, o que parece a decadência da poesia é apenas o desequilíbrio e as emoções falsificadas dos que não podem mais compreendê-la na altitude a que chegou o nosso pensamento. Considerando-se, de relance, apenas um dos extremos dessa longa cadeia de agitados – não seria difícil mostrar, no desvio ideativo de Mallarmé ou Verlaine, como outrora no satanismo de Baudelaire, os gritos desfalecidos de todos os fracos irritáveis, reconhecendo-se inaptos para entenderem a vida numa quadra em que o progresso das ciências naturais, interpretadas pelo evolucionismo, reage sobre tudo e tudo transfigura, desde a ordem política, onde se instaura o predomínio econômico dos povos mais ativos, glorificados na inspiração prodigiosa de Rudyard Kipling, até a filosofia moral, onde se alevanta a aristocracia definitiva do homem forte, lo-

brigado pela visão estonteadora do gênio de Frederico Nietzsche. Então veríamos, malgrado as blasfêmias de tanto verso convulsivo, como um falso ceticismo pode significar a última tentativa da retrógrada explicação deísta do universo. Os “poetas malditos”, que nos fazem rir com o truanesco de suas visagens, são apenas ignorantes. A descrença nasce-lhes da inviabilidade da crença. São almas velhas onde se acumulam as influências ancestrais mantidas pela hereditariedade; e ainda quando se fingem de demônios agitam-nos aos olhos o espectro da antiga fé agonizante. E falam-nos naturalmente numa língua morta, de retardatários, em estrofes onde os traços de degenerescência resultam sobretudo da incompatibilidade com os novos ideais.

Baudelaire, entre os desconchavos de seu bárbaro misticismo, teve, certa vez, um lance genial, ao definir-se

...un cimetière,

Oú, comme des remords, se traînent des longs vers...

Símbolo perfeito dessas organizações retrógradas, de *revenants*, a ressuscitarem num período avantajado da existência humana e para logo invadidos do desespero de já não sentirem o amparo das antigas verdades absolutas, que os alentavam outrora, nos remotos tempos de onde saltam por atavismo – claudicantes no ritmo dos versos – para nos entristecerem com as suas queixas de almas doentes da nostalgia do sobrenatural. Porque o quadro que defrontam é outro. Encontram os céus mais azuis, depois das induções de Tyndall; a terra mais vivaz, depois das generalizações de Lyell, envolvendo e transfigurando-se como um maravilhoso organismo. Para abarcar a vida, ou realizar a síntese de seus aspectos, já não basta o êxtase, ou a genuflexão admirativa, senão a solidariedade de suas leis com a nossa harmonia moral, de

modo que, submetidos à unidade do universo, sejamos cada vez mais a própria miniatura dele, e possamos traduzi-lo sem falsificá-lo, embora o envolvamos nos véus simbólicos da mais ardente fantasia. “Nesta altura, todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é – isoladamente – artista, poeta, sábio ou filósofo. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é íntegra”.¹

A frase é de um naturalista. Mas vê-se que ela reproduz, hoje, transcorrido um século de atividade intelectual, quase literalmente, o idealismo filosófico de Fichte. É compreensível. E dela se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a fantasia criadora, o poeta, continuamente mais próximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza.



Ora, o que para logo se destaca nos “Poemas e Canções”, alentando o subjetivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como ele é, positivamente: um caso particular da simpatia universal. E tal como no-lo apresenta

*.... risonho e sem cuidados,
Muito de ativo, um tanto de insolente*

diz-nos bem que na sua forma comum, fisiológica e rudimentar, de um egoísmo a dois, ele não lhe traduz uma condição primária do sentimento, escravo de uma preocupação mórbida e humilhante, senão

1  P. Van Thiegem. *Le sentiment de la nature.*

um belo pretexto para resumir num objeto, em harmonioso sincretismo, os atributos encantadores da vida. O poeta diviniza a mulher, como o estatuário diviniza um pedaço de mármore: pela necessidade ansiosíssima de uma síntese do maior número possível de belezas infinitas que lhe tumultuam em torno. Neste lance, poderíamos aplicar-lhe a frase pintoresca de Stanchwith: “Não podendo apertar a mão desse gigante que se chama Universo, nem dar um beijo apaixonado na Natureza, resume-os num exemplar da humanidade.”

Por isto mesmo não se apouca limitando-se a essa redução graciosa. Para aformosear o seu símbolo, dá largas à expansão centrífuga da individualidade transbordante. E em tanta maneira se lhe impõem as escapadas para a amplitude do mundo objetivo, onde se lhe deparam as melhores imagens e as mais radiosas alegorias, que nos diz em alexandrinos correntios o que hoje lemos em páginas austeras de gravísimos psicofisiologistas, quando atribui todo o seu culto

À doce Religião da Natureza amiga,

a uma alma remota que as energias profundas do atavismo lhe despertam, predispondo-o ao nomadismo aventureiro de algum avô selvagem:

*Algum bugre feroz, cujo corpo bronzado
Mantinha a liberdade inata da nudez.*

Ao contrário, eu penso que alma antiga não sentiria esta atração da grande natureza, que domina a poesia moderna. Entre a concepção estreitamente clássica da vida rústica das *Geórgicas* e o nosso esplêndido lirismo naturalista, há diferenças tão flagrantes que fora inútil indicá-las. O movimento atual para os grandes quadros objetivos, à parte outras

causas mais profundas, desponta-nos como uma reação do nosso sentimento, a crescer, paralelamente, com o próprio rigorismo prático da vida. Esse fugir ao racionalismo seco das cidades, que até geometricamente se nos desenha nas ruas retangulares, nos quadrados das praças, nos ângulos diedros das esquinas, nas pirâmides dos tetos, nos poliedros das casas, nos paralelepípedos dos calçamentos e nas elipses dos canteiros, onde é tudo claro, matemático, compreensível, e as inteligências se nivelam na evidência de tudo, e as vistas se fatigam na repetição das formas e das cores, e os ouvidos se fatigam no martelar monótono dos sons, e a alma se fatiga na invariabilidade das impressões e dos motivos – vai se tornando a mais e mais imperiosa à medida que a civilização progride. O povo mais prático e mais lúcido do mundo é o que por ele mais irradia à caça do pinturesco. Não há neste momento, em Chamounix ou num rincão qualquer na África Central, nenhuma página vigorosa da natureza onde se não veja, rijamente empertigado, um ponto de admiração: o inglês!

Além disto, só o pensamento atual pode animar a alma misteriosa das coisas, num consórcio que é a definição da verdadeira arte. O nosso selvagem

*Que dormia tranquilo um sono descuidado,
Passivo, indiferente, enfarado talvez
Sob o mistério azul do céu todo estrelado,*

passaria mil anos sobre a Serra do Mar

*Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite...*

indiferente e inútil.

Para no-la definir, e no-la agitar sem abandonar a realidade, mostrando-no-la vivamente monstruosa, a arrepiar-se, a torcer-se nas anticlinais, encolhendo-se nos vales, tombando nos grotões, ou escalandando as alturas nos arrancos dos píncaros arremessados, requer-se a intuição superior de um poeta capaz de ampliar, sem a deformar, uma verdade rijamente geológica, refletindo num minuto a marcha milenária das causas geotectônicas que a explicam. Vemo-la na escultura destes versos:

*Na sombra em confusão do mato farfalhante
Tumultuando, o chão corre às soltas, sem rumo.
Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, além, levemente se enruga
Na crespá ondulação de cômoros macios;
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, através da escuridão noturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.
Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, ressurge... E, assim, como em torrente,
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.*

É a realidade maior – vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foge, e se crispa, e cai, e se alevanta, é o mesmo chão que o geólogo denomina “solo perturbado” e inspira à rasa, à modesta, à charríssima topografia, a metáfora garbosa dos “movimentos do terreno.”

A mesma harmonia de sua visão interior com o mundo externo rebrilha quando o poeta observa que o mar

*... brutal e impuro,
Branco de espuma, êbrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flor.*

*Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde, e anseia
Atrás de cômoros de areia
E de penhascos de granito.*

*No encaço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adiante
Como matilha, a farejar*

*E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...*

Idealização... Mas, evidentemente, quem quer que se alarme ante este mar perseguidor e esta terra prófuga riscará os melhores capítulos da geologia dinâmica. E os que fecharem as vistas à esplêndida imagem daquela matilha de maretas, certo, não poderão contemplar a “artilharia” de seixos e graieiros, do ilustre Playfair, a bombardear arribas, desmontando-as, disjungindo-as, solapando-as, derruindo-as, e esfarelando-as – seguida logo da “cavalaria das vagas”, de Granville Cole, a curvetejar nos rolos das ondulações banzeiras, a empinar-se nas ondas desbridadas, a entrechocar-se nas arrebentações, a torvelinhar

no entrevero dos redomoinhos; e de súbito disparando — longos penachos brancos dos elmos rebrilhantes distendidos na diluição das espumas — numa carga, em linha, violentíssima, sobre os litorais desmantelados; de modo que o litoral desmantelado se nos apresente,

*like a regiment overwhelmed by cavalry.*²

Considerai: esta frase, que se desentranha da árida prosa de um livro didático, ressoa, refulge, canta. É um verso. Prende o sonhador e o cientista diante da idealização tangível de um expressivo gesto da natureza.

Mais longe, quando o poeta escuta a grande voz do mar, “quebrada de onda em onda”, fazendo à lua uma declaração de amor, que seria apenas um ridículo exagero panteísta, se não fosse um pouco desse infinito amor que se chama gravitação universal; quando o mar exclama:

*Lua! Eu sou a paixão, eu sou a vida, eu te amo!
 Paira, longe, no céu, desdenhosa rainha...
 Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que eu reclamo,
 Um dia serás minha...*

.....
*Há mil anos que vivo a terra suprimindo.
 Hei de romper-lhe a crosta e cavar-lhe as entranhas
 Dentro de vagalhões penhascos submergindo,
 Submergindo montanhas...*

esta voz monstruosamente romântica, do mar, é a mesma voz de Geike, ou de Lapparent, e diz uma alta verdade de ciência diante do agen-

2  Granville Cole — *Geology out-of-door*.

te físico cujo destino lógico, pelo curso indefinido dos tempos, é o nivelamento da terra.

Também ao descrever-nos um recanto labiríntico de nossas matas,

*Cem espécies formando a trama de uma sebe,
Atulhando o desvão de dois troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpétuo levante,*

e mostrando-nos que

*Acesa num furor de seiva transbordante
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribos selvagens
Em batalha — a agitar cem formas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida,*

e atentando-se no quanto à pletora tropical, ou uma sorte de congestão da seiva, alenta e ao mesmo passo sacrifica em nossa terra o desenvolvimento vegetativo, criando-se o tremendo paradoxo da floresta que mata a árvore, ou reduz-la ao arbúsculo que foge à compressão dos troncos escapando-se na distensão esquiva do cipó, a desfibrar-se e a estirar-se, angustiosamente, na procura ansiosíssima da luz — avalia-se bem o brilho daquela síntese comovente, embora seja ela rigorosamente positiva em todos os elementos de sua estrutura artística.

Digamos, porém, desde logo, que em todo este lúcido panteísmo não é a floresta e a montanha que mais atraem o poeta. É o mar. A Vicente de Carvalho não lhe basta o pintar-nos

*...o mar criado às soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas...*

ou quando ele, tempesteiando,

*A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes da procela*

braceja com os ventos desabalados, e, recebendo de instante em instante a

cutilada de um corisco,

rebelar-se, e

*impando de ousadia
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsugem...*

Apraz-se antes de no-lo mostrar, nas “Sugestões do Crepúsculo”, com a melancolia soberana que por vezes o invade e lhe torna mais compreensível a grandeza, no vasto nivelamento das grandes águas tranquilas, onde se nos dilata de algum modo a impressão visual da impressão interior e vaga do Infinito...

Porque

*Ao pôr-do-sol, pela tristeza
Da meia-luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.*

*Aumenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrelas.*

*Tudo amortece, e a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto,
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.*

*Domado então por um instante
Da singular melancolia
De entorno, apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.*

*Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?*

.....
*Escutem bem... Quando entardece,
Na meia-luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz tristíssima do mar...*

Fora impossível citar tudo, prolongando a tortura do contraste entre estas frases duras e a flexibilidade desses versos, nos quais o metro parece nascer ao compasso da sístole e da diástole do coração de quem os recita.

Além disto, alguns deles, mercê da unidade perfeita, não se podem mutilar em extratos. Nas “Palavras ao Mar”, aquela identidade, anteriormente aludida, da nossa harmonia moral com a do Universo refulge num dos mais breves e maiores poemas que ainda se escreveram na língua portuguesa, para se definir o perpétuo anseio do ideal diante das magias crescentes da existência.

Em “Fugindo ao Cativo” – epopeia que se lê num quarto de hora –, a mesma estrutura inteiriça torna inviolável a concepção artística.

Digamos, entretanto, de passagem, que aquela miniatura shakespeariana da última fase da escravidão em nosso país, absolverá completamente, diante da posteridade, a nossa geração das culpas ou pecados que acaso lhe adviriam de uma dolorosa fatalidade social. Ver-se-á, pelo menos, que as emoções estéticas, tão essenciais a todas as transformações verdadeiramente políticas, não as fomos buscar somente, já elaboradas, na alma da geração anterior, decorando e recitando, exaustivamente, as estrofes eternas das “Vozes d’África” e do “Navio Negro”. Sentimo-las, bem nossas, a irromperem dos quadros envolventes. À imensa desventura do africano abatido pelo traficante, contrapusemos a rebentina do crioulo revoltado. Vicente de Carvalho agarrou, num lance magnífico, a única situação heroica e fugaz – durante o que durou o relâmpago da fouce coruscante brandida por um hércules negro – de uma raça humilhada e sucumbida.

E ainda nesse trecho, com a amplitude e o desafogo da sua visão admirável, associou ao dramático itinerário do êxodo da turba miseranda e divinizada pelo sonho da liberdade, a natureza inteira – do oceano lon-

gínquo, apenas adivinhado dos píncaros da serra, à montanha abrupta abrolhando em estrepes e calhaus, às colinas que se idealizam azulando-se com as distâncias, e à floresta, referta de rumores e gorjeios, onde

*Os velhos troncos, plácidos ermitas,
Os próprios troncos velhos, remoçados,
Riem no riso em flor dos parasitas.*

...imagem encantadora na sua belíssima simplicidade, que se emparelha com as mais radiosas engenhadas por toda a poesia humana.



Quero cerrar com ela todos os conceitos vacilantemente expostos.

Que outros definam o lírico gentilíssimo da “Rosa, rosa de Amor”, a inspiração piedosa e casta do “Pequenino Morto”, ou os sonetos onde tão antigos temas se remoçam.

De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista que nobilita o meu tempo e a minha terra.

Rio, 30 de setembro de 1908.

O Norte (*Impressões de Viagem*), de Osório Duque-Estrada

O sório Duque-Estrada, crítico literário, teatrólogo, autor da letra do Hino Nacional e que veio a ocupar a Cadeira número 17 em 1915, pediu a Euclides da Cunha que prefaciasse o livro *O Norte (Impressões de Viagem)*. O livro era “leve repositório de informações e de impressões rápidas sem pretensão a servir de base a estudos de outra monta” e descrevia viagem feita do Amazonas ao Espírito Santo.

Euclides teria de início aceito a tarefa, mas depois se escusaria, limitando-se a escrever a carta-prefácio. Diria que não faltaria o tempo, mas não “conseguiria desenlear-me das linhas geográficas que me manietam”, auxiliar do Barão do Rio Branco, em trabalhos de cartografia. E cogitaria num estudo mais amplo para caracterizar o contraste “num binário entre a inteligência do Sul, mais bem aparelhada do conceito orgânico de realidade e a fantasia poderosa dos nortistas de onde lhes advém o gênio poético incomparável, mas teria de renunciar a uma tarefa que lhe seria altamente honrosa”.

E Osório Duque-Estrada escreveria na introdução que o livro “tem apenas para iluminá-lo a prosa fulgurante de Euclides da Cunha, o profundo analista de *Os Sertões*.”

CARTA PREFÁCIO*
(24 DE JULHO DE 1908)

Osório Duque-Estrada — O nosso espírito é, como a matéria impenetrável. — Creio até que mais facilmente coincidirão dois corpos no mesmo espaço do que duas ideias, ou duas preocupações, no mesmo cérebro. A prova tenho-a agora na impossibilidade invencível, em que me vejo, para alinhar o preâmbulo, que prometi, destinado às primeiras páginas do teu belo livro. — Certo, para isto não me falta o tempo. Eu o encontraria somando os meus quartos de hora vadios; mas em que pese a maior boa vontade, e a sugestão maravilhosa do assunto, jamais eu conseguiria desenlear-me das linhas geográficas, que me manietam, para poder acompanhar-te, aforradamente, nessa peregrinação romântica em que contornaste um largo trato do nosso litoral vastíssimo, e um pouco da nossa alma nacional, primitiva e rude. Além disto, eu planeei, embora numa síntese imperfeita, caracterizar o contraste, até certo ponto providencial, entre os dois aspectos preponderantes do espírito brasileiro — a refletir-se no binário constituído, de um lado, pela inteligência do Sul, mais bem aparelhada de um conceito orgânico da realidade; e de outro, pela fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advêm, essencialmente, o gênio poético incomparável. E o explanar semelhante assunto, conjugando duas forças tão ao parecer discordes, mas de extraordinários efeitos em nosso desenvolvimento histórico, não exigiria apenas muitas páginas, senão também um estado mental que absolutamente não lograria possuir, enquanto perdurar este período agudo do dever profissional inviolável e premente. Há, na verdade, um abismo entre as tábuas de logaritmos, ou os cálculos

* ☞ DUQUE-ESTRADA, Osório. *O Norte (Impressões de Viagem)*. Prefácio da I.^a edição. Porto [Portugal]: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1909.

massudos das coordenadas astronômicas, e as rimas encantadoras dos nossos patrícios sertanejos; e até materialmente, as vistas abreviadas na contemplação dos traços quase apagados dos velhos mapas, cegam-se, ofuscadas, diante dos esplendores daquela natureza deslumbrante. Daí esse renunciar a uma tarefa que me seria altamente honrosa. — Consola-me, porém, uma esperança; ficarei entre os que receberão o teu livro; e nessa ocasião vingará-se do cartógrafo descaroável e seco, o modesto escritor e — Teu velho amigo e admirado.

 CONCURSO

Provas de Concurso

Na instabilidade da vida profissional – engenheiro da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo, depois chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus e com o término da missão, adido ao Gabinete do Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, Euclides teve uma vida em situação indefinida e pressentiu no concurso de Lógica do Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, a possibilidade de obter um lugar estável.

Euclides da Cunha não era filósofo, mas tinha boa cultura geral e se empenhou na preparação do concurso, ao qual se inscreveram 15 candidatos. Ao final, Euclides foi classificado em segundo lugar e Farias Brito em primeiro lugar, mas a legislação da época atribuía ao Presidente da República a faculdade de nomear entre os dois primeiros colocados. Euclides foi nomeado em 17 de julho de 1909 e deu dez aulas até o dia 13 de agosto.

Na prova escrita, feita em enorme tensão, dadas as emendas e exclusões, Euclides revela uma atitude antimetafísica, mas, com os conhecimentos de Física e Matemática, demonstrou conhecer os estudos lógicos do seu tempo.

A prova oral foi taquiografada por iniciativa de Félix Pacheco e publicada no *Jornal do Commercio*. Inicia fazendo constar a estranheza num concurso de Lógica uma questão de Metafísica, e estuda a questão, apontando que a exclusão das indagações sobre o *ser* permitiram a constituição da ciência moderna, e assume uma posição empiricista.

A VERDADE E O ERRO¹

Sabe-se como os lógicos tradicionalistas, que ainda existem, obedientes à influência aristotélica, ligeiramente modificada pela elaboração mais perturbadora do que fecunda de Hamilton e de Mansel, caracterizam o domínio da lógica que para eles é a única lógica, a Lógica Formal. Dizem: é a ciência das leis formais do pensamento. Quer dizer a lógica no analisar os conceitos repartindo-os nos seus atributos essenciais, no organizar os juízos ligando os conceitos, e no desdobrar os juízos na tríade silogística ou nos longos encadeamentos dedutivos – digo encadeamento do raciocínio dedutivo – em todas estas operações se desliga da realidade. Nada tem com a gênese desses elementos, que são seus elementos dominantes. Aceita-os formados e não inquire se são verdadeiros. O seu objetivo é saber se eles são legítimos, únicos, rigorosamente submetidos aos princípios universais da identidade, da contradição e da exclusão do meio. Dado o conceito, o juízo e o raciocínio, a missão do lógico não é saber se o primeiro se constituiu não obediente a uma consulta lúcida das coisas, se o segundo traduz um conhecimento real ou científico, se o terceiro é o molde infrangível da verdade. A sua missão é mui outra: é saber se o conceito que lhe apresentam, e que ele não viu nascer, encerra ou não encerra alguma contradição intrínseca, em uma palavra, se é legítimo: se o juízo é analítico ou sintético, já exprimindo apenas o desdobramento de uma noção nos atributos que lhe são inerentes, já refletindo uma conquista real do pensamento sobre o mundo: e feita a distinção, o lógico tradicionalista considera “legítimo” o primeiro e francamente ilegítimo o segundo.

¹ Prova escrita do Concurso de Lógica para o Colégio Pedro II, antigo Ginásio Nacional. Cf. REALE, Miguel. *Face Oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1998.

Porque é somente mercê do mecanismo simplíssimo em que os primeiros se desarticulam, segundo os critérios inversos da extensão e da compreensão dos termos, que ele poderá desdobrar as cadeias silogísticas adscritas a uma condição única, primordial e necessária, a condição de serem “consequentes”. Não importa que as premissas sejam flagrantemente erradas: a conclusão será legítima desde que se não violem as regras atinentes exclusivamente *à forma*, e não *à matéria* do conhecimento. Não precisamos exemplificar, o que seria fácilimo. É evidente que nesse remontar exageradamente à realidade a Lógica Formal *só se vincula à Verdade* por intermédio de laços muito frágeis, ou através de uma influência de todo em todo negativa – limitando-se, por exemplo, a negar a possibilidade de realizar-se ou de traduzir uma existência inegável aos conceitos ou juízos contraditórios. Foi à luz desse critério que Leibniz, malgrado a sua profunda religiosidade, negou a possibilidade do movimento engehado há dois mil anos, um sofisma indestrutível ante o qual embalde se debateram os espíritos privilegiados de Aristóteles, Descartes e D’Alembert.

Mas reduzindo-se, deste modo, a ser “a ciência do possível”, a lógica formal ladeia, visivelmente, o problema da Verdade. Em um lance único, ela aparentemente o encerra – na teoria geral da demonstração, definida, em uma concisão admirável, por Aristóteles, como sendo o silogismo do necessário. Quer dizer: aos princípios universais, e ao princípio máximo do *de omni et de nullo* e regras que se derivam dele, o lógico tradicionalista adita pela primeira vez a condição da realidade. Mas, ainda nesse descer do céu à terra, tomando pé entre os fatos, observa-se que *même en marchant elle a des ailes*. Realmente, na demonstração matemática que ela especialmente considera, a conclusão dos raciocínios é necessária, e traduz, ao parecer a verdade, porque as premissas se atêm à condição de traduzirem princípios verdadeiros. Mas, conside-

rando-se que essa demonstração só pode progredir mercê da energia latente dos axiomas e dos elementos claros fornecidos pelas definições matemáticas, não é difícil mostrar, de relance – por não desviarmos do assunto principal – que ainda neste lance o desdobramento silogístico a que se poderia submeter toda a matemática desde a geometria à mecânica – estabelece no seu próprio rigorismo o compromisso de um abandono mais ou menos dilatado da realidade.

De fato, embora não admitamos – por incompreensão ou fragilidade de pensar – que os juízos matemáticos tenham um caráter de necessidade inelutável pela circunstância de serem “juízos sintéticos *a priori*”, consoante a denominação de Kant, inexplicavelmente partilhada por matemáticos destes dias, da estatura de Poincaré e outros – e esteiemo-nos de preferência na opinião dos que demarcaram à matemática uma gênese experimental, caracterizada por verdades indutivas, quase espontâneas e intuitivas, e, por isto mesmo, totalmente desapercibidas em uma vasta sistematização dedutiva: não podemos deixar de reconhecer que o matemático se subordina por momentos à realidade, sob a condição de abandoná-la logo depois. Todo o rigorismo lógico de suas conclusões advém-lhe do fato de ter sido ele o próprio construtor dos elementos com que lida. As suas noções ou definições, desde a de números até às figuras mais complicadas, surgem de leis que ele estabelece e com os elementos que escolhe. Talha-as na realidade viva, certo, mas submetendo-as a uma lei de geração, superior a essa mesma realidade. Não precisamos exemplificar. Basta-nos mostrar que, enquanto todas as definições, desde as mais simples definições de palavras às mais seguras definições das coisas, se acham perenemente abertas, em um perpétuo devenir, sujeitas a modificações permanentes, constantemente provisórias e refletindo continuamente, nas suas transfigurações, o dinamismo indestrutível do pensamento humano e

a sua evolução contínua — as definições matemáticas persistem imutáveis. Para citar dois exemplos únicos: a *água*, que para Aristóteles era um dos quatro elementos básicos com que ele imaginava constituir toda a natureza, do mesmo modo que, com as *categorias*, supôs integrar todas as noções, não tem a mesma definição para os químicos de hoje, e não terá o mesmo significado para os de amanhã, dado o descobrimento crescente das propriedades que a definem. Ao passo que a linha reta ou círculo têm hoje o mesmo significado de há dois mil anos. Assim as verdades matemáticas permanecem imóveis no fluxo contínuo da existência universal. Em toda a parte, todas as noções se alteram porque a verdade é móvel; é, como a vida, um fato complexo “que continua”, de sorte que as noções se transmudam, envolvendo, à medida que se vão desvendando novas propriedades. Ao passo que, na matemática, sabem-no todos, são as novas propriedades que a pouco e pouco se desvendam e surgem de noções ou definições — absolutamente fechadas e estáveis.

Neste contraste está em grande parte o contraste das ciências dedutivas e indutivas. Mas apontamo-lo apenas para mostrar os dois aspectos únicos sob que nos apresenta a verdade: de um lado as verdades abstratas, as únicas através das quais a Lógica Formal se prende por momentos à realidade; de outro, a verdade real, nascente da própria realidade. As primeiras são fixas, indestrutíveis; mas são uma ilusão. O lógico e o matemático, formando-as, articulando-as e desenvolvendo-as, constroem, no rigorismo complexo do vocábulo, um mundo ideal, uma espécie de mundo assintótico à natureza real. A passagem, quase sempre penosíssima e as mais das vezes impossível, do abstrato para o concreto, do resultado das fórmulas analíticas para as exigências da prática, é iniludível atestado de uma separação que pode ir gradualmente subindo das simples operações geométricas ao largo desenvol-

vimento da Análise transcendente. As segundas são necessariamente relativas, contingentes, variáveis, mas, nessa relatividade, nessa mesma contingência, nessa variabilidade incessante, traduzem ao mesmo passo o ajustamento e a harmonia obrigatória do pensamento e das coisas, e a própria evolução da inteligência em função dos novos aspectos da existência.

Assim a verdade definida como um pensamento adequado perfeitamente às coisas, não podemos encontrá-la na Lógica Formal, e a própria matemática que é uma promoção da silogística, ou a sua “irmã brilhante e gigantesca” no dizer de Bain, a própria matemática, somente no-la revela através de um complicado simbolismo. Uma e outra, a primeira mais que a segunda, só nos permitem a legitimidade das consequências.

A verdade é do domínio da Lógica indutiva. Só podemos alcançá-la por meio da observação, já interior, da consciência, já exterior, dos sentidos, assistida dos métodos experimentais e completada pela generalização das experiências que as leis naturais resumem. Daí se lhe deriva um carácter essencial, a relatividade. E no desconhecimento maior ou menor dessa relatividade essencial está, em grande parte, a explicação dos conflitos filosóficos que tão profundamente têm perturbado a consciência humana. Lamentamos a escassez de tempo, que nos impede de explaná-los. Veríamos que entre o “realismo ingênuo” dos primeiros dogmáticos e o subjetivismo excessivo de Berkeley ou de Fichte, entre os que acreditam que as coisas se nos mostram como verdadeiramente existem, e os que negam a própria existência das coisas — há uma série contínua de teorias ou fantasias filosóficas cuja simples citação demandaria largo tempo. Mas veríamos também que a preocupação da Verdade principia, não já no se considerarem as mais simples relações entre as coisas, senão nos próprios

resultados da nossa percepção imediata dos seus elementos mais simples. Neste ponto, porém, chegamos a uma das fronteiras ainda não bem demarcadas entre a Lógica e a Psicologia, onde se têm travado e retravado os maiores conflitos entre os sistemas. Somos forçados a deixá-la. Observemos, entretanto, que a própria inabilidade de tantos esforços na pesquisa de um “critério da verdade” (o que durante tanto tempo foi o característico das mais profundas cogitações dos pensadores), delata impressionadoramente o flagrante desvio de método dos que, fascinados por uma Verdade ideal, completamente acima da condição humana, mantiveram-se ilógicamente no meio dos vagos princípios apriorísticos, abandonando inteiramente a única estrada para conseguí-la, a sólida estrada indutiva, francamente aberta às inteligências ativas e conquistadoras. Assim (vamos a correr pelos pontos determinantes da questão), Descartes, no estabelecer a “dúvida metódica”, que tão eficazmente reagiu sobre o pensamento, e estatuinto que só se deve admitir “como verdadeiras as noções que se nos apresentam tão claramente e distintamente” que não deem lugar à menor vacilação, firmou como o critério supremo da Verdade a Evidência; a Evidência que, por sua vez, constituiu fundamento da Certeza, uma aliança tão íntima, tão ineridas as três, que dificilmente se distinguem destadacas. Hobbes, porém, pedindo-lhe logo depois um *Critério para a evidência*, demonstrou, com uma ironia profunda, o desvio do filósofo que um exagero dedutivo (só ultrapassado depois por Spinoza) chegara ao absurdo de proclamar com substância única a extensão, dando – consequentemente e paradoxalmente – uma realidade objetiva completa às figuras geométricas.

Pelo menos Spinoza, na pesquisa da verdade, foi mais lógico. Estabelecido o seu princípio fundamental (e não discutiremos, alongando-nos) e dele tirando dedutivamente a consequência de que as coisas

que nos rodeiam que se impregnam de nossos pensamentos não admitem mais distinções entre a verdade e a evidência, entre a verdade e a realidade. E negou abertamente a existência do erro – caracterizando-o apenas como uma verdade incompleta.

Neste ponto interrompo a exposição por estar terminado o prazo da prova – digo por estar terminado o prazo.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1909.

A IDEIA DO SER²

O Sr. Euclides da Cunha (movimento de atenção): Senhores – Estudando as várias teorias da Lógica, quer da lógica formal, que procurei seguir além dos moldes habituais, até à análise matemática da inferência dedutiva criada pelo gênio de Georges Boole, na sua tentativa de realizar em Lógica uma transformação idêntica à que Descartes realizou em geometria; quer a da lógica indutiva, que procurei acompanhar muito além do mecanismo dos métodos experimentais, até ao cálculo das probabilidades, o qual, malgrado a sua significação antifilosófica, é uma das mais belas e das mais interessantes tentativas do espírito humano, para colher o próprio fortuito e forrar-se às ciladas permanentes do acaso; neste tirocínio, acompanhando as verdadeiras ciências para ver como o método se transforma e se transfigura, conforme as exigências de cada uma delas, só houve uma coisa em que não pensei: foi no ponto que me coube por sorte.

Apresso-me em dizer que, absolutamente, não lamento o fato. Apenas apresentarei os motivos de ter sido colhido de surpresa. É que eu imaginei que o tratar deste assunto fora incidir na condenação da própria ciência normativa que procurei compreender.

Explico a razão da minha surpresa.

Apelo para a própria definição do que se denomina Metafísica.

Metafísica dizem, é a ciência do Ser, e alguns acrescentam – do Ser, ou do Absoluto. Ora, o Ser implica, inegavelmente, as mais arrojadas

2  Prova oral do Concurso de Lógica, no Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II (26 de maio de 1909), conforme texto taquigrafado e publicado pelo *Jornal do Commercio*. Cf. REALE, Miguel. *Face Oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Ed.Topbooks, 1998.

concepções filosóficas: a ideia de Ser enfeixa, sem excetuar uma só, todas as conclusões de todos os sistemas dogmáticos e é, necessariamente, o corpo e o âmago de uma falsa ciência, toda arquitetada de hipóteses aventurosas, de hipóteses inverificáveis — portanto, inaceitáveis — de uma falsa ciência, toda feita de hipóteses arrojadíssimas, desenvolvendo-se sob o influxo exclusivo do método reflexivo, inteiramente a cavaleiro dos preceitos regulares que a Lógica nos dá para que afirmemos a legitimidade do nosso pensamento.

Era natural que eu vacilasse no primeiro momento, vendo que nesse terreno tão claro, tão firme, da Lógica, me aparecia o problema tremendo de enfrentar a realidade em si, numa situação que, dado o próprio título do ponto, me talha uma atitude de Hamlet, agitando *o ser e o não ser*; ou agitando três palavras — *o ser, o absoluto e a substância* — três palavras sinônimas, através das quais os exageros materialistas e espiritualistas procuram lobrigar as noções fundamentais de tudo quanto existe.

Mas preciso ainda aditar que fui colhido de surpresa, porque, no momento atual, os problemas positivos são demasiado numerosos e demasiado sérios, para que nos permitam a pior das *gaspillages*, que é a intelectual. Ainda recentemente, uma frase singela de Ernst Mach, o extraordinário pensador austríaco, fez a volta ao mundo porque sintetizava uma infrangível verdade: — a ciência significa a economia do pensamento.

Ademais, o preocupar-me com uma tese, de tal porte, fora quase que admitir a ciência estagnada, há uns cinco séculos, nas páginas da *Suma Teológica*.

Mas, note-se que estou dentro do ponto; dele não me afastarei. Apenas preciso dizer que se eu subisse a esta tribuna para falar, muito seriamente, do Ser, como representando as coisas existentes ou possí-

veis; do Ser que o Cardeal Mercier, ainda há pouco tempo, com extraordinária bravura declarou constituir o objeto formal do nosso pensamento, e alguns acrescentam, de toda a filosofia; se eu fizesse isso praticaria um ato de insinceridade.

Certo, pelo simples jogo mecânico da memória, e naturalmente paralisando as forças vivas, superiores do espírito, eu poderia preencher largamente esta hora, feito um escolástico, impondo-me a mim mesmo torturas extraordinárias e pontificando muito seriamente do *ens in quantum ens* e falando das *substantiae*, das *essentiae*, já simples e puríssimas, sintetizadas num Deus, já compostas de uma matéria, *esse in potentia*, e de uma forma, *esse in actu*, combinando-se numa espécie de metaquímica maravilhosa, e constituindo todos os gêneros, todas as espécies, todos os indivíduos e todos os objetos do nosso pensamento. Mas, ainda que tentasse esta empresa, surgiria uma dificuldade insuperável: e é que o Ser, a ideia do Ser isolada, diante da fluidez correntia da realidade a que se prende o nosso pensamento, cientificamente, e, portanto, logicamente, não existe.

De fato, é até um truísmo o dizer-se hoje que o valor dos nossos conhecimentos, que o objetivo dos nossos conhecimentos, está não nas coisas, mas no encadeamento das coisas. Ninguém absolutamente o nega. Toda ciência é, sobretudo, uma coordenação de fatos presos a sistemas de relações. A realidade exterior é tão fugitiva, é tão volúvel, que ela só se nos define e só se nos fixa quando a ligamos pelos elos indissolúveis das leis em que ela se formula. Não se compreende nenhuma ciência das coisas em si, nenhuma ciência do Ser. Compreendem-se ciências de relações. E são estas as que a Lógica acompanha, assistindo-as de perto, para julgar se as condições em que se travaram estas relações são corretas e, dadas as relações, se o resultado corresponde aos seus elementos iniciais ou formadores.

Acode-me neste momento a reflexão de um homem que considero a mais pura das glórias científicas da França contemporânea, Poincaré.

Não posso repeti-lo literalmente. Mas Poincaré, em resumo, nos diz que, se por acaso um Deus conseguisse, afinal, descobrir a natureza do Ser, a natureza íntima das coisas, e pudesse falar aos nossos ouvidos terrenos, nem por isso adiantaríamos muito, por uma razão – nós não o compreenderíamos.

Eu poderia, continuando neste rumo (se não temesse abandonar o assunto, porque efetivamente não desejo abandoná-lo) mostrar também, percorrendo de relance a história da ciência, e mais particularmente das teorias científicas, que todas elas, quando desabam, trazem sempre dentro do seio, uma dessas ideias ontológicas ou absolutas. Seria um argumento negativo. Mas poderia completá-lo, mostrando as ciências que se transfiguram e se levantam pelo simples fato de abandonarem esses elementos estranhos e dissolventes.

Sugestivo exemplo está na Física. Apesar da ação extraordinária de Galileu, ela só se sistematizou, definitivamente, e se racionalizou, e pôde francamente desencadear todo o vigor do seu método predominante, quando se viu expurgada de oito ou dez fluidos e da hipótese do calórico.

A Astronomia, constituída há tanto tempo, só se revestiu de caráter inteiramente positivo depois que a hipótese dos turbilhões varreu os anjos; postos, inexplicavelmente, por Kepler, às ilhargas dos planetas e predestinados a guiá-los com segurança nas órbitas, cujo traçado geométrico ele descobrira.

A Biologia, ao desenvolver-se, abandonou um sem número de pré-noções, submetendo-se à influência exclusiva do raciocínio experimental, instituído por Claude Bernard; e hoje, progredindo, liberta-se da própria “ideia diretriz”, que este ainda lhe deixara no seio, como último reflexo ou refúgio da finalidade.

A sociologia, até há pouco ainda, sujeitava-se exclusivamente a uma lei incompleta, ou pelo menos de aproximação muito precária, porque visava caracterizar o desdobramento evolutivo das sociedades, por sua natureza extremamente complexa, considerando uma variável única – o tempo; e tinha, a orientar-lhe as investigações, a preocupação flagrantemente metafísica de uma Humanidade ideal.

Hoje, transfigurada, progride, pela simples circunstância de ater-se à consideração dos “fatos sociais” em toda a sua extrema variabilidade.

Na Química, depara-se-nos exemplo mais expressivo. Ela surgiu, de golpe, aparelhada inteiramente, da noite para o dia, de uma experiência única de Lavoisier. Mas, nesta experiência, ao mesmo passo que se revelava a verdade experimental da oxidação, demolia-se a velha entidade metafísica: o *flogístico*, de Stahl.

Poderia continuar por aí, mas prefiro cingir-me ao ponto; e é bem possível que, fixando-me nele, encontre novos argumentos.

A ideia de Ser, de *substância*, de *essência* – porque tem vários nomes esse Proteu metafísico – a ideia do Ser é um velho sonho, ou melhor, é um belo pesadelo da humanidade.

Ela surgiu, pela primeira vez, muito apagadamente, com o hилоzoísmo antigo; ou antes, o hилоzoísmo helênico foi a nebulosa espiritual em que ela principiou a germinar, ainda incharacteristicamente, em uma evolução indecisa. Aí, a ideia do Ser, que seria mais tarde o motivo das maiores discórdias filosóficas, está ainda *in potentia*, como diria Aristóteles ou o seu avatar medieval, S. Tomás de Aquino.

Então, o espírito e a matéria confundiram-se. Mais propriamente, somente a matéria, aviventada por um intenso antropomorfismo, existia, vibrátil, em transfigurações excessivas, onde se iam formando os vários seres da natureza.

Compreende-se que não possa delongar-me considerando, em seus diferentes aspectos, essas concepções primitivas, a que se alia a Física, incipiente dos Iônios.

Apenas, incidentemente, notarei, a correr, uma gravíssima falta de lógica, certo, já perpetrada antes, porém mais acentuada a partir daquela quadra, na qual os máximos ancestrais do materialismo moderno se abalaram à tentativa prematura de uma síntese objetiva. Os extraordinários pensadores, entre os quais avultava Tales (que tem, como se sabe, uma posição singular na Filosofia, por ter sido o descobridor da primeira lei científica) aberraram então, realmente, da Lógica, desgarrando-se num desvio de método, cujas consequências, avolumando-se pelos séculos em fora, se constituiriam o determinante de quase todas as aberrações ou erronias filosóficas. Este desvio está na facilidade ou no alvedrio com que se estabeleceram “princípios” – princípios dos quais se tiravam depois, dedutivamente, todas as ciências. Deslembavam-se de que as verdades científicas, em começo, só se estabelecem indutivamente. E este erro propagou-se pela humanidade em fora, refletindo-se, ao mais leve exame, nos exageros de todos os sistemas filosóficos. O nome de “princípios” nasceu e persistiu até hoje, trazendo, desde a origem, a eiva de uma clamante antinomia.

Com os Eleatas, a ideia do Ser pareceu organizar-se. Anaxágoras destacou da matéria caótica, amorfa, inerte, o *nous*, o espírito vibrátil e refulgente, propiciando, assim, o dualismo platônico, no qual se instituiu a hegemonia soberana das ideias sobre a matéria imperfeita e contingente.

Como quer que seja, o Ser surgiu, pela primeira vez, da fusão de dois princípios: – a matéria e a ideia.

Aristóteles caracterizou-lhes, então, as relações recíprocas: e, ao traçar, subsecutivamente, o quadro das suas categorias, promoveu a

nova ideia – a ideia do ser (*substantia, essentia*), em chefe de classe das propriedades que ele arbitrariamente indicou para servirem de atributos comuns de todas as coisas, ou pontos de semelhança de todos os objetos do pensamento.

A escassez do tempo impossibilita-me, infelizmente, de considerar de frente a grande ilusão de Aristóteles, ao imaginar que o seu quadro de categorias representasse não já os seres como os concebemos, senão também como eles, de fato, existem na natureza; ilusão que se delatou por 15 séculos ou mais, e foi compartilhada pelos mais robustos espíritos ao admitirem que, naquela moldura, se refletisse a natureza toda, dos fenômenos mais elementares aos mais complexos.

O meu fim único é dizer que esta ideia lançada à frente da Filosofia, pelo maior gênio da Antiguidade, a ideia do Ser, sujeito universal dos atributos comuns de todas as coisas, nunca mais se removeu do primeiro plano das divagações metafísicas.

De pronto, não poderei discriminar todas essas divagações. Felizmente, a Metafísica tem isto de vantajoso: varia na forma; altera-se, ou transmuda-se, consoante as várias perspectivas que determina, mas os seus caracteres essenciais persistem inalteráveis. A ideia do Ser, por exemplo. Ela constituiu e constitui ainda, dos mais remotos tempos até hoje, o lastro principal de toda a Metafísica, sob os seus mais díspares aspectos.

Que é a ideia do Ser para a Metafísica?

Para a Metafísica, de um modo geral, é isto: a mais simples (e alguns aditam um superlativo impossível) – a mais simples e a mais universal de todas as ideias. É tudo quanto existe – substância ou propriedade: é a primeira e a última palavra da ciência, porque todas as ciências têm por objeto determiná-la, analisando já o Ser em si, já o seu conteúdo, já as relações entre o Ser e os elementos que o compõem.

Assim, apareceu na Filosofia a trilogia da tese, da antítese e da síntese.

Considere-se o Ser na sua integridade perfeita, como unidade: teremos a tese; examine-se subsecutivamente o Ser em seus elementos, como multiplicidade – e teremos realizado a antítese; finalmente, façamos reagir sobre esses elementos desagregados e contrapostos, que por vezes vivamente se repulsam, a influência misteriosa do todo, originando uma harmonia suprema – e atingiremos a síntese.

Assim se faz a determinação de todos os princípios do Ser. O homem, por exemplo, é uma unidade – é a tese; o homem biparte-se em alma e corpo, em espírito e matéria – é antítese; estes dois elementos, ao cabo, se justapõem, o espírito superpondo-se à matéria sem com ela confundir-se, uma e outro unidos, mas distintos – e assim se realiza a síntese.

Não vale a pena continuar. Neste jogo inexpressivo e inútil de palavras, o assunto é naturalmente ilimitado. Mas confesso que a minha educação filosófica, certo por demasiado modesta, me incompatibiliza de todo com essas divagações.

Só poderia enveredar por aí considerando, talvez, o lado pitoresco da questão, porque, realmente, entre Platão e Jouffroy, há numerosos espécimens, interessantíssimos e originais, de sonhadores, que, em todos os tempos e em toda a parte, tanto se afatigaram na urdidura dos romances transcendentais das ideias e dos seres.

Mas prefiro definir claramente o meu pensamento relativamente ao nosso ponto essencial; embora esse pensamento careça de originalidade, seguirei de perto os ensinamentos claros da psicologia contemporânea.

Penso que o Ser não pode constituir objeto do nosso pensamento, porque, já contemplando o mundo pela observação exterior, já con-

templando o nosso eu, reflexivamente, numa introspecção profunda; num e noutro caso – do mundo e do nosso eu – as coisas que nós realmente conhecemos são as nossas sensações. Nada mais.

Toda a psicologia moderna, no seu carácter rigorosamente experimental (embora ela não abandone – porque não o deve abandonar – o método próprio, que a define, que é o da introspecção) toda a psicologia moderna nos demonstra, de maneira iniludível, o carácter mediato das nossas percepções. A sensação é o intermediário obrigatório entre a nossa inteligência e o mundo. Mais incisivamente: entre a nossa inteligência e o mundo está o nosso sistema nervoso. Nesta afirmativa reproduzo o pensamento integral da maioria dos psicólogos destes dias. Fora inútil nomeá-los.

As modificações produzidas em nossa organização nervosa pelos excitantes externos são o único objeto direto da nossa consciência. Daí se infere, naturalmente, a necessidade de distinguir a sensação – que é o único objeto direto da nossa consciência – da causa exterior, da causa que no-la produz, isto é, do objeto exterior, que não negamos. Negamos, porém, que a sensação reproduza exatamente o objeto externo. E a prova temo-la ainda nos documentos da mais remota psicologia.

Propositamente, me estarei em experiências velhas de 200 anos, que a tanto remonta a lei da *energia específica dos nervos*, de Muller.

À luz desta lei, que persiste inabalável em meio de todas modificações inerentes ao próprio desenvolvimento das ciências, a natureza de nossas impressões depende menos da natureza dos agentes ou excitantes externos, que no-las determinam, que da natureza do órgão sensorial que as recebe, do cordão nervoso que as transmite ou propaga, e do órgão receptor que as recolhe.

Projetai um raio de luz numa pupila, exercei um recalque, ou pressão sobre um globo ocular; fazei que atravessasse uma corrente elétrica,

seccional, de um talho de bisturi, o nervo ótico... Aí, então, sem dúvida, quatro agentes, de todo em todo diferentes, produzem a mesma impressão luminosa. Por outro lado, e inversamente, um mesmo agente, variamente aplicado, pode determinar, ora uma impressão de som, ora uma impressão de cor. Não há fugir-se às consequências de tais fatos. Diante deles põe-se de manifesto quão ilusória é toda tentativa de descobrir-se a natureza íntima das coisas.

Muito provavelmente (e não sou eu quem fala, é o Diretor do Laboratório de Psicologia Experimental da Sorbonne, isto é, da mais conservadora, talvez, entre todas as instituições científicas) muito provavelmente, diz ele, fora de nós, na natureza, não há extensão, não há coisa alguma do que nos é ordinariamente dado pelas sensações.

A luz é apenas a excitação do nervo ótico. A luz brilha e refulge somente em nosso cérebro. Nada absolutamente nos diz que o excitante, o agente exterior que a propicia, seja luminoso. Em pleno deslumbramento de uma aurora, é bem possível que, em torno, fora de nós, esteja de fato a noite, a noite eterna e indescritível. O som, por sua vez, é uma excitação do nervo acústico. O ruído está todo no nosso cérebro. Nada nos demonstra que o agente externo seja sonoro. Escutemos os rumores profundos da natureza, os barulhos irritantes das cidades; em roda de nós, falam vozes amigas, estalam gritos agressivos; e os rumores e os barulhos, e as vozes e os gritos, temo-los dentro de nós mesmos. Fora de nós, está, talvez, a mudez eterna e misteriosa das coisas.

O mesmo se diria dos demais sentidos.

Destarte, bem se pode repetir com Stuart Mill, que tudo quanto podemos afirmar da realidade externa, é que ela é a causa desconhecida e misteriosa das nossas sensações.

Não poderemos ir além. O aparelho nervoso, que nos associa à realidade, é paradoxal. É um elo e um isolador. Mostramo-la, mas afastamo-la.

Ora, neste contraste explica-se a separação que se estabeleceu entre a ciência e a Metafísica; entre a Lógica e a idealidade filosófica. A ciência entrega de bom grado às temeridades da Metafísica esse Incognoscível, que existe de fato, menos talvez pela natureza que acaso possa existir nas coisas que nos rodeiam, do que em virtude da fatalidade da nossa própria natureza. A Metafísica que lhe dê, à vontade, um nome, escolhendo um S maiúsculo e denominando-o o *Ser*, ou um S ainda maior, dando-lhe o nome de *Substância*, e que se debata ansiosamente entre as voltas constritoras destes maiúsculos pretensiosos. A ciência é mais modesta; cuida apenas das relações dos fenômenos, isto é, das causas como se nos aparecem. Esta relação mútua entre as coisas é a nossa única realidade; é objeto único do conhecimento.

O que nós chamamos mundo exterior é apenas o complexo das nossas sensações; e o destino da ciência está precisamente no determinar a solidariedade em que elas se travam por meio de leis que estabeleçam as suas dependências e vibrações.

Infelizmente, a hora está muito adiantada. Não devo prosseguir atentando mais de perto no problema da nossa percepção.

Se o fizesse, veríamos que as percepções, sobretudo as externas, são síntese, sensações, algumas bastante complexas, a que se associam imagens (porque toda percepção se pode definir: uma sensação seguida por uma escolta de imagens) num travamento tão íntimo que, às vezes, nos afigura intuição imediata o que não raro traduz uma sucessão de numerosas impressões.

Estudando-as, verificaríamos com maior destaque o caráter de relatividade das nossas percepções, e demonstraríamos com mais limpidez a permanente ilusão do mundo exterior.

Ilusão ou alucinação

Taine emitiu a este propósito um dos conceitos mais extraordinários e profundos de toda a Psicologia: “Tudo o que divisamos em torno se traduz numa *alucinação verdadeira*”.

A frase resiste à mais rigorosa análise na sua concisão incomparável.

Alucinação: porque tudo quando dissemos, anteriormente, prova que o denominado objeto externo é uma síntese muito intensa, travada e retravada, de sensações; verdadeira: porque é fixa, porque é superior à nossa vontade; verdadeira: porque ela impressiona igualmente aos nossos semelhantes; porque é normal, não destoa na harmonia da nossa consciência; e não é patológica.

Realizei parte da minha tarefa.

Tenho, bons ou imperfeitos, mas definidos motivos para não acreditar na ideia absoluta do Ser. Daí, o admitir também que as nossas sensações exteriores, oriundas da contemplação do mundo, e as nossas próprias observações internas, na visão reflexiva do nosso *eu*, não podem cientificamente, nem legitimar logicamente os próprios conhecimentos que elas nos sugerem.

Não creio que se possa inferir destas palavras uma profissão de ceticismo.

Neste caso, seria um cético Leibniz, o mais crente dos filósofos, porque para ele também a realidade é um sonho, apenas acrescentando “um sonho bem ligado”.

Urge, entretanto, esclarecer um ponto: a ilusão a que me refiro não é a ilusão no significado vulgar – porque na realidade as sensações vão, em nossa consciência, acompanhando paralelamente as vá-

rias excitações derivadas do meio. Ora, as percepções, sendo sínteses de sensações, revelam naturalmente que este meio externo, de qualquer modo que o consideremos, existe. Para isto se faz mister que elas o retratem fielmente.

As percepções não delinham o objeto exterior, não o desenham; não o decalcam numa semelhança completa; as percepções simbolizam-no.

A realidade, com todos os seus deslumbramentos e todos os seus aspectos infinitos, apresenta-se-nos sob a forma de um perpétuo simbolismo.

Poderemos, porventura, rompê-lo ou decifrá-lo? Podemos corrigir os efeitos desta espécie de refração espiritual que se realiza em nós? Conseguiremos ver, através do que se nos apresenta, o fato *noumenal*? Teremos vigor para quebrar os ídolos da nossa caverna?

Em resumo: Poderemos ter afinal uma ideia adequada e perfeita do que se chama o Ser?

Naturalmente, não.

Basta considerar-se que, desde os primeiros dogmáticos até a prodigiosa concepção de Kant, a ideia, ou pensamento, ou tentativa de descobrir a essência íntima das coisas, ou de definir as substâncias de que todas as coisas se originam como modalidades, perdeu continuamente o terreno em todo o decorrer da história, até reduzir-se (antes da elaboração da filosofia crítica, que libertaria o espírito humano dessa obsessão inútil) à substância única de Descartes, a *extensão*; ou à *extensão* e *impenetrabilidade*, ou resistência, de Leibniz.

Não valeu ao ideal metafísico, neste recuo, o próprio auxílio formidável de Spinoza, tentando, *more geometrico*, resolver o problema indecifrável.

O aparecimento de Spinoza, na Filosofia, lembra um cataclisma na região superior do pensamento.

Não se medem as ousadias de um espírito que parece haver tentado tomar de assalto o Absoluto.

Brochard o esculpiu admiravelmente. Para o filósofo holandês, é por uma sorte de intuição imediata ou visão direta que o pensamento desvenda as coisas inteligíveis. O conhecimento verdadeiro não se distingue absolutamente da realidade. A realidade, de algum modo, se impregna de pensamentos. A certeza é a própria verdade. E a verdade, reflexo superior do Ser, é, por isto mesmo, o critério de si mesma. *Verum index sui*.

Mais tarde, Bossuet repetiu, como um eco: *A Verdade é o Ser*.

Ora, em todo esse desvio ideativo, de balde procuro um lugar para a Lógica.

Se o Ser se impõe desta maneira inelutável, de modo que o simples fato da certeza racional é uma condição suficiente da realidade, o que cabe à Lógica – à velhíssima lógica dedutiva – anterior a Bacon – é apenas fornecer a estas idealizações os quadros vazios de seus monótonos silogismos para que deles se tirem as deduções mais singulares.

Neste arquitetar de construções fantásticas, ou melhor, neste alinhar os cantos de seu vasto poema filosófico, não maravilha que Spinoza – e insisto neste nome porque Spinoza é o mais típico e o maior representante do dogmatismo metafísico – não maravilha que Spinoza, realizando o milagre de um desvairamento metódico, ao mesmo passo que harmonizava a sua mentalidade poderosíssima e desequilibrada com as argumentações mais inflexivelmente matemáticas, chegasse a extraordinárias conclusões – legítimas, todas corretas, mas inquinadas da falsidade original das premissas – entre as quais se destaca a negação do erro.

Era, talvez, o meio único de evitar o dizer-se, mais tarde, que toda a sua filosofia estava errada.

Está a esgotar-se o tempo. Terminarei recordando uma frase de um dos mais sutis e claros espíritos do final da Idade Média, César Vannini, que, como Giordano Bruno e Bacon, foi um dos paraninfos do pensamento moderno. Nesta frase, pronunciada a propósito de questões metafísicas, Vannini realiza, o que mui raras vezes acontece, o consórcio da ironia e do bom senso. Adaptando-a ao meu pensamento, direi: “a Metafísica é uma ciência soberana e adorável, de grandes e privilegiados recursos; é uma formosa ciência, que nos incute conhecimentos inestimáveis e raros; mas é uma ciência que só se deve estudar quando se é velho, rico e alemão”.

(risos)

As duas últimas condições dizem de modo iniludível que jamais estudarei Metafísica.

Sendo assim, persistirei tranquilamente nas últimas linhas dos criticistas irredutíveis e tranquilos, e indiferentes a todas as inúteis indagações, perenemente insolúveis.

(Palmas)

 OUTROS ESCRITOS

Dois artigos

Ao deixar o Exército em definitivo, Euclides retornou à colaboração em *O Estado de S. Paulo* e publica, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897, dois artigos com o título “A Nossa Vendeia”. O desastre da 3.^a Expedição a Canudos comandada pelo Coronel Moreira César, com a morte do comandante, provocara um clamor nacional e motivou o primeiro desses artigos. O artigo tem uma descrição da região, baseada nos estudos vários, mas terminava por comparar o tabaréu sertanejo ao “chouan” da Vendeia, que se revoltara contra a Revolução e se batia pela restauração da Monarquia. Concluía dizendo: “A República sairá triunfante desta última prova”.

Quatro meses transcorreram entre os dois artigos, presumindo que Euclides nesse período se documentara melhor sobre a matéria. Aprofunda certos temas, examina os motivos pelos quais o Exército não consegue debelar a rebelião e registra “admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República”.

Certamente Júlio de Mesquita, diretor do jornal, estava consciente que Euclides era a figura ideal para correspondente do mesmo, e solicita ao Presidente Campos Salles que Euclides fosse para Canudos, adido do Estado Maior do Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt.

I. A NOSSA VENDEIA*

O relatório apresentado em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia, determinada pelo vale do Irapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se alevanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica – Canudos.

Pertencente ao sistema huroniano, ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo, nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.

Embora, com a regularidade que lhes é inerente, passem sobre ele impregnados de umidade adquirida em longa travessia do Atlântico, na direção de noroeste, os ventos alísios – a ação benéfica destes é em grande parte destruída, simultaneamente, pela disposição topográfica e pela estrutura geognóstica da região.

Assim é que falta a esta, talvez, correndo em direção paralela à costa, uma alta cadeia de montanhas – destinadas na física do globo a individualizar os climas, segundo a expressão sempre elegante de Humboldt – na qual refletindo ascendem aquelas correntes às altas regiões aonde um brusco abaixamento de temperatura, determinado pela dilação num meio rarefeito, origine a condensação dos vapores e a chuva.

*  Publicado no *Estado de S. Paulo*, em 14 de março de 1897.

A observação do relevo da nossa costa justifica em grande parte esta hipótese despreziosamente formulada. De fato, terminada a majestosa escarpa oriental do planalto central do Brasil, a Serra do Mar, que desaparece na Bahia, diferenciada em serras secundárias, acentua-se de modo notável para o norte a depressão geral do solo de ondulações suaves, patenteando num ou noutro ponto apenas, sem continuidade, as massas elevadas do interior.

Por outro lado, a estrutura geognóstica daquela região, composta em grande parte de rochas dotadas de alto poder absorvente para o calor, determina naturalmente a ascensão quase persistente de grandes colunas de ar, ardentíssimas, que dissipam os vapores ou afastam as nuvens que encontram.

Da concorrência de tais fatos, acreditamo-lo, resulta provavelmente a causa predominante das secas que periodicamente assolam aquelas paragens, estendendo-se com maior intensidade aos Estados limítrofes do interior.

Daí a aridez característica, em certos meses, dos sertões do Norte.

Nessas quadras, a relva requeimada, através da qual, como única vegetação resistente, coleiam cactos flageliformes reptantes e ásperos, dá aos campos, revestidos de uma cor parda intensa, a nota lúgubre da máxima desolação; o solo fende-se profundamente, como se suportasse a vibração interior de um terremoto; as árvores desnudam-se, despidas das folhagens, com exceção do juazeiro de folhas elípticas e coriáceas, — e os galhos que morreram ficam por tal modo secos que, em algumas espécies, basta o atrito de um sobre outro para produzir-se o fogo e o incêndio subsequente de grandes áreas.

E sobre as chapadas desertas e desoladas alevantam-se quase que exclusivamente os mandacarus (*cereus*) silentes e majestosos; árvores providenciais em cujos galhos e raízes armazenam-se os últimos recur-

sos para a satisfação da sede e da fome ao viajante retardatário – cactáceas gigantes que, revestidas de grandes frutos de um vermelho rutilante e subdividindo-se com admirável simetria em galhos ascendentes, igualmente afastados, patenteiam a conformação típica e bizarra de granes candelabros firmados sobre o solo... “Então”, diz Saint-Hilaire, “um calor irritante acabrunha o viajante, uma poeira incômoda levanta-se sob seus passos e algumas vezes mesmo não se encontra água para mitigar a sede. Há toda a tristeza de nossos invernos com um céu brilhante e os calores do verão.”

Sem transição apreciável, entretanto, a estas secas intensas e nefastas, sucedem, bruscamente às vezes, as quadras chuvosas e benéficas: impetuosas correntes rolam sobre o leito de rios que dias antes, completamente secos, davam ideia de largas estradas tortuosas, lastradas de quartzo fragmentado e grés duríssimo, conduzindo a lugares remotos do sertão.

E sobre os campos, em cujo solo depauperado vingavam apenas bromélias resistentes e cactos esguios desnudos, florescem o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas; a jurema (acácia), predileta dos caboclos, e os mulungus interessantíssimos em cujos ramos tostados e sem folhas desdobram-se, como flâmulas festivas, grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante.

“O ar que então se respira”, diz o ilustre professor Caminhoá, “tem um aroma dos mais agradáveis e esquisitos. Uma temperatura de 16° a 18°, à noite e pela manhã, obriga a procurar agasalho aos que poucos dias antes dormiam ao relento e com calor. As aves que tinham emigrado para as margens e lugares próximos dos rios e mananciais voltam a suas habitações. Foi ali que compreendemos quanto é bem dado aos papagaios o nome específico de *festivus*. Com efeito, quando che-

gam os bandos dessas aves a gritarem alegremente, acompanhadas de um sem-número de outras, começam logo a se animar aquelas paragens e como que a natureza desperta.

Então, o sertanejo é feliz e não inveja nem mesmo os reis da Terra!.

Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre os dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterelidade. Este último aspecto, porém, infelizmente, parece predominar.

A este inconveniente alia-se um outro, derivado da disposição geral do terreno. Assim é que todo contraposta à topografia habitual dos nossos campos do sul – ligeiramente ondulados e descambando em suaves declives para os inúmeros vales que os rendilham, caracterizam-se aqueles pelas linhas duras e incisivas das fundas depressões, terminando os tabuleiros bruscamente em escarpas abruptas, separando-se os cerros por desfiladeiros estreitos, flanqueados de grotas cavadas a pique...

Com muito maior intensidade que no Sul observa-se ali a ação modificadora dos elementos sobre a terra.

Nos lugares em que a ação mecânica das águas, determinando uma erosão mais enérgica, faz despontar a rocha granítica subjacente, observa-se quase sempre um fenômeno interessante. Esta última apruma-se, largamente fendida em direções quase perpendiculares, dando a ilusão de lanços colossais e semiderruídos de ciclópica muralha, nos quais as lajes enormes dispõem-se às vezes umas sobre as outras, com admirável regularidade. Este fato, largamente observado por Livingstone nas baixas latitudes africanas, traduz a inclemência do meio.

Patenteia a alternativa persistente do calor dos dias ardentíssimos e o frio da irradiação noturna de onde resulta a disjunção da rocha em virtude deste jogo perene de dilatações e contrações.

Estes rudes monumentos, aos quais não se equiparam talvez os *dolmens* da Bretanha, quebram em grande parte a monotonia da paisagem avultando, solenes, sobre o plano das chapadas...

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações de águas, na azáfama ruidosa e álcacre das vaquejadas, os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido – das amplas perneiras ao chapéu de abas largas – tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida faca de arrasto, com que investe e rompe intrincados cipoais.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam.

O homem e o solo justificam assim e algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendaia, o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.

A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da

Vendeia – heróis intangíveis que, se escoando céleres através das charneças, prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas...

Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.

Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova.

2. A NOSSA VENDEIA*

Sob este título, há tempos, ao chegar a notícia de lamentável desastre, descrevemos palidamente a região onde nesta hora, com extraordinário devotamento, batem-se as forças republicanas.

Adotemo-lo de novo.

Infelizmente prevíamos os perigos futuros e aquela aproximação histórica, então apenas esboçada, acentua-se definitivamente.

A situação não pode, entretanto, surpreender a ninguém.

Os tropeços que se antolham às forças da República, a morosidade das operações de guerra e os combates mortíferos realizados, surgem naturalmente das próprias condições da luta, como um corolário inevitável.

O nosso otimismo impenitente, porém, que preestabelecera às marchas das colunas do General Artur Oscar, a celeridade e o destino feliz das legiões de César, mal sofria uma nova desilusão e caracteriza como um insucesso, como um prenúncio inequívoco de derrota, o que nada mais é do que um progredir lento para a vitória.

Esquecemo-nos de exemplos modernos eloquentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afhans, a França em Madagascar e a Itália, recentemente, às arrancadas com os abissínios, patenteiam-nos, entretanto, reverses notáveis de exércitos regulares aguerridos, bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impetrável de emboscadas.

A profunda estratégia europeia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar, pior do que a tática russa do deserto.

*  Publicado no *Estado de S. Paulo*, em 17 de julho de 1897.

De fato, nada pode perturbar com maior intensidade o mais seguro plano de campanha do que esse sistema de guerra que, sem exagero de frase, se pode denominar – a tática da fuga – na qual, adaptadas de um modo singular ao terreno e invisíveis como misteriosas falanges de duendes, as forças antagonistas irrompem inopinadamente de todas as quebradas, surgem de modo inesperado nas anfratuosidades das serras, nas orlas ou nas clareiras das matas e, fugindo sistematicamente à batalha decisiva, diferenciam e prolongam a luta, numa sucessão ininterrupta de combates rápidos e indecisos.

A organização mais potente de um exército, que é um organismo superior com órgãos e funções perfeitamente especializadas, vai-se, assim, em sucessivas sangrias, deperecendo até a adinamia completa, ante as hostes adversárias, de uma organização rudimentar, cuja força está na própria inconsistência, cujas vantagens estão na própria inferioridade e que, desbaratados hoje, revivem amanhã dos próprios destroços, como pólipos.

Ora, quem observa, esclarecido embora por escassas informações, a disposição topográfica desse trecho dos sertões da Bahia, para o qual se dirige agora toda a atenção do nosso país, reconhece, de pronto, que ele se presta de modo notável à guerra de recursos com todo o seu cortejo de reveses.

Sem um sistema orográfico definido, na significação rigorosa do termo, a região caracteriza-se, de um modo geral, pela feição caótica e acidentada que lhe imprimiu o tumulto das águas nas épocas remotas em que a ação violenta destas, arrastando as camadas de grés que a revestiam, desnudou-a em muitos pontos, aprofundando-se em outros, segundo a resistência variável das rochas, até aos terrenos mais antigos.

Daí o seu aspecto bizarro e selvagem.

Em que pese à sua imobilidade aparente, a natureza, ali, nas linhas vivas dos *plateaux* que terminam bruscamente em paredões a prumo, separados pelos vales profundos a que ladeiam escarpas abruptas e a pique, cindida pelas quebradas ou pelos desfiladeiros que recortam as serras, apurando-se mais longe em afloramentos imensos de gnaisses “cujas formas fantásticas recordam ruínas ciclópicas” – parece haver estereografado toda a desordem, toda a ação violenta e a tumultuada dos elementos que a assaltaram.

A Serra do Aracati, agremiação incoerente de serrotes contornando as caatingas que se desdobram, até o Irapiranga, na direção média de NE, inflete vivamente antes de chegar a Monte Santo, numa direção perpendicular à anterior e subdividindo-se em morros isolados, mas próximos, determina entre aquela localidade e a de Canudos a linha mais acidentada, talvez, de toda a zona.

Prolongando-se para o norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte, e subsequentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó.

A marcha do exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas.

Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.

Por outro lado, na quadra atual, sob o influxo das chuvas, revestem-se os amplos tabuleiros, as encostas das serras e o fundo dos vales, de uma vegetação exuberante e forte, vegetação intensamente tropical, cerrados extensos impenetráveis, em cujo seio a trama inextrincável das lianas se alia aos acúleos longos e dilacerantes dos cactos agrestes.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pasto-

ril, o jagunço, traiçoeiro e ousado, rompe-os atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipóis.

Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso e abrupto.

Caindo inopinadamente numa emboscada, ao atravessarem uma garganta estreita ou um capão de mato, os batalhões sentem a morte rarear-lhes as fileiras e não veem o inimigo – fulminando-os do recesso das brenhas ou abrigados pelos imensos blocos de granito que dão a certos trechos daquelas paragens uma feição pitoresca e bizarra, amontoado no alto dos serros alcantilados, como formas evanescentes de antigas fortalezas derruídas...

Compreende-se as dificuldades da luta nesse solo, impraticável quase.

A Espanha não o teve melhor para abalar o exército napoleônico que nela se exauriu depois de atravessar numa marcha triunfal quase que a Europa inteira; não o tem mais apropriado a ilha de Cuba, hoje, revivendo, um século depois, numa inversão completa de papéis, contra a Espanha, o mesmo processo de guerra perigosíssimo e formidável.

Ora, a estes obstáculos de ordem física aliam-se outros igualmente sérios.

O jagunço é uma tradução, justalinear quase, do *iluminado* da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo.

Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.

Por outro lado, as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os bacamartes grosseiros ou para as rudes espingardas de pederneiras. A natureza que lhes alevantou trincheiras na movimentação irregular do solo – estranhos baluartes para cuja expugnação Vauban não traçou regras – fornece-lhes ainda a carga para as armas: as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitões dos córregos, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas.

A marcha do exército nacional, a partir de Geremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo.

E se considerarmos que, a partir daqueles pontos, convergindo para o objetivo da campanha, as colunas, nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos à longínqua base de operações em Monte Santo, deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos, somos forçados a admitir que a arte, esta sombria arte da guerra que obedece a leis inexoráveis, foi ofuscada num admirável lance de coragem.

As suas regras, entretanto, devem prevalecer.

Um exército não pode dispensar uma linha de operações, segura e francamente praticável, ligando-o à base principal afastada, através de pontos de refúgio intermediários ou bases de operações secundárias, para as quais refluem as forças em caso de revés ou seguem facilmente os recursos que se tornam necessários.

A viagem recente, de Canudos a Monte Santo, das forças sob o comando do coronel Medeiros é um exemplo frisante.

Toda a campanha ficou em função daquela força expedicionária; a sorte de um exército ficou entregue a uma brigada diminuta. Entretanto, tal não sucederia se a linha de operações tivesse como pontos determinantes duas ou três posições estratégicas, aonde forças em número relativamente diminuto se firmem, auxiliando eficazmente as comunicações entre a base de operações e o exército.

As forças auxiliares que partem hoje do Rio de Janeiro irão, certo, iniciar estas medidas urgentes, corrigindo uma situação anormalíssima.

Não basta garantir Monte Santo — é indispensável ligá-lo o mais estreitamente possível ao exército, cujo eixo de operações alevanta-se neste momento, em frente de Canudos.

Tomadas estas providências, a campanha que pode terminar amanhã repentinamente por um golpe de audácia, mas que pode também prolongar-se ainda, será inevitavelmente coroada de sucesso.

A morosidade das operações é inevitável, pelos motivos rapidamente expostos.

As tropas da República seguem lentamente, mas com segurança, para a vitória. Fora um absurdo exigir-lhes mais presteza.

Quem, ainda hoje, observa essas monumentais estradas romanas, largas e sólidas, inacessíveis à ação do tempo, lembrando ainda a época gloriosa em que sobre elas ressoava a marcha das legiões invencíveis, irradiando pelos quatro pontos do horizonte, para a Galia, para a Ibéria, para a Germânia, compreende a tática fulminante de César...

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos,

ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação — os soldados da República.

Depoimento: morte de Machado de Assis

“**A** Última Visita” é um tocante depoimento sobre a morte de Machado de Assis, publicado no *Jornal do Commercio* de 30 de setembro de 1908, no dia seguinte ao desenlace. Machado vinha com a saúde debilitada há vários meses, sem se ausentar de casa. Diria Euclides “que um escritor da estatura de Machado de Assis só deverá extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional”.

Na véspera do falecimento, encontravam-se na casa algumas senhoras de suas relações e vários acadêmicos, quando pede para entrar na casa um adolescente que beija a mão do Mestre, aconchegou-se ao peito e saiu anônimo. Mais tarde soube ser o escritor Astrojildo Pereira.

Concluiu Euclides após descrever o episódio: “Pelos nossos olhos passara a impressão visual da Posteridade”.

A ÚLTIMA VISITA*

Na noite em que faleceu Machado de Assis, quem penetrasse na vivenda do Poeta, em Laranjeiras, não acreditaria que estivesse tão próximo o triste desenlace da sua enfermidade.

Na sala de jantar, para onde dizia o quarto do querido Mestre, um grupo de senhoras – ontem, meninas que ele carregava nos braços carinhosos, hoje, nobilíssimas mães de família – comentavam-lhe os lances encantadores da vida e reliam-lhe antigos versos, ainda inéditos, avaramente guardados nos álbuns caprichosos. As vozes eram discretas, as mágoas apenas rebrilhavam nos olhos marejados de lágrimas, e a placidez era completa no recinto onde a saudade glorificava uma existência, antes da morte.

*  Publicado no *Jornal do Commercio*, em 30 de setembro de 1908.

Como informe psicológico sobre o modo de composição de Euclides da Cunha, é interessante a gênese deste artigo, assim descrita pelo Sr. João Luso:

“Euclides – todos os seus amigos o sabem – escrevia com grande lentidão; não significava, porém, isso a falta de inspiração dos antigos nem a “tortura” dos modernos; era o seu método natural de medir – cada pensamento e cada período – para que a extensão destes correspondesse exatamente ao alcance daqueles. A homenagem que ele prestou a Machado de Assis nas colunas do *Jornal do Commercio*, vi-o eu escrevê-la, graças à facilidade do trabalho de redação que então me ocupava, familiar e quase material. A mesa em que Euclides se instalara ficava a dois passos da minha – e não haveria curiosidade mais natural do que essa de espreitar um artista admirado e queridíssimo entregue a uma obra, na qual eu tinha a certeza de que ele poria toda a sua inteligência e todo o seu sentimento. Euclides, com o cotovelo esquerdo fincado na mesa, a cabeça inclinada e apoiada na mão, compunha, de vez em quando, duas ou três linhas... Acendia um cigarro, tirava-lhe três ou quatro fumaças, arremessava-o, em mais de meio; voltava a fincar o cotovelo, a encostar a frente; e a mão direita ia e vinha sobre o papel, durante um longo minuto, vagarosamente, mas sem interrupção. Não emendava; não fazia entrelinhas – pelo menos tão amiúde que chegasse a dar-me na vista; mostrava uma serenidade perfeita; e o seu trabalho avançava linha a linha e quase se poderia afirmar que letra a letra, como uma renda nítida e delicada nas mãos da mais paciente das bordadeiras. Levou aquilo mais de três horas, para ocupar no dia seguinte um resumido espaço no jornal; e era tão eloquente a sucessão e inteireza do estilo, que se diria ter nascido tal primor de arte e de comoção, momentaneamente, dum soluço da alma trespassada dum relâmpago de gênio.”

No salão de visitas, viam-se alguns discípulos dedicados, também aparentemente tranquilos.

E compreendia-se desde logo a antilogia de corações tão ao parecer tranquilos na iminência duma catástrofe. Era o contágio da própria serenidade incomparável e emocionante em que ia, a pouco e pouco, extinguindo o extraordinário escritor. Realmente, na fase aguda de sua moléstia, Machado de Assis, se por acaso traía com um gemido e uma contração mais viva o sofrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ânsia e no apuro gentilíssimo de quem corrige um descuido ou involuntário deslize. Timbrava em sua primeira e última dissimulação: a dissimulação da própria agonia, para não nos magoar com o reflexo da sua dor. A sua infinita delicadeza de pensar, de sentir e de agir, que no trato vulgar dos homens se exteriorizava numa timidez embaraçadora e recatado retraimento, transfigurava-se em fortaleza tranquila e soberana. E gentilissimamente bom durante a vida, ele se tornava gentilmente heroico na morte...

Mas aquela placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Netto, Graça Aranha, Mário de Alencar, José Veríssimo, Raimundo Corrêa, Rodrigo Octavio, comentários divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral, não se compreendia que uma vida, que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as através de análises sutilíssimas, para no-las transfigurar e ampliar, aformoseadas em sínteses riosas, que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. Um escritor da estatura de Machado de Assis só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.

Era pelo menos desanimador tanto descaso da cidade inteira, sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade de sua existência complexa — quando faltavam poucos minutos para que se cerrassem 40 anos de literatura gloriosa.

Neste momento, precisamente ao enunciar-se este juízo desalentado, ouviram-se umas tímidas pancadas na porta principal da entrada.

Abriam-na. Apareceu um desconhecido, um adolescente, de 16 ou 18 anos, no máximo. Perguntaram-lhe o nome. Declarou ser desnecessário dizê-lo: ninguém ali o conhecia, não conhecia por sua vez ninguém; não conhecia o próprio dono da casa, a não ser pela leitura de seus livros, que o encantavam. Por isto, ao ler nos jornais da tarde que o escritor se achava em estado gravíssimo, tivera o pensamento de visitá-lo. Relutara contra esta ideia, não tendo quem o apresentasse: mas não lograra vencê-la, que o desculpassem, portanto. Se lhe não era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos notícias certas de seu estado.

E o anônimo juvenil – vindo da noite – foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do Mestre; beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-a depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.

À porta, José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lhe.

Mas deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino desta criança, ela nunca subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo – no meio-segundo em que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis – aquele menino foi o maior homem de sua terra.

Ele saiu e houve na sala, há um pouco invadida de desalento, uma transfiguração.

No fastígio de certos estados morais, concretizam-se às vezes as maiores idealizações.

Pelos nossos olhos passara a impressão visual da Posteridade.

 O autor do gesto mencionado no artigo de Euclides da Cunha e que dizia “dever ficar ignorado”, é Astrojildo Pereira, identificado por Lúcia Miguel Pereira em *Machado de Assis* (1936).

Fundador do Partido Comunista em 1922, escritor e ensaísta, o seu livro *Machado de Assis* (1959), apresentou uma perspectiva nova na análise do escritor como o “romancista do Segundo Império”.

Trabalho inacabado

Um *Atlas do Brasil* é o último trabalho de Euclides da Cunha, inacabado, pois o original conhecido termina com a expressão “descri”.

Euclides era colaborador do *Jornal do Commercio*, a convite de José Carlos Rodrigues, e no dia 10 de agosto vai à redação do jornal e recebe a incumbência de fazer a resenha do Atlas. Três dias depois, volta à redação para declarar que não conseguira terminar o artigo.

A resenha é um estudo exaustivo de história da Geografia, sobretudo a brasileira, e faz um balanço do que até então se fizera nessa disciplina, destacando as qualidades desse tipo de trabalho, pois *Um Atlas do Brasil* revela “[...] atributos raros de paciência, de lucidez, de claro discernimento na análise dos documentos e de lance indutivo no remate sintético dos estudos [...]. Não relutamos em incluí-lo entre os raros modelos que possuímos de uma cartografia racional e lúcida”.

UM ATLAS DO BRASIL*

A Geografia brasileira é ainda estritamente descritiva. Faltam-lhe os fundamentos geológicos. Excetuando-se a metade de São Paulo, de estrutura em grande parte conhecida, graças aos trabalhos de O. Derby e Gonzaga de Campos, o Centro de Minas, a Bahia Central, recentemente perlustrada por Branner – nos demais Estados, as várias formações até hoje definidas fragmentam-se em zonas tão largamente desunidas que, apesar da competência dos exploradores e valia real de seus estudos, dificilmente estes se ligam ou se articulam, de modo a facultarem o traçado contínuo das grandes linhas da nossa arquitetura continental. Ao mesmo tempo, faltam-nos as relações entre a constituição dos terrenos e as formas topográficas que dão à Geografia moderna, noutros países, o caráter dedutivo de uma ciência inteiramente organizada.

Mas como, por outro lado, as induções do geólogo bem pouco valem fora do quadro ou da moldura geográfica que elas pressupõem, compreende-se que a fase meramente descritiva, a que nos referimos, é uma preliminar obrigatória. Temos que traçar as linhas essenciais de relevo da terra, antes de lhe perquirirmos as origens profundas. Ao geólogo, a quem pediremos a gênese das nossas aparências terrestres superficiais, cumpre-nos fornecer de antemão os pontos de referência indispensáveis. Antes da Geomorfologia, de Morris Davis ou da Geomorfogenia, de Lawson, impõe-se-nos a constituição definitiva da Geografia propriamente dita, que somente em nossos dias vai completando-se por maneira a fixar, de par com a configuração exata dos territórios, os seus acidentes principais.

*  Publicado no *Jornal do Commercio*, em 29 de agosto de 1909.

Basta recordar a este propósito que são ainda recentíssimos os descobrimentos das últimas cabeceiras do Turuá (*sic*), do Purus e do Acre, desvendadas pelas últimas comissões mistas brasilíio-peruanas, e pelos trabalhos do Major Fawcett, da Real Sociedade Geográfica de Londres; ou que ainda nesta hora, descendo as derradeiras vertentes ocidentais do Chapadão dos Parecis, o engenheiro militar Cândido Rondon vai atravessando, em demanda de Santo Antônio do Madeira, região tão inteiramente desconhecida, que renova em nosso tempo, com o mesmo destemor e sem a mesma ferocidade, o ciclo glorioso das “bandeiras”

É que a nossa geografia está ainda em marcha. Dilata-se no desconhecido. Está em plena idade heroica das explorações ou longínquas batidas no deserto.

Sendo assim, vê-se desde logo que aos devotados à tarefa de fixar-lhe, cartograficamente, as linhas principais, não incumbe apenas a empresa incalculável de reunir e comparar e combinar um sem-número de elementos, oriundos de investigações largamente esparsas em superfícies amplíssimas, em mais de três séculos de estudos, sob os infinitos aspectos em que estes se nos mostram, desde as simples indicações dos roteiros dos missionários aos cálculos precisos das coordenadas astronômicas.

A tarefa é mais vasta e mais séria. Perdido na infinidade dos pormenores, enleando-se nas curvas de nível embaralhadas dos relevos, ou em tortuosos talvegues mal definidos, titubeante no meio de informes, e dados, e plantas, que raro conchavam, que não raro se contrariam, e muitas vezes se anulam diante de novos dados mais recentes — os nossos geógrafos de gabinete submetem-se, quase sempre, a um trabalho tão árduo quanto o dos que vão diretamente bater de frente as regiões ignoradas. Hoje, diante da geografia sul-americana, eles restauram a

mesma atitude de Guilherme Delisle ou de Bourguignon D’Anville, ante a geografia europeia do século XVIII: isto é, carecem de exercitar uma crítica superior e profunda, capaz de norteá-los com segurança no labirinto das cartas particulares, permitindo-lhes eliminar os traçados intrusos que as pervertem, corrigir as divergências que as separam, e, ao cabo, articulá-las umas às outras, mais em virtude de um esforço dedutivo que da expressão visível de seus desenhos contrastantes. Agindo desta forma, Delisle, sem se arredar da sua prancheta de cartógrafo, retificou o eixo do Mediterrâneo, e deu, pela primeira vez, à Europa, a figura real que ela conserva até hoje; ao mesmo passo que D’Anville, prolongando a mesma norma, cotejando e discutindo os resultados das expedições até então realizadas, instituiu a cartografia geral como se fora uma ciência positiva capaz de deduções infrangíveis, ou de previsões tão rigorosas que, alguma vez, o cartógrafo experimentado, nas suas viagens ideais, pode ir retificar os itinerários efetivamente trilhados pelos exploradores.

Mas, para isto, compreendem-se os atributos raros de paciência, de lucidez, de claro discernimento na análise dos documentos e de lance indutivo no remate sintético dos estudos, que se lhes requerem.

É o que nos revela – folgamos em registrá-lo – o “Atlas do Brasil”, recém-elaborado pelos Srs. Barão Homem de Melo e Dr. Francisco Homem de Melo. Não relutamos em incluí-lo entre os raros modelos que possuímos de uma cartografia racional e lúcida.

Folheando-o, logo às primeiras páginas do texto explicativo que o precede, observa-se que, se porventura os autores não enfeixam a totalidade dos requisitos precitados, tiveram inegavelmente distinta compreensão da empresa complexa a que se lançaram, iniciando-a à luz de um critério esclarecido e firme.

Assim que, considerando as linhas dominantes do relevo terrestre, elidiram, desde logo, o costumeiro abuso, ou vulgaríssima ilusão, de imaginar-se, necessariamente, uma serra ou cadeia de morros, feito *divortium aquarum* inevitável de todos os rios; e esta simples circunstância, se a defrontamos com a profusão incomparável das nossas redes hidrográficas, bastaria a revestir de excepcional valia o novo Atlas. Pelo menos, desde as suas primeiras linhas, ele se forrou ao nefasto preconceito daquela “orografia sistemática” com a qual Felipe Buache e os seus numerosos imitadores perturbaram por mais de um século toda a geografia europeia; já repartindo as terras em bacias fluviais obrigatoriamente separadas por serranias; já falseando de todo o carácter real das regiões, como fragmentá-las e vincá-las, arbitrariamente, de barreiras naturais inteiramente imaginárias.

Conforme observa Marcel Dubois, este sistema só desapareceu na Europa em meados do século passado, ao surgir a renascença geográfica, no período das *cartas de estado-maior*, isto é, quando o estudo matemático das projeções e outros aperfeiçoamentos técnicos, de par com a crítica escrupulosa de todos os acidentes, partiram ou atenuaram as cadeias rígidas com que se urdiam e entreteciam, caprichosamente, todas as malhas das redes hidrográficas.

Entre nós, porém, persistiu. Temos ainda cartas modernas, onde o Brasil se ostenta feito uma Suíça desmesurada. Não há borda viva de planalto escavado, ou terreno intermediando dois cursos de água a correrem em diversos rumos, que não ondule em cerro ou ressaia em alcantis. Revendo-as, as vistas baralhadas numa infinidade de acidentes caóticos não distinguem a característica preeminente da nossa estrutura maciça, exposta nos vastos planaltos ondeantes, que se arrimam, de uma banda, nos grandes morros de arrimo da cordilheira marítima, e de outra, descem suavemente para o interior do continente.

Ao complanado dos chapadões contrapõe-se um fervilhar de píncaros; e, no meio deles, lançando-se, contorcida, desde Minas Gerais até aos confins de Mato Grosso, as formas opulentas de uma cordilheira imaginária – a maior das nossas serras, a Serra das Vertentes – monstruosa idealização geográfica, que não sabemos se deve atribuir-se a Eschwege, ou aos precipitados cartógrafos que tanto exageraram aquela denominação, transmutando em cadeia contínua de montanhas um simples sistema de vertentes.

Entretanto, à parte as reservas do próprio Eschwege, completadas pelas observações de F. Hartt/A. Saint-Hilaire – o Professor Orville Derby, em duas excursões notáveis aos vales do Rio Grande e do São Francisco, desfez há muito a miragem dessas falsas serranias, de simples denudação, onde as magistrais raro se ajustam à orientação geral das rochas sotopostas.

Destarte se manifesta uma das raras contribuições geológicas feitas à nossa constituição geográfica, que o Barão Homem de Melo aproveitou, esclarecendo-a, além disto, com os mais frisantes exemplos enfileirados em longa série de observações: umas antiquíssimas, e reproduzidas por d'Orbigny e Castelnau, acerca da divisória do Amazonas e do Prata; outras mais recentes, como as de Emmanuel Liaís, relativamente à insignificante ondulação que separa os tributários extremos do São Francisco e do Rio Grande; ou as averbadas por W. Chandless, no abatimento amazônico dos planaltos brasileiros.

Certo, em tudo isto nada existe de original. O nosso eminente compatriota reproduz pareceres conhecidos, e renova apenas um conceito geográfico generalizado – que ainda recentemente se constatou no Purus e no Turuá (*sic*), mas separados dos derradeiros galhos orientais do Ucaíali por diminutíssimas colinas.

Tais pareceres ou conceitos, porém, até hoje esparsos em monografias, como incidentes de outros assuntos, pela primeira vez se erigem entre nós em Preliminar, expressa de um trabalho cartográfico.

Poder-se-ia também aditar que a divisão da nossa orografia, adotada pelos autores – a) Serra do Mar; b) Serra da Mantiqueira; c) ramificações do sistema interior – se última de um modo vago, e é, evidentemente, provisória. O lance, porém, vem de molde a denunciar-lhes a crítica cautelosa – atendendo-se em que, para a classificação exata das nossas verdadeiras montanhas, carecemos ainda da definição geognóstica da maioria delas, assim como da história geológica dos movimentos orogênicos que as ergueram. Durante largo tempo, as nossas ideias a este respeito serão forçadamente provisórias.

Os autores confessam a deficiência inevitável desta sistematização com a descri.....

OBS: Este trabalho Euclides não chegou a terminar.

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT; NOTAS, 9/12 PT.

